REVISTA DA SEMANA

21 de Fevereiro de 1953 Cr$ 4,00 [illegible]

REPORTAGENS CARNAVALESCAS

A MAIOR REGATA



Livros de Bôlso!

UM GRANDE PRAZER POR POUCO DINHEIRO

Edições Segredo

RIO: AV. RIO BRANCO, 25 - RUA DO OUVIDOR, 150 - RUA MÉXICO, 128 - 1º SOBRE-LOJA

SÃO PAULO: RUA CONSELHEIRO CRISPINIANO, 403

INTERIOR: PEÇA PELO REEMBOLSO POSTAL, ENVIANDO O TALÃO ABAIXO PARA O RIO DE JANEIRO

Título	Número - Preço
O Casamento e suas formalidades legais e sociais	213 - 15,00
Horoscópios para todos	197 - 15,00
As Chaves de Salomão	198 - 15,00
Dicionário de Nomes Próprios	193 - 15,00
Tenha Sangue Frio	211 - 15,00
A Cozinha Nortista	Nº 86 — 10,00
A arte de fazer doces	Nº 85 — 15,00
Aprenda a Dirigir sòzinho	141 - 15,00
Enguiços do Automóvel	138 - 15,00
Manual do Motorista	Nº 36 — 15,00
Guia do Mecânico de Automóvel	188 - 15,00
A Ortografia Correta em poucas lições, sem professor e sem dicionário — Luiz A. P. Victoria	168 - 15,00
Fala e Escreve Corretamente a Tua Língua — Luiz A. P. Victoria	Nº 27 — 15,00
Erros de Português e suas Correções	Nº 26 — 15,00
Brasileiros Ilustres	200 - 15,00
Modêlos de Cartas para todos os fins	Nº 90 — 15,00
Formulário de Correspondência Social e Familiar	162 - 15,00
Cartas de Amôr — Manoel Macêdo	Nº 20 — 15,00
Regras Oficiais Futebol	190 - 15,00
Basquetebol	211 - 15,00
Guia de Massagens	187 - 15,00
Rádio para principiantes	Nº 146 — 15,00
Vigor Sexual	Nº 6 — 20,00
Hábitos Sexuais do Homem	Nº 127 — 20,00
Sexo e Psicanálise	Nº 130 — 20,00
Vença a Timidez Sexual	145 — 20,00
A Conquista Amorosa pela aplicação da psicologia sexual	Nº 92 — 15,00
Como se fazer Amar	Nº 23 — 15,00
A Arte e a Técnica do Beijo	Nº 93 — 15,00
O que é você? Mais homem ou mais mulher?	164 — 15,00
Elimine o seu complexo de inferioridade	Nº 139 — 20,00
O que todos os homens devem saber para conquistar as mulheres	Nº 124 — 20,00
Para conquistar os homens	Nº 136 — 20,00
Estimulantes Sexuais	Nº 67 — 15,00
Problemas Sexuais dos Solteiros	Nº 66 — 15,00
A Felicidade Sexual no casamento	Nº 3 — 15,00
Práticas Sexuais no Matrimônio	Nº 125 — 20,00
Dicionário Moderno de Sexo e Amor	Nº 7-15,00
Estudos sôbre Amor e Sexo	Nº 91 — 15,00
Métodos científicos e modernos para limitar os filhos	87 - 20,00
Costumes Sexuais Estranhos	Nº 4 — 15,00
Conselhos aos pais sôbre a educação sexual dos filhos	166 - 20,00
Manual da Vida Sexual	174 - 20,00
Guia íntimo da sexualidade	Nº 5 — 15,00
Anormalidades Sexuais	Nº 95 — 20,00
Técnica e Prática Sexual — Havil	Nº 2 — 20,00
Enfermidades Sexuais	160 - 20,00
Psico-Sexualidade	Nº 126 — 20,00
A Cura da Impotência Sexual	191 - 20,00
Sensualidade	Nº 131 — 20,00
Sensualidade	132 — 20,00
Sensualidade	133 — 20,00
O Banho — O Beijo — Emile Zola	65 — 15,00
Declarações de Amor	165 - 15,00
O Nu através da arte	Nº 1 — 20,00
Jogos de Cartas (regras)	51 - 15,00
Cock-Tail de Palavras Cruzadas	157 - 10,00
Aprenda a fazer Mágicas	158 - 15,00
Anedotas	169 - 15,00
Curiosidades e Extravagâncias deste e do outro mundo	150 - 15,00
Como tirar a sorte	Nº 39 — 15,00
Como ler os pensamentos	Nº 13 — 15,00
Métodos para Hipnotisar	147 - 15,00
A Santa Cruz de Caravaca	Nº 94 — 15,00
O verdadeiro livro de São Cipriano	194 - 15,00
Contos do Vigário, Pulo dos Nove e outras trapaças	185 - 15,00
Fórmulas para Ganhar Dinheiro	153 - 15,00
Assim se Emagrece Comendo	156 - 15,00
Discursos para todas as ocasiões	Nº 122 — 15,00
1001 Informações Úteis	192 - 15,00
Desenvolva a Memória	Nº 82 — 10,00
Você Sabe Conversar?	186 - 15,00
Aprenda a Dançar sem mestre	170 - 15,00
Filosofia da Vida e do Prazer	167 - 15,00
Personalidade	183 - 15,00
Conquiste Amizades ... Simpatia	161 - 15,00
Regras para Vencer na Vida	182 - 15,00
Teoria e Prática do Existencialismo	172 - 15,00
Os 3 Mosqueteiros — Alexandre Dumas	155 - 15,00
Aprenda a fazer Versos	171 - 15,00
Dicionário de Rimas	53 - 15,00
Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. I — Luiz A. P. Victoria	80 - 15,00
Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. II — Luiz A. P. Victoria	144 - 15,00
Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. III — Luiz A. P. Victoria	189 - 15,00
Dicionário de Citações de Frases Célebres Vol. IV — Luiz A. P. Victoria	196 - 15,00
Os Escravos — Castro Alves	Nº 121 - 10,00
A Cachoeira de Paulo Afonso — Castro Alves	Nº 142 — 10,00
As Primaveras — Casimiro de Abreu	175 - 10,00
Poesias de Gonçalves Dias	84 - 10,00



Editora CERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 2-B - Rio

(Não temos catálogo)

Peço enviar pelo REEMBOLSO POSTAL os livros cujos números indico abaixo:

... ...

BASTA INDICAR O NÚMERO

(Não mande dinheiro, ou selos, nada adiantado)

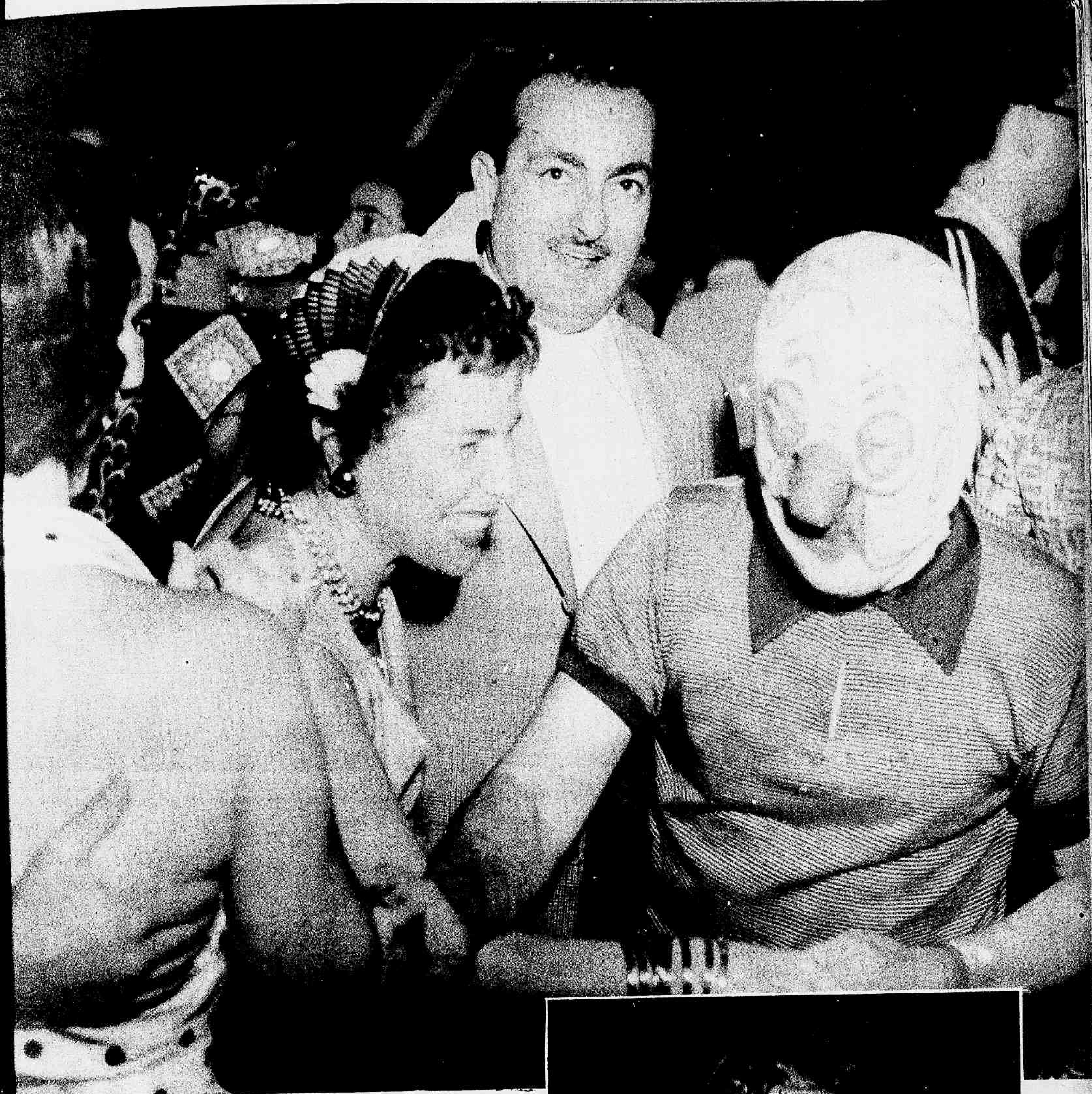
Nos pedidos abaixo de CR$ 100,00 há aumento de 10%

NOME........................

RUA........................

LOCALIDADE........................

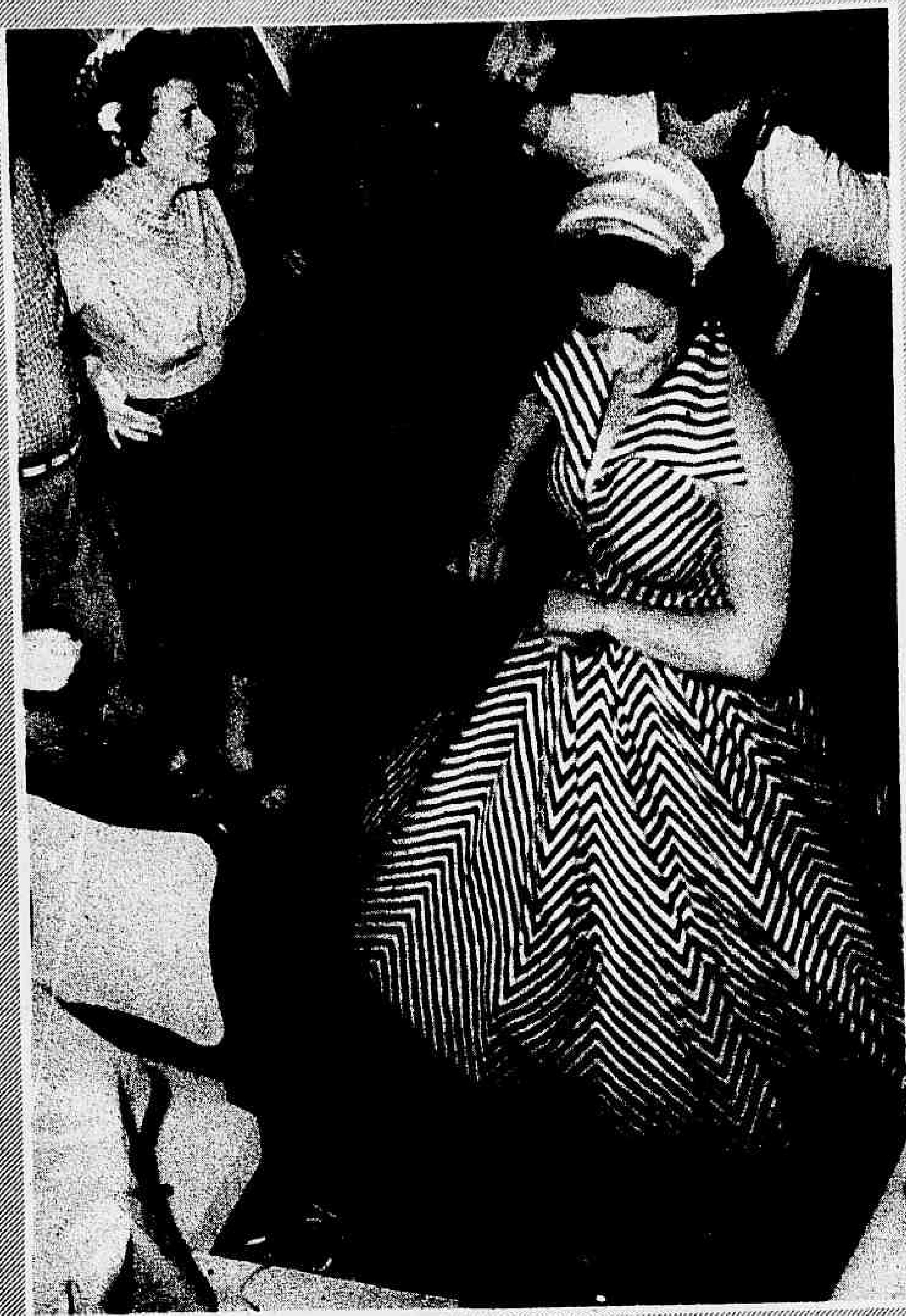
ESTADO........................



Um mascarado parece querer ler a «buena dicha» da risonha foliã, enquanto esta outra desata em sonora gargalhada carnavalesca.



CARNAVAL em QUITANDINHA



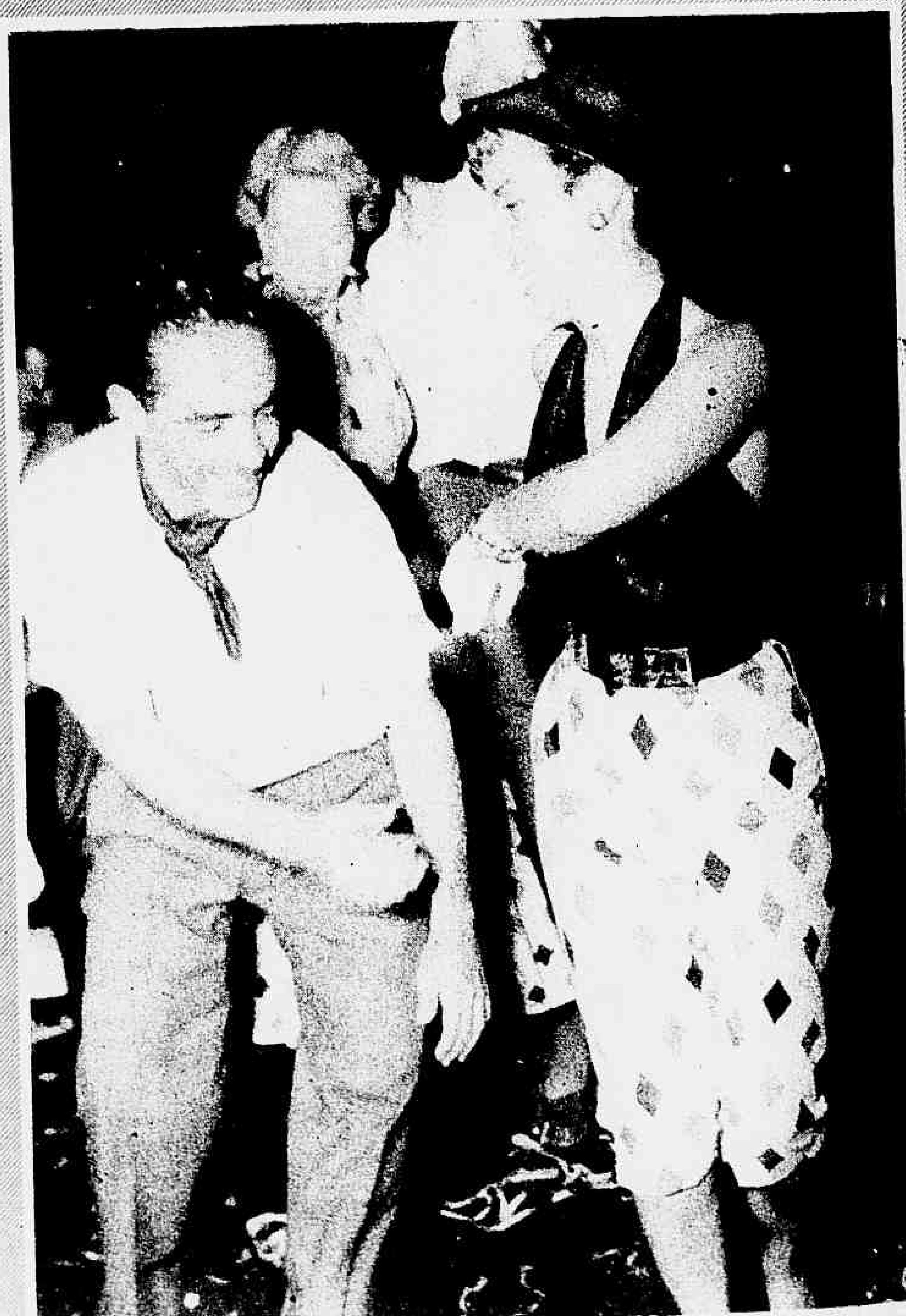
Saracoteando sòzinha, ela brincou muito mais do que muitos pares.



Da. Alzira Vargas dançando com o diretor da revista promotora da festa.



O sr. Lutero Vargas faz uma pausa para improvisada conversação.



Uma demonstração do «passo» pernambucano, em improvisado frevo



À hora da ceia, o governador Amaral Peixoto diz um segrêdo à espôsa. A reportagem quis «pescar», inùtilmente; não se tratava de política.

SOB o patrocínio da revista «Rio Magazine», realizou-se no dia seis de fevereiro, animadíssimo baile carnavalesco nos salões do Hotel Quitandinha, atraindo a elite da sociedade petropolitana e de famílias do Rio que ali veraneiam, fugindo aos rigores do verão carioca. A festa se revestiu de grande animação, e, embora o ambiente seja suntuoso e os foliões da mais alta classe social e política, o baile se caracterizou pela maior simplicidade, como se se tratasse de uma brincadeira em família. O Carnaval, embora oficialmente conste de três dias, já se tornou entre nós um acontecimento que começa a ser comemorado com semanas de antecedência, e, quando se chega na reta da semana gorda, todos os clubes e associações se dedicam a promover festas como a que se levou em Quitandinha. Os bailes nesse luxuoso hotel de turismo constituem acontecimentos memoráveis, muito concorrendo para seu brilhantismo, as tradições do estabelecimento e o eterno clima primaveril que o beneficia, encravado como está no alto de montanhas e cercado de florestas. Nesta página oferecemos ao leitor alguns flagrantes da festa do dia 6, das quais se destacam figuras de projeção na política nacional, dentre as quais o governador do Estado do Rio com sua senhora, deputado Lutero Vargas e outras personagens do alto mundo social. Volta o famoso hotel de Petrópolis às suas noitadas de alegria, abrindo seus salões aos festejos de Momo, a época em que ricos e pobres, povo e govêrno se nivelam e se entendem.



Êste moço parece que está dizendo: — «[illegible] mulher é minha!»





Vemos na fotografia uma foliã perfeitamente atuada pelo irresistível espírito carnavalesco.

CARNAVAL NA A. A. B. B.

COMO sucede todos os anos, a «Associação Atlética Banco do Brasil» vem oferecendo aos seus filiados magníficos bailes carnavalescos, como «aperitivos» para os festejos de Momo de 1953. Damos aqui alguns flagrantes do que foi um dêsses bailes, o de sábado, 7 de fevereiro, em sua sede da Avenida Atlântica, pôsto seis, caprichosamente decorada.

Em pleno [illegible] na noite do «Sábado Magro», os associados da «Atlética Banco do Brasil» vão-se se preparando para os bailes que serão levados a efeito por ocasião do carnaval.



Ah! se o [illegible] fôsse uma coisa assim. Por certo não resistiria e talvez fôsse no [illegible]...



Uma linda lourinha, que depois de executar muita evolução momesca, busca matar a sêde.



Esta é da cidade do Recife, não nega. Vejam como está no frevo, no passo do Jocotó

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 8 ★ 21-2-53

SUMÁRIO:

Carnaval em Quitandinha 3/ 5
Carnaval na A.A.B.B. 6
O Novo Eldorado Verde 15/17
Dircinha Batista 20/21
Os novos cardeais 24/26
Um Louvre carnavalesco 28/29
Uma só profissão... uma só espôsa . 34
No baile dos artistas 47/49
Flamengo carnavalesco 50/51
Sua Majestade a Rainha 52/53

●

A folia em cinzas 7
Cabeça de bronze verde (conto) ... 11
A Bem-Amada (romance) 12/13
Apassionata (conto) 15
Semana Literária 35
Marília de Dirceo 38/39

●

A semana em revista 8/ 9
A personagem da semana 9
Lido... Visto... Ouvido... .... 18/19
A Revista há 50 anos 22
Êste mundo e o outro 23
Passatempo 42
Último flash 54

●

Arabelle 41
Verão 43/46

CAPA:
Dircinha Batista (Foto de Alberto Ferreira)

EXPEDIENTE

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Reportagens: NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES — Paginação — VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacinoais. Premiada com a medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

★

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$	200,00
Seis meses	Cr$	100,00
Registrada — Um ano	Cr$	230,00
Seis meses	Cr$	120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — um ano	Cr$	350,00
Seis meses	Cr$	180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

A FOLIA EM CINZAS



«QUATRO HORAS DA MANHÃ!...» Entoam ainda os foliões nos últimos redutos da loucura carnavalesca, saudando a sonolenta quarta-feira de Cinzas que preguiçosa desperta. O entusiasmo desertou das ruas para recolher-se aos ambientes fechados onde, dentre em pouco, morrerá de exaustão. A cortina da realidade cotidiana começa a cair lentamente sôbre o palco dos sonhos e fantasias. Muitos dramas e romances vão-se converter em tragédias. De tudo aquilo que foi delírio e encantamento, que floriu e vibrou na febre de um momento, restará, apenas, a doce lembrança de uma canção povoando a desolação da memória.

●

DAQUA A POUCOS INSTANTES, que será daquele Príncipe Indiano, que vai trocar o seu Império pelo batente duro e pesado no Cais do Porto... E daquela Havaiana morena, de olhos verdes, que saiu de casa pelo braço do noivo e jaz agora errante e sòzinha... E daquele Pirata cabisbaixo que conquistou céus e terra à custa do tesouro do patrão... E daquele grego infeliz que perdeu a mulher e os filhos para seguir a loura Colombina que lhe fugiu na primeira curva... E daquele Sultão retinto que ora volve sem a favorita ao solitário barracão de zinco... E de tôda uma multidão, livre e absoluta, em marcha forçada para os grilhões indefectíveis da Vida?...

●

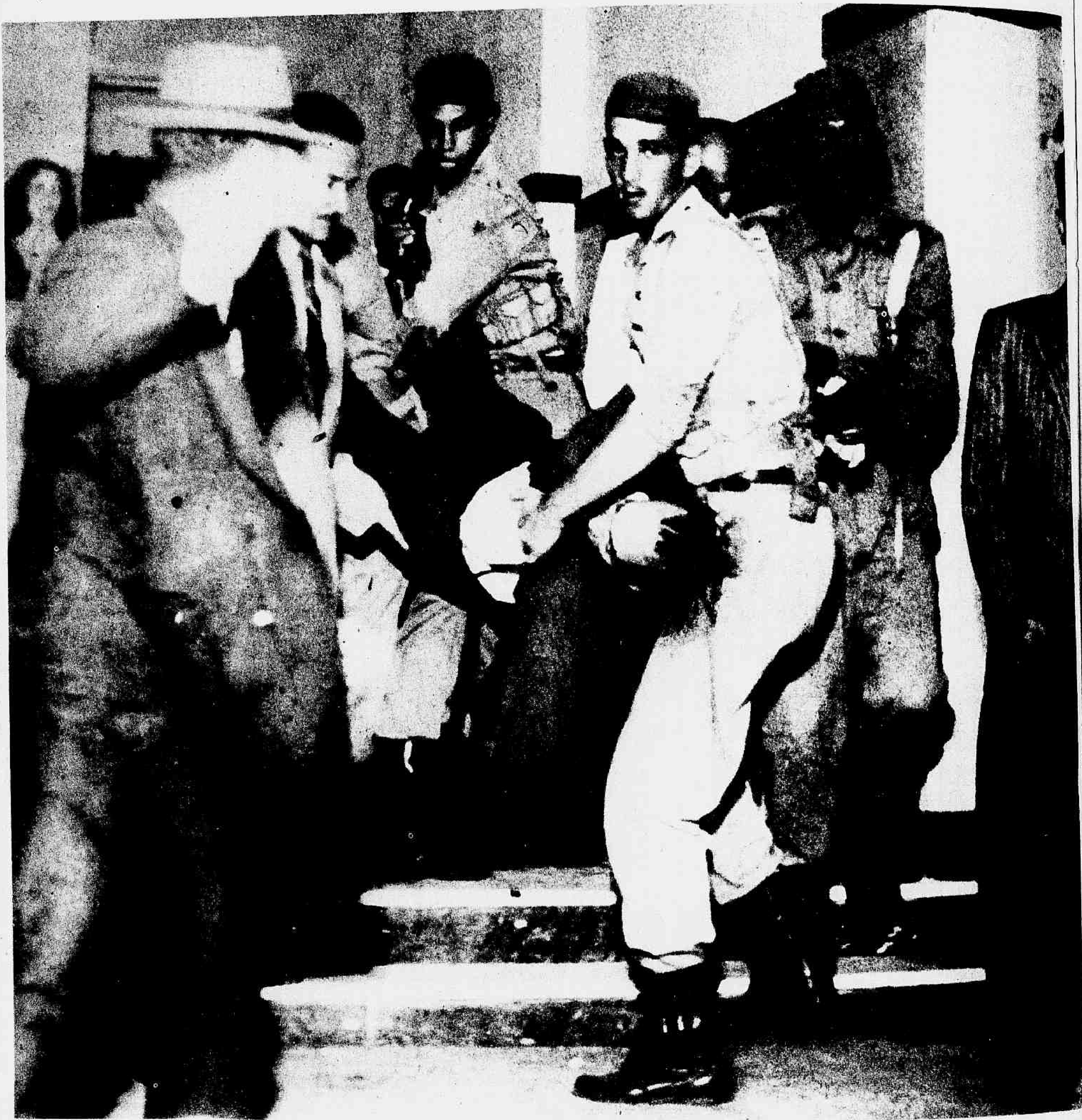
«QUATRO HORAS DA MANHÃ!...» Os olhos dos clubes ainda estão abertos. O ar continua impregnado de marchas e sambas. Amadurecem as derradeiras aventuras na floresta de «brotinhos» e «galhos secos». Enquanto a imagem de Morfeu se desenha cariciosa no subconsciente dos foliões fatigados, irrompe um sussurro de alvorada nos corredores da Polícia Central. Os errados e imprudentes, que tropeçaram na alegria e foram rolar no xadrez, estão ansiosos por que amanheça. Alguns, arrependidos, praguejam. Outros, decepcionados, meditam. Todos esperam a hora da libertação com ansiedade e temor... Temor dos fotógrafos, dos farejadores de escândalo dos jornais!

●

AMANHECE! QUARTA-FEIRA DE CINZAS está à vista. Os últimos turistas regressam, tontos de espanto e encharcados de «whisky», das páginas vivas das «Mil e uma Noites» para a mesmice dos hotéis. Os Garis vão apagando nos passeios e nas ruas as pegadas espalhafatosas de Momo. A cidade vai vestindo calmamente a sua velha indumentária de trabalho, afivelando a máscara das mentiras convencionais, renovando os obstáculos para os concorrentes do páreo da existência. Entram em penitência as primeiras filas. A morte toma o seu lugar na boléia dos lotações. E Deus, nos altares, recebe os primeiros pecadores que jurarão arrependimento até o ano que vem!...

MARTINS D'ALVAREZ

A SEMANA EM REVISTA



O CORONEL OLIMPIO FERRAZ DE CARVALHO, oficial reformado do Exército, bacharel em Direito e dirigente do PTB mineiro, há alguns meses passados conseguira escapar de um cêrco de patrulha do Exército que o fôra prender, acusado de agitação de caráter subversivo na capital mineira. Soube a polícia de Belo Horizonte, que o oficial estava em atividades à frente da Associação Mineira pela Paz, da qual é presidente. Seguindo-lhe os passos, conseguiu localizá-lo no sexto andar do edifício «Benjamim Couto», numa das ruas centrais daquela cidade. Dada voz de prisão, o coronel respondeu que só se entregaria a um oficial do Exército. Comunicado o fato ao comando militar de Belo Horizonte, foi mandada uma patrulha sob as ordens de um oficial; mas, nem assim, êle se entregou, sendo levado para a prisão, e, no mesmo dia, de avião para Juiz de Fora, onde corre o processo. Êste flagrante publicado pelo «O Globo» foi tomado exatamente no instante em que o coronel Carvalho era conduzido do local onde se encontrava na capital mineira.

NA ROÇA ERA ASSIM — O Rio, pelo seu cosmopolitismo, tem d tudo. Sua paisagem não é apenas multiforme pelo lado físico e no tural, com montanhas e florestas, ilhas e mares, sertão e urbe civil zada. Há também cenário humano dos mais variados aspectos, ofi recendo ao cronista e ao observador cenas de recordações que poder relembrar épocas distantes e terras modestas. E' o caso desta fot colhida num dia de festas pré-carnavalescas no aristocrático bairro d Copacabana em começos dêste fevereiro de 1953. Alguns músicos vã executando as marchas, graças às partes pregadas nas costas dos outro à frente, justamente como se fazia (e ainda se faz) com as «Filarm nicas» de cidadezinhas do interior. A diferença é que lá, pregam co alfinêtes, e aqui, vai mesmo com pegador de roupas ao vento, n coradouros a cordas e arames. Mas isso não é nada, sabendo-se q um teatrólogo já fêz ao chegar a Nova York, seu discurso olhando pa a «cola» nas costas de outro.

REVISTA DA SEMANA



AO ESCREVERMOS ESTA nota, já está na segunda semana de exibição o mais recente filme da produtora dos irmãos Burle: «Carnaval Atlântida», e o sucesso tem sido tal, que é possível se mantenha em cartaz ainda por outras semanas. Numa das seqüências dêsse filme musical, há uma referência à imprensa carioca, vendo-se esta Revista homenageada num dos quadros de maior efeito cênico, representada pela vedeta Aurelina Lisboa. Mas não ficou apenas na REVISTA DA SEMANA a cortesia dos produtores, pois outra nossas publicações, A CENA, também foi distinguida com grande destaque. Nada mais justo, sabendo-se que A CENA é a mais antiga revista cinematográfica do país.



A PERSONAGEM da SEMANA



DESDE que as populações brasileiras do Nordeste começaram a expandir-se do litoral ao agreste e daí ao sertão, começou a ser dizimada por uma doença, que, durante mais de dois séculos era verdadeiro mistério: — a popular **cãibra de sangue.** Há no Brasil, milhões de pessoas atacadas dêsse mal. Com o progresso da ciência descobriu-se o agente: certos caramujos de lagoas e águas paradas. E veio o nome científico: **esquistosomose**. Embora conhecido o transmissor do mal, não havia sido ainda descoberta a profilaxia. Mas o dr. Emanuel Dias, do Instituto de Manguinhos, acaba de resolver o problema, conseguindo isolar bactérias capazes de destruir os caramujos portadores de «schistosoma», por um processo de sua invenção e já experimentado em Bambuí, Minas Gerais. A notícia é sensacional, e, se os trabalhos do cientista forem confirmados, seu nome deve emparelhar-se ao de Carlos Chagas, Noguchi, Pasteur e Jenner, pois que êsse eminente higienista irá salvar da morte milhões de brasileiros. A esquistosomose, pandemia nacional, quando não mata, inutiliza suas vítimas, desde os tempos coloniais, quando os negros morriam atacados de «subiás» e o povo de cãibra de sangue. E' alarmante o número de doentes de esquistosomose no Brasil, calculando-se em mais de dois milhões!

Desânimo Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

Regulador **Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA!

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum - Revista da Semana

Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país! O "Album-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!



Álbum - Revista da Semana

E' um maravilhoso brinde que a "Revista" oferece aos seus leitores! Duzentos e quarenta e quatro prêmios no valor total de duzentos e oito mil cruzeiros para os leitores! Aguardem o lançamento dentro de alguns dias!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFÍCEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO

REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO

Cabeça em Bronze Verde

DEUS Todo Poderoso estava ocupadíssimo examinando os artistas. Era uma tarefa maçante e monótona, pois Êle a vinha executando há centenas e centenas de séculos, e, salvo uma das exceções em cada século, os artistas são sempre os mesmos.

Ao redor de Deus estendiam-se, no espaço infinito, campos e campos de luz, lembrando uma tarefa de começo de verão, quando os ceifadores dirigem-se para suas casas e a velha e fértil terra é deixada em paz.

Cada artista se apresentava para o exame, trazia, com as lembranças pessoais, tôdas as suas peculiaridades...

O Senhor estava examinando, agora, os autores. Os exames eram rápidos. Ao clarão das vastas extensões de luz — luz sôbre luz, e mais luz sôbre luz, de integral pureza — a bagagem de cada uma das almas parecia incrìvelmente mesquinha e miserável. Lá estava, por exemplo, William Newcombe, com sua casa de campo, seu pequeno jardim, sua geladeira, suas antiguidades e um moderníssimo banheiro. Isso sem citar seus vinte e três livros de viagens e o drama em versos, intitulado «Armageddon».

— Foram sucessos de livraria, segundo ouvi — disse Jeová.

— Bem — respondeu modestamente William — tiveram boa saída, salvo «Armageddon», que não conseguiu venda alguma.

— Por que escreveste essa peça? — indagou o Senhor.

— Bem, foi porque eu... eu queria escrevê-la — replicou William, tentando proteger seus velhos olhos, desacostumados a tanta luz.

— Bravo! — respondeu o Onipotente. — Por causa dêste livro, poderá ter contigo, quando estiveres trabalhando, uma de tuas possessões terrestres, à tua escolha.

— Meu cachorro César — decidiu o artista prontamente.

Tôda a sua bagagem — objetos antigos, jardim, banheiro e todos os livros de viagens desapareceram imediatamente, ficando apenas um encantador fox-terrier, de atrevidos bigodes, que faiscavam à luz.

E, assim, William e César, guiados por arcanjo, passaram para a mansão luminosa.

Um grupo de anjos cortou o rebrilhante espaço como uma onda de luz.

— O seguinte — disse o Senhor.

Era a vez de Peter Bentham, provido dos seus quatro minúsculos volumes de poesia, uma vida de Rimbaud, um pequeno quadro de Dali e um xarope para tosse, numa suja garrafinha azul.

O Onipotente olhou-o dos pés à cabeça:

— Como foi que deixaste teu corpo chegar a êsse miserável estado?

— Nunca fui muito forte — gemeu Peter.

— Eu acho — disse Deus suavemente (pois havia em Peter algo profundamente tocante) — que te furtaste ao gôzo de muitas coisas interessantes e vivificantes, não é?

— Isso — continuou Peter com firmeza (pois não estava disposto a se deixar vencer com tanta facilidade por um Deus cuja existência sempre negara) — é porque meu gôsto sempre foi requintado. Nunca fui capaz de apreciar coisas prosaicas, vida esportiva, novelas populares, ensaios otimistas, peças sentimentais, patriotadas, e ninguém, fôsse homem ou mulher, exuberante de saúde...

— Então de que foi que gostaste? — inquiriu Deus com tôda a calma.

— Da minha própria poesia dos quadros de Dali, Miró e Léger, da música de Tschenakivitzky, do amor livre na Rússia e de um «cocktail» chamado «Flores do Parnaso».

— Gosto da tua honestidade — continuou o Onipotente — mas és um tanto sério demais, especialmente no que diz respeito a ti mesmo. Na verdade, do que precisas é engordar um pouco. Sem as tuas vestimentas terrestres (pois agora os trajes mundanos de Peter tinham se evaporado) és uma coisa francamente lamentável... E, por sinal, devias te banhar com mais freqüência. Enfim, tudo isso há de melhorar. Vou te deixar aos cuidados de Henry Fielding, por um ou dois anos.

Depois, coube a vez a Margaret Cunningham, uma senhora alta, gorda, e corada, cujos dentes, devido ao fato de não terem sido conservados para trás, na primeira infância, agora avançam sôbre o minúsculo queixo.

Despojada de roupas, não passava de um ser sem importância, desvalido, inocente. Sua bagagem consistia num frio apartamento de duas peças, numa tartaruga, em seus instrumentos de trabalho e em cêrca de vinte e quatro bustos inacabados.

— Bem, minha cara Margaret — disse Jeová bondosamente — creio que não tenhas tirado muito proveito dêsse teu ganha-pão.

— Para ser franca — respondeu Margaret com sinceridade — não tirei, não. E' verdade que eu dava aulas, duas vêzes por semana.

Enquanto falava, sentia o calor da luz em sua nudez; davalhe uma sensação de profundo confôrto. Sorriu e voltando-se para Deus, explicou:

— E' como se fôsse o sol da Riviera... O Senhor sabe,

(Cont. na pág. 40)

Conto de HUGH WALPONE
Ilustração de JERONYMO RIBEIRO



A BEM AMADA

Romance de THOMAS HARDY

MANDARAM parar o carro enquanto combinavam o destino a tomar. Pierston tinha apartamento e um «atelier» nas proximidades de Campden Hill; mas, como não seria muito correto levá-la para lá antes de estarem casados, decidiram ir para um hotel. Mudando de direção, retrocederam até o Strand, e logo se acomodaram em uma das antigas e veneráveis casas de Covent Garden, distrito freqüentado naqueles dias por camponeses do Oeste. Jocelyn separou-se dela e prosseguiu seu caminho para o Este da cidade.

Já eram quase três da tarde, quando, acertadas as preliminares requeridas por esta mudança de vida, saiu a vagar pelas ruas, pois se achava desconcertado, e um passeio lhe serviria de distração. Olhando aqui e ali os mostruários das lojas, veio-lhe à mente, como por inspiração, a idéia de tomar um carro de praça e ordenou ao cocheiro que o levasse a **Mellstock Gardens**. Chegado ali, chamou alguém à porta de um «atelier» de pintor e, ao cabo de alguns minutos veio abri-la, em mangas de camisa, um jovem de sua mesma idade, empunhando uma paleta impregnada de tinta prêsa ao polegar esquerdo.

— Olá! E' você, Pierston? Eu o supunha no campo. Entra!
Que alegria tão grande me dá! Aqui estou eu a terminar um quadro para um americano, que deseja levá-lo.

Pierston acompanhou o amigo até ao estúdio, em cujo interior uma jovem costurava ali sentada. A um gesto do pintor, ela se retirou, ficando ambos a sós.

— Pela cara que tem, vejo que está para dizer-me algo. Eu o conheço pela fisionomia, nas suas tribulações. Que se passa com você? Acho que sofre alguma decepção. Que quer beber?

— Qualquer bebida alcoólica serve... E agora, Somers, escutame. Tenho, realmente, algo a dizer-lhe.

Pierston se sentara numa poltrona enquanto Somers recomeçou o trabalho. A empregada trouxe aguardente para acalmar os nervos de Pierston, soda para neutralizar os danosos efeitos do álcool, e leite para anular os debilitantes resultados da soda. Começou, então, Jocelyn o seu relato, dirigindo-se muito mais à gótica chaminé de Somers, ao gótico pêndulo de Somers e aos góticos tapêtes de Somers, do que ao próprio Somers, engolfado em sua pintura.

— Antes de contar-lhe o que me sucedeu hoje, quero que saiba que espécie de homem sou eu.

— Por Deus! Já sei disso muito bem!

— Não, ainda não sabe. E' uma coisa para a qual não tenho explicação certa. Passo noites a pensar nisso.

— Não diga! — Exclamou Somers com viva simpatia, pois lhe pareceu que seu amigo estava mesmo sèriamente atribulado.

— Estou sob o domínio de estranha maldição ou sinistra influência. Estou confuso, intrigado, perplexo diante do feitiço de uma criatura, ou melhor, de uma divindade, uma Afrodita, como a classificaria um poeta, e como eu a esculpiria no mármore!... Porém quero frisar que isto não é um lamento, senão uma defesa, uma espécie de **Apologia pro vita mea**.

— Muito bem. Então explique-se.

Capítulo VII

— Já sei, Somers, que você não é daqueles que continuam alimentando a universal e vã superstição de que a Bem-Amada de um homem permanece sempre em uma mesma envoltura corporal, por muito tempo, se bem que o homem deseje que assim seja. Se estou equivocado e você também está imbuído dêsse êrro antigo, então minhas palavras parecerão ridículas .

— Suponho que você se refere a alguns homens, não a todos.

— Exato. E se vamos particularizar muito, direi que me refiro a um único homem, a mim, sòmente. Somos em meu país uma estranha raça visionária, e isto talvez in-



lua no assunto. Assim, pois, a Amada dêste homem singular teve muitas encarnações, em demasiado número para serem descritas com pormenor. Cada forma ou personificação há sido apenas uma residência ou morada temporal, onde entrou, viveu algum tempo e saiu dela, deixando um cadáver! Por maldita sorte! Agora, veja bem: não há nisto nada dos absurdos espiritistas, senão um fato sensível, exposto de uma forma por que se horrorizam as pessoas convencionalistas. Para começar, basta o que disse.

— Bem. Continue.

— Pois a primeira personificação da Bem-Amada ocorreu, até onde alcança minha memória, quando eu tinha uns nove anos. Tratava-se de uma garotinha de pouco mais ou menos oito anos, pertencente a uma família de onze indivíduos. Tinha olhos azuis e levava soltos os cabelos pelas espáduas. Ela procurava disciplína-los, acomodando-os, mas não conseguia. Êsse desalinho me causava malestar e creio que foi um dos principais motivos por que minha Amada abandonou aquêle veículo. Não recordo exatamente quando se foi; mas penso que foi após eu beijar a minha amiguinha no banco de um jardim em quente meio-dia, ocultos por um pano de gangazul, o qual havíamos aberto ao sentar-nos, para impedir que as pessoas que passassem pelas pedreiras do Este, não vissem as nossas demonstrações de amor; mas esquecíamos que êsse biombo devia chamar muito mais a atenção, do que as nossas pessoas.

Quando acabou o sonho — prosseguiu. Pierston — pelo fato de haver o pai dela deixado a ilha, acreditei que minha Bem-Amada se havia ido para sempre, ficando eu com a mesma desilusão que a inexperiência de Adão lhe deveria ter inspirado ao ver o primeiro ocaso do sol. Mas a minha Bem-Amada não se fôra. Quem se mudara fôra Laura, para sempre. Não minha Amada Durante alguns meses, depois de chorar a ausência daquela que se apresentava com os cabelos desalinhados, não reapareceu o meu Amor. Mas, de súbito, manifestou-se repentina e inesperadamente em circunstâncias com que jamais poderia contar. Estava eu à margem do riacho, em Budmouth-Regis, em frente à Escola Preparatória, olhando o mar, quando passou, descendo a rua, um cavalheiro de mediana idade, tendo a seu lado uma senhorita, ambos a cavalo. A jovem voltou a cabeça, e, talvez porque eu a olhava com impertinência e admiração, ou porque eu sorria, ela também me sorriu. A poucos passos voltou outra vez a cabeça e novamente me sorriu. Aquilo foi o bastante para incendiar-me o coração. Compreendi, imediatamente, o que me ditava a emoção. Era a Bem-Amada que reaparecia. Esta segunda personificação na qual pôde assentar sua morada, era uma linda jovem mais morena do que a primeira. Seus cabelos, atados com uma fita, eram castanhos. E assim eram também seus olhos. Mas, com a precipitação do momento, não pude observar a delicadeza de suas feições. Não obstante, ali estava rencarnada a minha predileta. Despedindo-me pressurosamente de meus condiscípulos logo que pude, sem suscitar suspeitas, corri pela esplanada na direção que ela e seu pai haviam tomado. Mas haviam pôsto os cavalos a meio galope e os perdi de vista, não podendo saber por onde tinham ido. Desconsoladíssimo entrei por uma rua adjacente e, dentro em segundos tôda a minha tristeza mudou em excitação ao distinguir a mesma parelha que vinha a galopar em minha direção. Ruborizado até à ponta dos cabelos me detive, e, heròicamente, a mirei ao passar. Sorriu-me outra vez; mas, ai de mim! nas faces do meu Amor não havia nenhum sinal de paixão.

Pierston se deteve no relato e sorvendo mais um gole da bebida viveu por um instante a cena que estava a evocar. Somers não interveio com seus comentários e o amigo continuou:

— Durante tôda aquela tarde andei pelas ruas a procurá-la. Quando tornei a ver um dos rapazes com quem estava eu naquele dia quando ela passou pela primeira vez, perguntei ao colega se conhecia quem eram os dois, mas sem mostrar interêsse maior.

— Oh! Sim, respondeu-me. Era o coronel Targe e sua filha Elsie.

— Quantos anos parece ter a moça? — perguntei eu perturbado pela possível diferença de idade.

— Creio que deve ter uns dezenove, ou pouco mais. Deve casar-se depois de amanhã com o capitão Popp, do 501, e viajarão, em seguida para a India, aonde vai servir o capitão.

Foi tão profunda a mágoa que senti ao ouvir isto, que, ao escurecer me dirigi à beira do cais, com intenção de acabar comigo ali mesmo. Mas, conforme diziam, haviam encontrado caranguejos no rosto de afogados naquelas paragens, devorando-os lentamente. Diante de tão desagradável contingência, desisti de suicidar-me. Devo declarar que o matrimônio de minha Amada pouco me importava; mas sua partida me despedaçava o coração. Nunca mais tornei a vê-la.

Se bem que eu já soubesse que a ausência da matéria corporal não implicava na ausência do espírito animador, custava-me o crer que, naquele caso lhe fôsse possível aparecer a meus olhos sem a forma em que habitara ùltimamente.

Porém apareceu.

Entretanto foi ao cabo de bastante tempo durante o qual passei pela idade crítica do pavoneamento, dos treze aos vinte anos, quando sucede que os rapazes desdenham as jovens. Tinha eu então uns dezessete anos, quando, na mesma aldeia da costa estava a tomar uma xícara de chá em uma pastelaria, se sentam diante de mim uma senhora e uma garôta. Nós três nos olhamos durante algum tempo, até que a mocinha pronunciou algumas frases sôltas, dando-me ensejo a que dissesse eu: (Cont. no próx. número)

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

O jovem escultor Jocelyn Pierston viera de Londres em visita ao pai que morava numa vila situada numa ilha. Lá se enamorou de Avicia, sua amiga de infância. Depois que a pediu em casamento, reconheceu que não era ela ainda a sua Bem-Amada, e se encheu de amôres por uma outra natural da ilha, filha de um inimigo de seu pai. Viajando com ela para Londres, acertaram casar-se.



APASSIONAT

Conto de B. DOYLE

Já habitei aquela casa, minha amiga. O quê? Parece-te impossível que uma mulher como eu tenha tido um dia pais, família, um lar?

Aquela casa branca de janelas azuis... Olha, vês? Aquela era a janela do meu quarto. Não, esta que apontas era a do quarto de minha mãe. Lembro-me: a luz dourada dos dias de verão entrava através das cortinas claras e os espelhos grandes refletiam os lustres apagados que pendiam imóveis do teto. E eu ficava, cabecinha cacheada erguida, namorando os esguios frascos de perfume da penteadeira. Mas logo uma mão segurava a minha ou uma voz de qualquer parte da casa chamava por mim antes que a travessura se consumasse. Olha, ali, minha amiga, naquele "vitraux" comprido, era a escada. Uma escada tôda atapetada de vermelho, cujos degraus eu nunca pisava pois usava sempre o corrimão... Estás admirada de me ver sorrir? Ah, minha amiga, é tão alegre a lembrança daquela meninazinha loura, vestida de branco, despencando do alto a rir, despenteada, feliz... E a babá em baixo, clamando pela providência divina, mãos na cabeça, pano emoldurando o rosto prêto, leal, amigo. Sabes? Às vêzes penso se não foi assim que comecei a errar... Por que eu, uma criaturinha criada entre pessoas sérias e protocolos severos, entre pessoas graves que erguiam repreensivas as sobrancelhas à menor incorreção minha, tivera um dia a idéia marota de trepar num corrimão? Depois, cresci. E comigo cresceu um riso claro que morria ao bater contra a penumbra pesada das salas grandes. E comigo cresceu uma fôrça indefinível, uma vontade que se rebelava contra outras vontades, um desejo de querer bem, mas amar muito a alguém que precisasse de meu carinho, de meu amor. De amar saltando obstáculos... Sim, porque aquêle a quem eu ia amar, pensava, não estaria entre os que me cercavam... Traria de longe, para fazer eco ao meu, um riso igual! Das páginas de livros não lidos repetiria palavras diferentes e me levaria para um lugar estranho que devia existir alhures... Não, minha amiga, eu não lia muitos romances nesta ocasião... E tanto não era só imaginação que "êle" veio um dia... Eu tinha quinze anos. Era o... Não, não te direi o nome... Escandalizada a sociedade recebeu com um pouco de receio e talvez inconsciente curiosidade aquêle jovem que levava a vida entre mesas de cafés, amôres ilícitos e livros de versos. Conheci-o numa festa. O que o teria levado a procurar a jovenzita quase feia que eu era naquela época? Não sei. Conversamos. Falou-me sôbre... ora, sôbre tôdas aquelas coisas que eu sabia, me seriam ditas um dia. Em casa ouvi sermões sôbre a moral, a religião, o indecoro. Encontramo-nos novamente... Dançamos juntos. Um dia soube que êle ia partir. Corri — sim, minha amiga, creio que usei ainda uma vez o corrimão... — e fui a casa dêle. Decebeu-me surpreendido, algo assustado, mas sobretudo muito encantado. Fêz-me entrar e sentando-se deixou que eu lhe servisse o chá acompanhando com o olhar sorridente meu vaivém inquieto pela sala clara e florida onde minha mocidade, meu riso, eram mais um perfume, mais uma côr, mais um som. Depois levei-o à estação. Êle tomou meu rosto entre as mãos e... Não, minha amiga, chamou-me apenas "querida". Só quando o trem partiu foi que pensei que não lhe perguntara para onde ia nem quando voltaria...

Em casa receberam-me severos. A moral foi chamada novamente à baila, o respeito à opinião pública um tema altamente desenvolvido. Meu olhar ingênuo, infantil, percorreu aquêles rostos fechados à procura de uma explicação, de um gesto de compreensão... E passou do rosto carrancudo de papai, do olhar estranho de mamãe, dos olhos assustados de minha irmã, para o vulto cansado de vovô, apagado, esbatido qual uma sombra contra o fundo escuro do estôfo da cadeira de balanço... Nada. Por que ralhavam tanto? Afinal que fizera eu? Não creio ter ouvido bem tudo o que me falaram, mas uma frase ficou em meus ouvidos e level nítida para o meu quartinho azul, pequeno, e ainda neste tempo cheio do riso manso de minhas bonecas: "então, você não sabe, o que poderia ter acontecido?" E de repente uma luz... O que poderia ter acontecido... Não seria aquilo que eu desejara sem saber definir ao certo? E tonta entre o bem e o mal, querendo preferir o bem e sabendo que desejava o mal, chorei sòzinha pela primeira vez, sem os beijos de mamãe ou os carinhos de vovó. Ah minha amiga, eu nunca vira mal

(Cont. na pág. 48)

Ilustração de SEME MATTAR





O NOVO ELDORADO VERDE - IV



O tronco de gigantesca árvore que foi imolada, como tantas outras, para surgir a cidade, povoada agora de brotinhos como o japonêsinho.

ÚLTIMOS "FLASHES" ★ NOTAS FINAIS ★ A TERRA NOVA FUNDE RAÇA E COSTUMES ★ TUDO É BRASIL ★ MAS O FUTURO É SEMPRE UMA INTERROGAÇÃO

Reportagem de VINICIUS LIMA

O «Pau de Arara» entrou em Maringá repleto de «arigós» do Ceará. Dêle saltaram homens de aspecto saudável, mulheres atarracadas e feias; algumas à espera da cegonha. O caminhão parou. Do outro lado da rua um autofalante berrava: «No hotel Esplanada precisa-se de empregados: um servente e um copeiro, duas arrumadeiras. A idade não tem importância...» E prosseguiu: «No sítio Boa-Vontade, o seu proprietário está necessitando de agregados...»

Ao mesmo tempo ingressava num escritório comercial uma mulher com um prato à mão. Pedia esmolas! Era a primeira e seria a última que eu iria ver pedindo esmolas em tôda a região. E, em vez de níqueis, o prato só tinha cédulas.

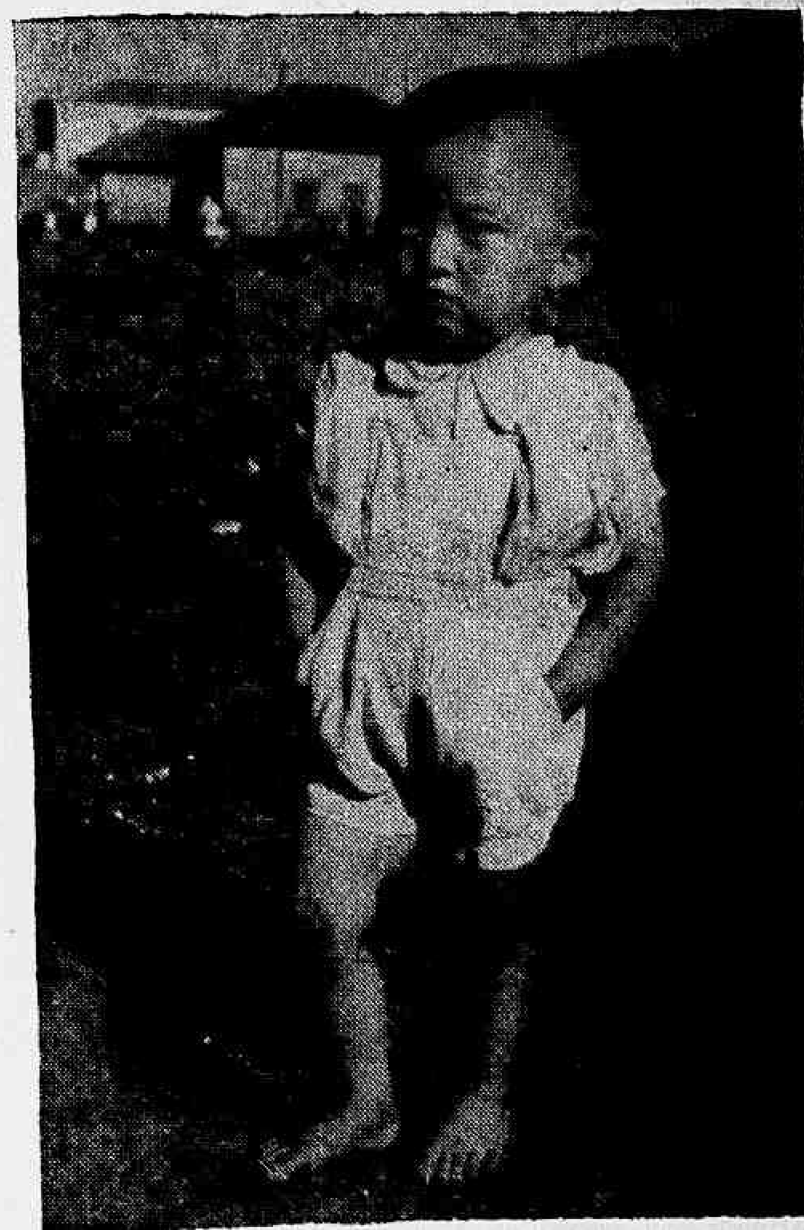
Falaram-me, então, de um padre de Catundava, autêntico Flanagan paranaense. Recolhe Cr$ 10,00 por mês de todos os negociantes da cidade e, com êsse dinheiro, abriga todos os miseráveis e crianças abandonadas da localidade. Quando a polícia encontra alguém na rua pedindo esmolas, chama o padre Albino, que resolve imediatamente a questão.

★

Em Maringá são arrecadados 28 milhões de cruzeiros por ano só de impôsto de renda. Não havendo coletoria federal, os selos são comprados em Mandaguari. Por isso, espertalhões vivem do câmbio-negro de estampilhas. Outra curiosidade: terra da poeira, o norte do Paraná é também uma maravilha para os engraxates. Um sapato não se mantém limpo mais de cinco minutos. Daí os engraxates com talões de cheques.

★

Não são apenas agricultores os japonêses que vivem naquelas regiões. Muitos são comerciantes e nesta profissão, tão judeus quanto





Japonês não pronuncia o L. Diz «bereza», «onduração», e a prova está nos dizeres dêste cartaz do Instituto de Beleza... da bela Londrina.

Já o cartaz do «Médico dos Radiadores» de Maringá, está correto, embora o autor não ligassè a menor importância à legal acentuação gráfica.





O hipódromo de Londrina é um reflexo do grande progresso social da cidade paranaense. De avião nosso repórter teve uma visão pano-

aquêles que mais o sejam. Fui revelar um filme no laboratório fotográfico nipônico. E Kamada foi logo me dizendo: custa trezentos cruzeiros, pois o filme terá que ficar 24 horas no revelador, 24 horas no fixador e mais 24 horas no banho químico. Outro fotógrafo da mesma raça me cobrou caríssimo por um serviço que me fêz. O documentário fotográfico mostra a grande vocação dos nipônicos para o comércio, cujas casas exibem os curiosos letreiros em linguagem nipo-brasileira.

★

Em muitas cidades desta região não existe telégrafo, como acontece com Maringá. Ali, quem quer passar um telegrama vai a Londrina de teco-teco. E Londrina é a única cidade que tem rêde de esgôto naquele mundo novo, sendo interessante notar-se que é bem calçada, aliás por meio de um processo curioso: o prefeito reuniu os principais elementos do município e, da contribuição de todos, obteve sessenta milhões de cruzeiros. Calçou a cidade. Em Londrina dizem que entram e saem, em cada 24 horas, quatro mil e duzentos veículos. No centro urbano derrubam-se casas novas



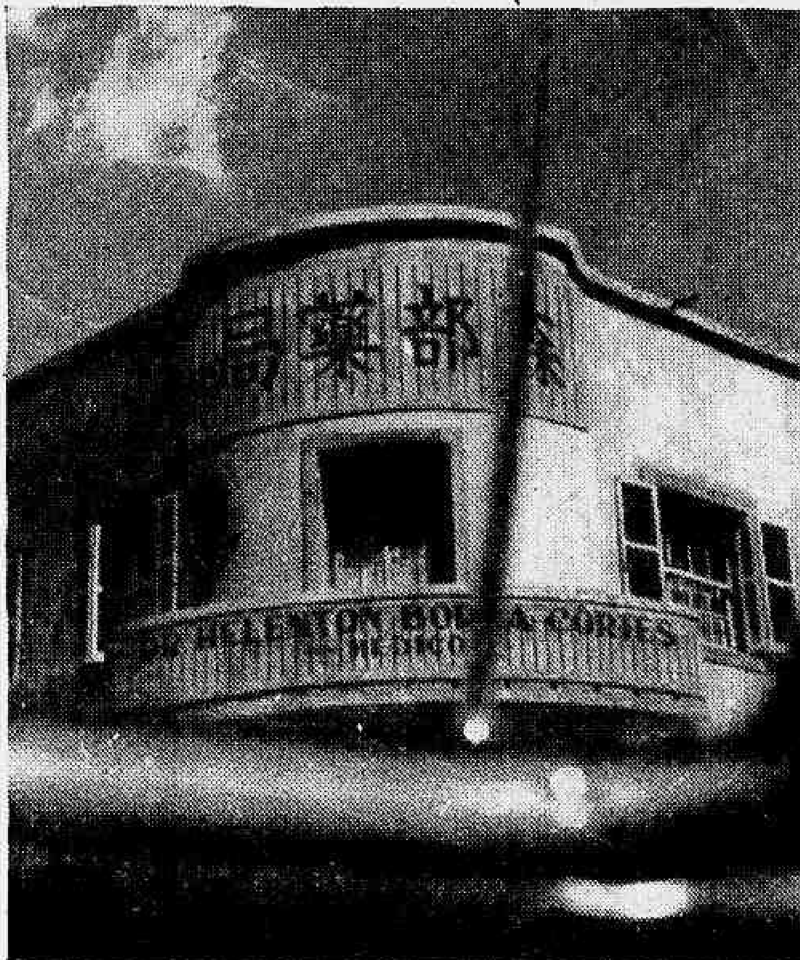
râmica da bela urbe que, cansada de crescer horizontalmente, vai-se erguendo para o céu, numa ânsia de metrópole de futuro certo.

para a construção de arranha-céus e vai a cinqüenta mil pessoas o número de habitantes da área mais densa da cidade.

Uma área pequena, lote de tamanho mínimo admitido numa cidade, pode fàcilmente valer dois milhões de cruzeiros. Quanto ao aeroporto de Londrina, a dúvida que existe é se êle é o terceiro ou o quarto do Brasil, em movimento.

Outras Londrinas surgiram e se multiplicam. No comêço é apenas o que chamam lá um «patrimônio» como acontece com «Andirás», povoado de doze mil habitantes fundado por Francisco Pereja em janeiro de 1951. Assim começaram Mandaguari, Assaí, Jataí, Rolândia e muitas outras do fabuloso norte do Paraná, cujo crescimento demográfico foi de 1940 a 1950, o mais elevado que já se registrou no Brasil, ocupando o segundo lugar uma região de Goiás.

O café domina tudo naquelas paragens. Cobre morros e morros, que eram florestas. Mas o cafèeiro, mesmo na terra roxa é fértil, com um solo de 19 a 21 metros de profundidade, dizem, não viverá mais de 100 anos. E depois, o que será do Eldorado Verde?



Êste médico, sabendo que sua clientela terá muita gente descendente do país do Sol Nascente, abriu letreiros na língua de Hiroito



Mas, se faltaram acentos gráficos em alguns estabelecimentos, aqui temos um que se excedeu, empregando acento em artigo nada gramatical...



LIDO... VISTO...

MELHORE SEU PORTUGUÊS

CONSULTÓRIO DE GRAMÁTICA

Quer saber o sr. F. M., de S. Luís, Maranhão, se os nomes terminados em **ês**, fazem **eses**, ou **êses**, no plural. E dá os exemplos: francês-franceses (ou francêses?); burguês-burgueses (ou burguéses, com acento?).

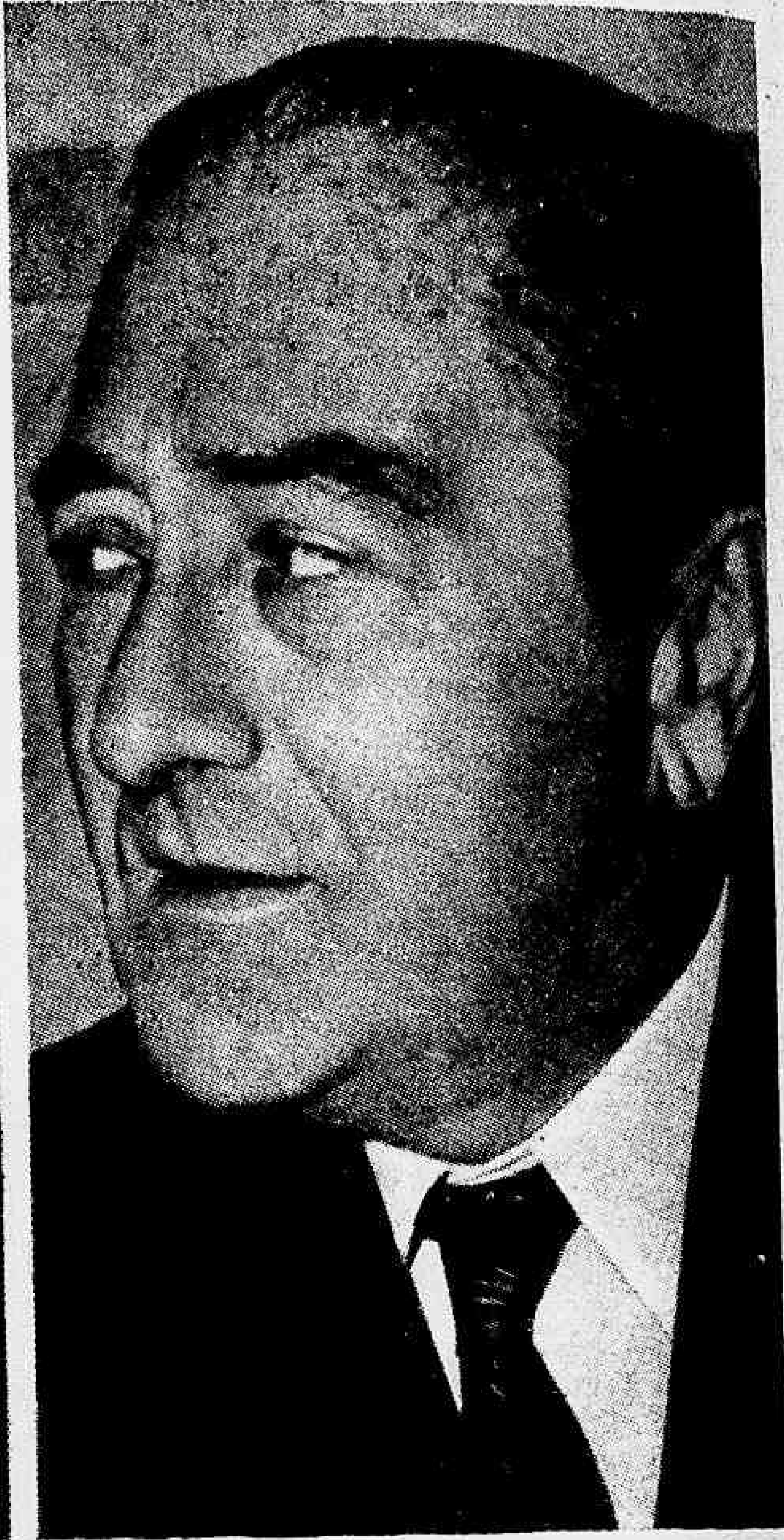
Resposta: — Nem sempre a acentuação do singular em **ês** se conserva na forma plural, **êses**. Tudo depende de saber-se quando é que o plural possui palavra homógrafa com **e** aberto (grafia semelhante) mas com outro sentido. Vejamos a palavra **inglês** e o plural **inglêses**. Ambas devem ser acentuadas, porque há uma homógrafa, **ingleses** (glé), do verbo **inglesar**... O mesmo com a palavra **português**, cujo plural é **portuguêses**, também com acento circunflexo, para diferençar de **portugueses**, (**portuguéses**, com o penúltimo **e** aberto, mas sem acento), do verbo **portuguesar**. Como não há verbo nenhum com a forma **burgueses** (gué), nem **franceses** (cé), é claro que o plural de **burguês** e de **francês** não leva acento.

O QUE RELEMBRA ESTA GRAVURA?



RELEMBRA um dos mais pitorescos episódios da vida de Frei Bastos, um dos maiores oradores sacros do Brasil. Tendo ido pronunciar um sermão de responsabilidade na igreja de S. Francisco, na Bahia, ao deixar a mesa de jôgo, onde cometera batota, escondendo cartas na manga da batina, ao dirigir-se aos fiéis que enchiam o templo, as cartas cairam entre pessoas próximas ao púlpito, causando visível mau estar. Frei Bastos se aproveitou do fato e, chamando um menino, pediu que rezasse o credo. A criança não sabia. Pediu então o frade que a mesma criança dissesse que cartas eram aquelas. O garôto nomeou uma a uma. Então o frade jogador se aproveitou da circunstância e fêz um dos seus mais belos e impressionantes sermões contra o vício e a favor da educação religiosa...





ANTES E DEPOIS

ADOLPHE MENJOU, que muita gente pensa ser francês, nasceu em Pittsburg, Estados Unidos em 1890. Dedicou-se, inicialmente ao treatro, abraçando o cinema desde o silencioso em 1921. A grande característica de Menjou era o seu bem conservado bigode de galã romântico. Mas, recentemente foi êle contratado para filmar «The Snipper» e lhe impuseram esta condição: raspar o bigode histórico. Menjou vacilou... vacilou... e caiu, como na poesia da lágrima, de Guerra Junqueiro. E agora vejam os leitores como está diferente o nosso Menjou! Primeiro, com o bigodinho aristocrático; depois, sem o seu orgulho capilar. Mas pensam que êle o perdeu sem receber compensação? Qual nada! Indenizaram-no com sete milhões de liras.

BATUQUE

PARA todo mundo a palavra «batuque» é qualquer música de barulheira com cuicas e tamborins, a azucrinar os nossos ouvidos. Mas, segundo se lê em uma descrição de «batuque» publicada no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro de 1867, de autoria de Joana da Conceição Mesquita, «batuque» era a música dolente que os africanos de Mossamedes executavam com tambores primitivos, pífanos e outros instrumentos rústicos nos funerais de companheiros falecidos. Acendiam uma fogueira e bebiam aguardente, enquanto algumas pretas cantavam coisas tristes e monótonas, outras acompanhavam com palmas e danças. «Batuque», portanto, não quer dizer festa, pagodeira, samba. E' morte, tristeza, lágrimas pelos que se foram...

LITERATURA HUMORÍSTICA

A literatura do bom humor é tão necessária à cultura humana, como uma sala refrigerada em dias de calor intenso. Mas não se confunda a literatura humorística com a narração imoral. João Ribeiro disse e muito bem: "Prefiro uma lição dos humoristas à da história, porque dificilmente deletreio as coisas graves e sou, por natural melancolia, inclinado às joviais anedotas. Nada expressa melhor os indivíduos que as suas pequenas frases, os seus defeitos e predileções menos graves". E Gustavo Barroso já externou êste pensamento: "As anedotas pintam melhor o caráter dos homens melhor do que muitas páginas de psicologia".

QUEM DISSE ISSO ?

1 Também o nobre ministro tem mestra de inglês em casa...

2 Os meus ministros fazem tudo o que querem, menos o que não quero que êles façam.

3 Não tenho culpa de que as suas grandes orelhas não permitam ouvir sons finos e delicados.

4 Eu só tenho mêdo de que pensem que eu tenho mêdo.

5 Pelo povo do Maranhão, morro contente.

(Respostas na pág. 42)

COISAS DE VALENTÕES

TODO mundo conhece aquela do cidadão que levou violento sôco e, querendo reagir, investiu para o agressor:

— Isto não vai ficar assim não, ouviu?...

— Como? — avançou novamente o autor do murro.

— Vai inchar... — terminou o outro, acovardado.

Pois há uma versão muito engraçada a respeito dêsses valentões. E' muito velha e a lemos numa revista de quase cem anos.

Um fanfarrão insultou um oficial do exército, e, quando bem não esperava, levou um bofetão que o deixou tonto. Vendo que não se tratava de qualquer daqueles a quem agredia impunemente, reanimou-se e interpelou o oficial:

— Isto é sério?!

— Muito sério! — respondeu o militar, pronto para repetir o sôco.

— Bem... — volveu o valentão de botequim — porque comigo ninguém brinca...



AS MELHORES TRABALHADORAS

A Irmã Marie du Sacré Coeur foi considerada uma das melhores trabalhadoras de França em prendas domésticas, concurso promovido pela Mutualité. Aqui vemos a campeã de rendas da Escola de Nancy, recebendo as felicitações de Giafferri, depois de condecorá-la com a respectiva medalha. A Irmã está jubilosa e agradece a distinção, que nada mais é do que o justo prêmio à sua dedicação ao trabalho silencioso e artístico a que se entrega com tanto amor.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES
OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	— Homem-macaco
de 1 a 3	cultura inferior	— Selvagem
de 4 a 6	cultura média	— Estudante ginasial
de 7 a 11	cultura superior	— Universitário
de 12 a 14		— Um sábio
Tôdas as 15		— O gênio em pessoa

1 — IRAJÁ, NO DISTRITO FEDERAL ESTÁ NA ZONA:
— Urbana?
— Suburbana?
— Rural?

2 — QUANTOS QUILÔMETROS TEM A BAÍA DE GUANABARA, DE CONTÔRNO:
— 143?
— 205?
— 117?

3 — COMO SE CHAMA A ILHA ONDE ESTÁ O FAROL DA BARRA DO RIO:
— Rasa?
— Redonda?
— Cotunduba?

4 — QUAL O ALCANCE DA LUZ DO FAROL DA BARRA DO RIO, EM MILHAS:
— 35?
— 40?
— 24?

5 — QUE NOME TEVE, DE INÍCIO, A ILHA DAS COBRAS:
— Da Madeira?
— Dos Macacos?
— Dos Aimorés?

6 — QUANDO PEDRO ALVARES CABRAL DESCOBRIU O BRASIL, ERA:
— Almirante?
— Vice-Almirante?
— Capitão-mor?

7 — QUE NOME DEU FERNÃO DE MAGALHÃES À BAÍA DE GUANABARA:
— Rio de Janeiro?
— Santa Luzia?
— Espírito Santo?

8 — QUEM TROUXE O FAMOSO JESUÍTA MANOEL NÓBREGA PARA O BRASIL:
— Tomé de Sousa?
— Martin Afonso de Sousa?
— André Gonçalves?

9 — QUAL DESTAS ILHAS SE CHAMOU "SERIGIPE", NOS COMEÇOS DO POVOAMENTO DO RIO:
— A Fiscal?
— A do Governador?
— A de Villegaignon?

10 — SOB QUE GOVÊRNO FORAM OS FRANCESES EXPULSOS DA GUANABARA, AO TEMPO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO:
— Do de D. João III?
— Do de Catarina da Áustria?
— Do de D. Manuel?

11 — EM QUE LOCAL DO RIO HÁ O MARCO DA FUNDAÇÃO DA CIDADE, INAUGURADO A 20-1-1915, PELO INSTITUTO HISTÓRICO:
— Na Esplanada do Castelo?
— Na praia do Flamengo?
— Na Urca, perto do morro de S. João?

12 — QUEM FUNDOU A CIDADE DO RIO DE JANEIRO:
— Estácio de Sá?
— Mem de Sá?
— Salvador Correia de Sá?

13 — EM QUE ANO FOI FUNDADA A CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO:
— 1780?
— 1808?
— 1565?

14 — DE QUEM E' O POEMA ÉPICO, "CARAMURU" DESCREVENDO A BATALHA ENTRE FRANCESES E PORTUGUÊSES NA CONQUISTA DA GUANABARA:
— Santa Rita Durão?
— J. G. de Magalhães?
— Camões?

15 — ONDE ESTÃO HOJE OS DESPOJOS DE ESTÁCIO DE SÁ:
— No Convento de S. Francisco?
— Na Candelária?
— No Convento dos Capuchinhos, em Haddock Lôbo?

(Respostas na página 42)



Curiosa atitude de Dircinha Batista, que com sua irmã Linda forma a dupla mais querida do «broadcasting» brasileiro. Dircinha é mesmo a maior!

DIRCINHA BATISTA

"FLAMENGO ATÉ A MEDULA" ★ "BRASIL", GRAVAÇÃO COM ROBERTO INGLÊS ★ ONDE APARECE A INSPETORIA ★ "A MÁSCARA DA FACE", GRANDE SUCESOS PARA O CARNAVAL

Reportagem de ZÉLIA TAVARES



O «Fã Clube Dircinha» — uma das maiores expressões de popularidade, e cada vez a torna mais querida dos seus milhares de admiradores.

O carro corria velozmente pela Rio — Petrópolis, e a conversa ia animada. Falava-se de tudo. De repente passou por nós um carro e a «chauffeuse» nos acenou com a mão, passando a nossa frente. Era Dircinha Batista. Então, o nosso velho amigo falou: — Quem não viu essa garôta apanhando carona de bonde como eu vi, não acreditará no que vou lhes contar.

Já faz tempo, eu morava na rua Dois de Dezembro. Sempre quando saía encontrava com Dircinha, então com uns 7 anos mais ou menos Estudava no Colégio Sion, nas Laranjeiras. Quando passava de uniforme era uma menina bem comportada. Mas, depois que chegava a sua casa, tirava o uniforme e saía para a rua, era um diabrete. Imagine que muitas vêzes eu a adverti. Mas, qual! A garôta era mesmo das arábias e de nada adiantava falar. Era levada como o quê...

Essa palestra nos deixou com uma grande curiosidade de conhecer mais de perto a grande estrêla que é Dircinha. E' verdade que todos a conhecem através de sua voz e suas músicas, mas, intimamente, poucos a conhecem.

Pouco tivemos que fazer para estabelecer o contato que desejávamos com a artista e, numa linda tarde dêste verão, nos encontrávamos



Neste ano Dircinha continua abafando: «Deixou deixou, deixou cair a máscara da face» e «Eu vou sair de touca», seus dois grandes sucessos.

DIRCINHA E' UM AMOR

Dissemos que Dircinha é um amor, porque tivemos a prova de que ela é realmente maravilhosa. O encontro que tivemos com a estrêla foi obra do acaso. Passávamos pelo mercado das flores, quando a vimos ali parada, atrapalhada mesmo. Não sabia como escolher... Nesse momento nos aproximamos e ela, sem saber mesmo que falava com a jornalista, nos disse com uma graça encantadora: — Veja, meu bem, estou aqui sem saber o que fazer. Quero levar umas flores para mamãe, que adora flores. Mas, como decidir?

E' que Dircinha também ama as flores e, assim sendo, o problema estava dificílimo de resolver. Quem poderá escolher entre uma exótica orquídea, ou um ramo de rosas?

Por fim, mostrando que é prática, a estrêla resolveu levar as duas. Grande solução.

Isso fêz-nos pensar que seria maravilhoso se todos os problemas tivessem uma solução idêntica à que Dircinha encontrou...

Resolvido o caso, acabamos nos apresentando e saímos dali como se fôssemos velhas conhecidas.

E, como sempre acontece, a jornalista teve logo a idéia de mostrar aos leitores o outro lado da estrêla. Assim foi planejada esta reportagem.

FUI MESMO UM DIABINHO

Logo de saída contamos a Dircinha a conversa que tivéramos no dia em que ela passara por nós na Rio — Petrópolis. Ela sorriu e disse: — E' verdade sim. Fui mesmo um diabinho. Imagine que até futebol eu jogava com os garotos da minha rua.

Até aos oito anos era terrível, mas depois, não sei como fui me modificando e, hoje, adoro ficar em casa lendo, conversando com mamãe e Linda ou então de passear de automóvel, mas o que mais gosto é de trabalhar. Adoro cantar para meus ouvintes. Essa é a minha maior felicidade. Outra coisa que me encanta é passear pela serra.

Gosto imensamente de sentir o cheiro do mato, da terra.

— Você disse que gostava de ler... Quais os escritores que mais aprecia?

— Gosto de Érico Veríssimo, de Stefan Zweig, Vargas Vilas, Blasquez Bagnes, mas também aprecio imensamente novelistas policiais. Dão uma grande sensação.

UMA VEZ FLAMENGO...

Dircinha, quando garôta, foi uma exímia nadadora, ou melhor é ainda hoje. Porém, quando menina foi campeã do infanto-juvenil do Flamengo. Quando fala no Flamengo, Dircinha o faz com um jeito todo especial. Aliás, isso é característico de todos os torcedores do mais querido...

«GUINCHADO»?

A estrêla nos contou um fato, ocorrido com ela quando de uma das suas visitas ao seu Estado natal, São Paulo, um dos maiores sustos que já levou em sua vida.

Dircinha é paulista, criada no Rio e há certas palavras usadas naquele Estado, que ela não entendia bem.

E conta:

— Havia comprado o meu carro há pouco tempo. Fui a São Paulo e me hospedei no hotel anexo ao Excélsior, na avenida Ipiranga. Cheguei muito tarde, creio que já era madrugada. Deixei o automóvel na porta do hotel e fui dormir.

No dia seguinte, bem tarde, acordei e, depois do café e da «toilette», desci para dar umas voltas.

Lembre-se que eu lhe disse que havia comprado o carro há pouco tempo e ainda estava pagando as prestações. Pois bem, saí.

Imagine que susto tomei quando olhei e não vi o carro.

Entrei e fui ao gerente, pedir que comunicasse à polícia que meu carro havia sido roubado.

— Não, dona Dircinha, seu carro não foi roubado — disse-me o gerente com a maior calma do mundo.

A essa altura já estava furiosa. Imagine, ficar sem o carro antes mesmo de terminar o pagamento. Era o cúmulo.

(Cont. na pág. 42)



«Se eu tirasse a sorte grande seria fazendeira...» Dircinha Batista não se descuida de sua elegante «toilette», por isso dá mais elegância às boites onde canta. Como boa dona de casa, a es-





trêla faz questão de embelezar o lar. É uma autêntica Cleopatra, apenas a outra não cantava... Mas, Dircinha adora cantar para os seus fãs de todo o Brasil. Essa é a sua maior felicidade.



A REVISTA há 50 anos

22-2-903

CHRONICA

QUASI toda a litteratura do nosso jornalismo politico é feita de narizes de cera. Os articulistas, aquelles a quem incumbe a grave missão de doutrinar o publico, foram-se convencendo de que este os não lia e acabaram por perder esse amor da lucta e de polemica que lá fora distingue os grandes orgãos da opinião e reflete as aspirações da alma nacional. O artigo de fundo é uma inutilidade para o leitor e uma estopada para quem o escreve. Representa ainda uma das muitas mentiras convencionaes que por habito fingimos acabar. Por isso é flacido, inconsistente, gelatinoso e ôco. Nada tem dentro nem precisa ter. Meia duzia de banalidades com recheio de adjectivos e prompto!



(Capa da REVISTA DA SEMANA de 22 de fevereiro de 1903)

Entre os muitos narizes de cera que maior numero de vezes vêm á baila em dias de chuva e falta de assumpto, figura a acusação, gravemente formulada, da nossa subserviencia aos habitos e gostos estrangeiros. «O Brasil — exclamam elles — é, por indole, um imitador e dahi lhe vêm todos os males. Ah! se elle produzisse, trabalhasse, creasse, outro gallo nos cantara! Sejamos brasileiros senhores, irreductivelmente brasileiros, e vereis como tudo isto irá de vento em pôpa nas pandas azas da fortuna.»

A leitura repetida e impertinente deste picadinho doutrinario despertou-me o prurido de medir-lhe o grão de veracidade; e convencido fiquei de que não ha accusação mais injusta.

Se imitar o estrangeiro é um peccado feio e ruim, delle está o Brasil absolvido. Que o imitemos nas modas femininas, ás vezes de pernas para o ar e trocando as estações, ainda concordo. No resto, não: o Brasil é das grandes nações da América do Sul a de civilização mais original.

E sendo, reparem para o nosso Rio de Janeiro, capital da Republica, quintessencia do progresso nacional. Reparem e digam-me se algum dos seus aspectos materiaes se approxima das atrazadissimas cidades de Paris, Londres, Berlim ou mesmo de Buenos Aires, para não irmos tão longe! Tudo aqui é nosso, muito nosso: as ruas, o calçamento, os edificios e esgotos e tudo, como vêm, é bello, confortavel e hygienico. Nada de ruas largas, de amplas avenidas, de installações sumptuosas e confortaveis, de serviços publicos e vida domestica nada de saneamentos complicados nem de mercados cheios de ar, luz e agua; nada de calçamentos commodos, elegantes e solidos; nada de docas ou caes acostaveis. Isso é bom para os povos sem vitalidade, incapazes de imaginação creadora. O nosso, não: sahido do cáos de ponto em branco, como Minerva da cabeça de Jupiter, tudo sabe aprender e absolutamente despreza a imitação tacanha e réles. Por isso tudo quanto nos diz respeito é modelar e mais de povo da terra, diante das maravilhas de Sebastianopolis, cahe de joelhos absorto e extasiado.

Não só não imitamos como tudo leva a crer que não imitaremos. No Imperio, no «ominoso» Imperio e ainda havia certos laivos dessa obediencia servil: o Imperador viajava, e das viagens trazia certos estrangeirismos caturras. Manias de velho, logo febrilmente corrigidas pelos legisladores e edis republicanos, gente nova, sabia e progressista.

Por isso faz gosto habitar o Rio de Janeiro e mostrá-lo aos estrangeiros que nos vêm pedir exemplos e conselhos. A cidade é um brinco e os nossos serviços municipaes creio que serão aproveitados para modelos da proxima reorganização da municipalidade de Londres. — JACQUES BONHOMME

★

X a Y pelo telephone.

— Neste mesmo instante aviso a minha mulher que tu jantarás comnosco hoje. Applica o aparelho e ouvirás o que minha mulher responde.

Y. escuta:

— Podias bem não convidar aquelle idiota!

Sim... Sim...
a massa é AYMORÉ!





A qualidade
é essencial
na alimentação.
EXIJA
AYMORÉ



Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!

A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

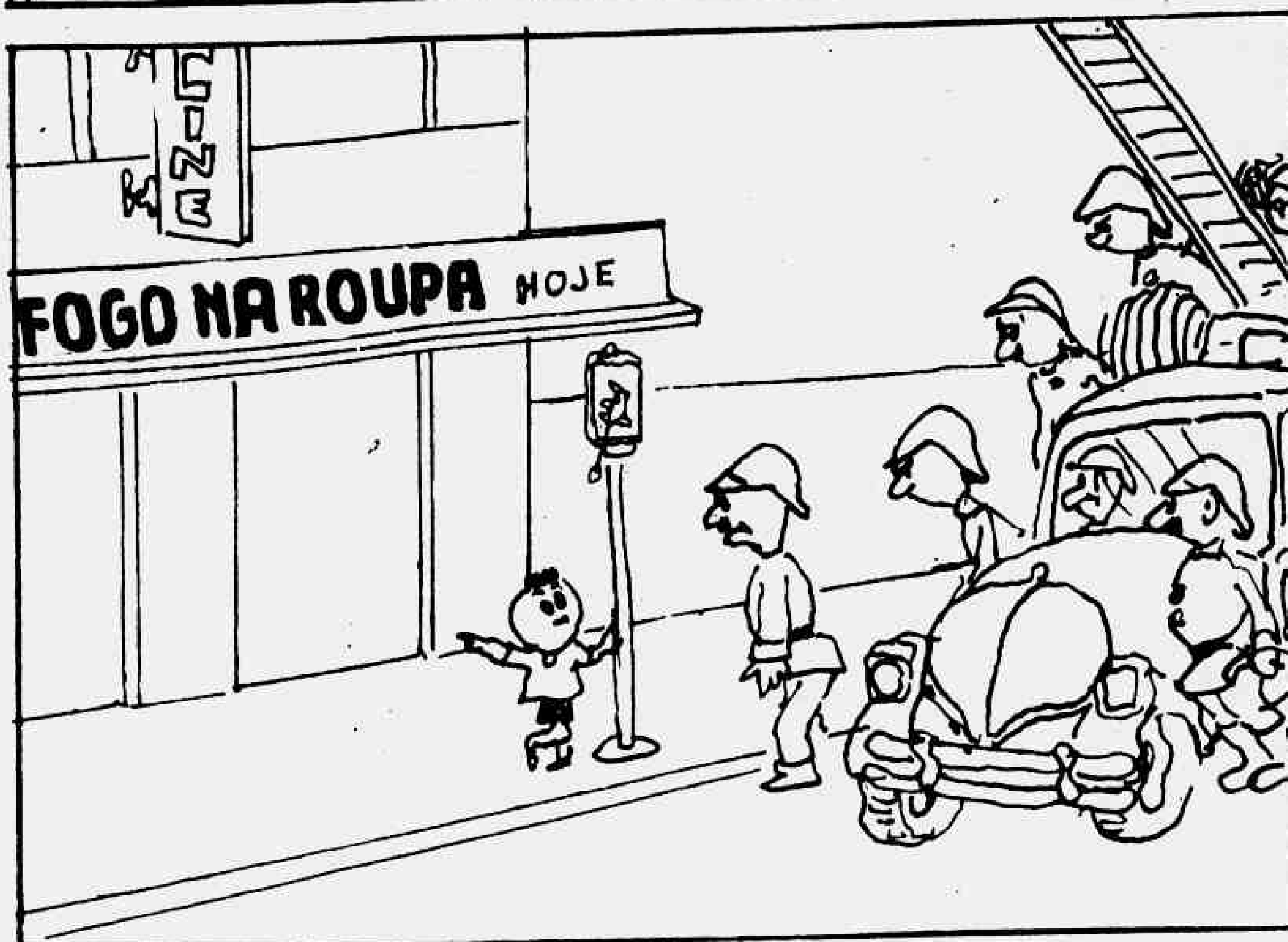
ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

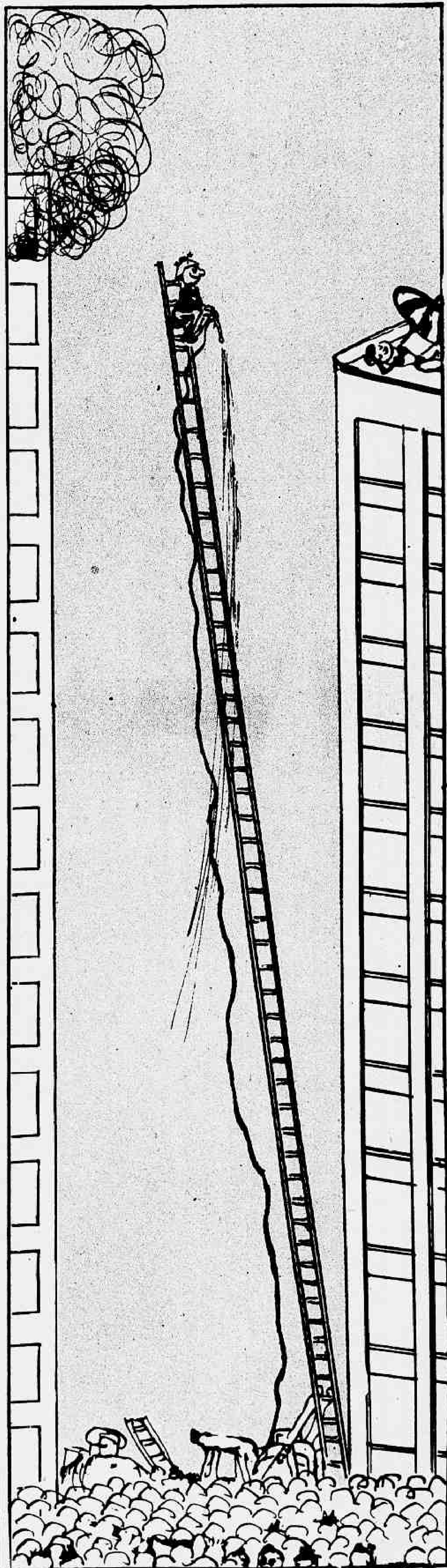
CRIAÇÃO DE DARCY

FOGO! FOGO!...









OS NOVOS CARDEAIS

PIO XII CELEBROU O 2.º CONSISTÓRIO DE SEU GLORIOSO PONTIFICADO ★ 24 PRELADOS DE 12 NAÇÕES CATÓLICAS RECEBEM O CHAPÉU CARDINALÍCIO ★ ELEITO CARDEAL O PRIMAZ DO BRASIL ★ PELA PRIMEIRA VEZ NEO-CARDEAIS DO EQUADOR, COLÔMBIA, ÍNDIA E IUGOSLÁVIA

Texto de **LEONEL C. FERREIRA**



Um dos instantes solenes da investidura cardinalícia, a imposição do solidéu, feita pelo Papa Pio XII



Quando o Papa Pio XII ocupou seu trono, com hábitos brancos, no salão consistorial, os cardeais se puseram de pé e o saudaram. Os três

A Igreja Católica é no mundo contemporâneo a mais antiga dinastia espiritual. Por isso tem seus alicerces na profundidade dos séculos. Combatida por uns, por outros venerada, a nau de Pedro chegou aos nossos dias incólume das fortes tempestades. Numa das colinas da Cidade Eterna ergue-se o Vaticano. Ali reside o Papa. O sucessor de Pedro na direção da grei. Sob a cúpula majestosa da basílica se escondem vinte séculos de cristianismo através das criações imortais do amor universal trazido ao mundo pelo sublime Mártir do Calvário.

O estado pontifício tem uma organização tôda peculiar. Território neutro, é governado pelo Papa. Pelo célebre tratado de Latrão ficou assegurada sua soberania contra as pretensões do govêrno peninsular. Hoje o Vaticano se rege pela disciplina dos cânones eclesiásticos. Tem sua bandeira. Tem seu corpo diplomático.





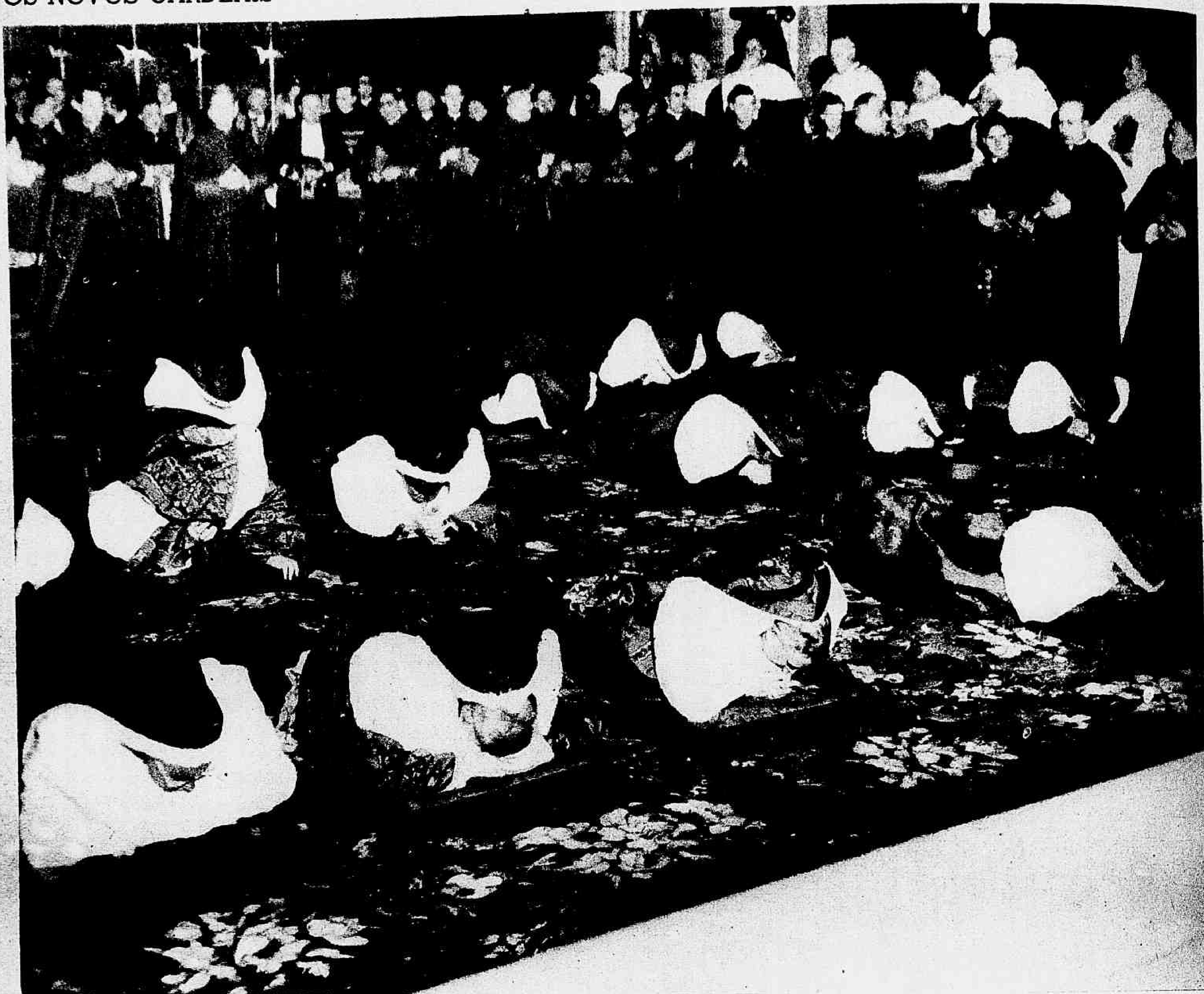
cardeais sul-americanos receberam as suas «Cartas de Notificação» no Colégio Pio Latino Americano. Vemos um flagrante da função.

Tem seu tradicional exército de guardas suíços. Junto à Santa Sé funciona a chancelaria mundial dos governos.

A mais alta côrte papal é o cardinalato. Chamado também o Sacro Colégio. São os auxiliares imediatos do Sumo Pontífice. Compõe-se de cardeais de tôdas as partes do mundo. Na qualidade de príncipes da Igreja representam a mais alta autoridade eclesiástica em suas pátrias. Em geral são escolhidos entre os bispos e arcebispos que tenham prestado relevantes serviços à causa católica. A história guarda a memória dos grandes cardeais que se notabilizaram na política. Na urdidura das côrtes tecendo as malhas da realeza, Richelieu e Mazarino ligaram para sempre o prestígio da diplomacia papal às glórias do trono de França.

Não só na política como também na ciência, tem se celebrizado a púrpura cardinalícia. Um

OS NOVOS CARDEAIS



No transcorrer da cerimônia, S. S. o Papa Pio XII impõe a «Capa Magna» aos neo-cardeais. A liturgia católica viveu um de seus grandes dias.



O ponto culminante do Consistório Público: Os cardeais prostados na Basílica de S. Pedro, numa demonstração de humildade à Sé Apostólica.

cardeal Mercier, por exemplo, deu à escolástica a sua perenização em meio ao turbilhão de ideologias que agitam os espíritos. E' do seio do cardinalato que têm saído sempre os grandes Papas, que no presente, têm tido a difícil tarefa de manter a unidade do catolicismo frente à desordem de uma sociedade terrivelmente aniquilada. Os cardeais são o estado maior da Igreja. Sua missão é ajudar o Chefe da Cristandade a terçar as armas nesse renhido combate, que fêz da Igreja de Cristo a mais velha instituição até hoje existente sôbre a terra.

O mais alto Senado da Igreja Católica foi instituído na Idade-Média. Com a bula «Post Quam Vere», de 3 de dezembro de 1586, o Papa Xisto V, fixara o número de cardeais em 70. Apesar da Igreja ser uma instituição religiosa internacional, sempre houve maior número de cardeais italianos. Atualmente Pio XII tem procurado dar ao cardinalato a sua verdadeira significação de universalidade da fé cristã. No seu pontificado já realizou dois consistórios para nomeação de novos cardeais. Em ambos deu oportunidade de demonstrar essa prerrogativa do Sacro Colégio, elevando à púrpura cardinalícia arcebispos dos quatro cantos do globo.

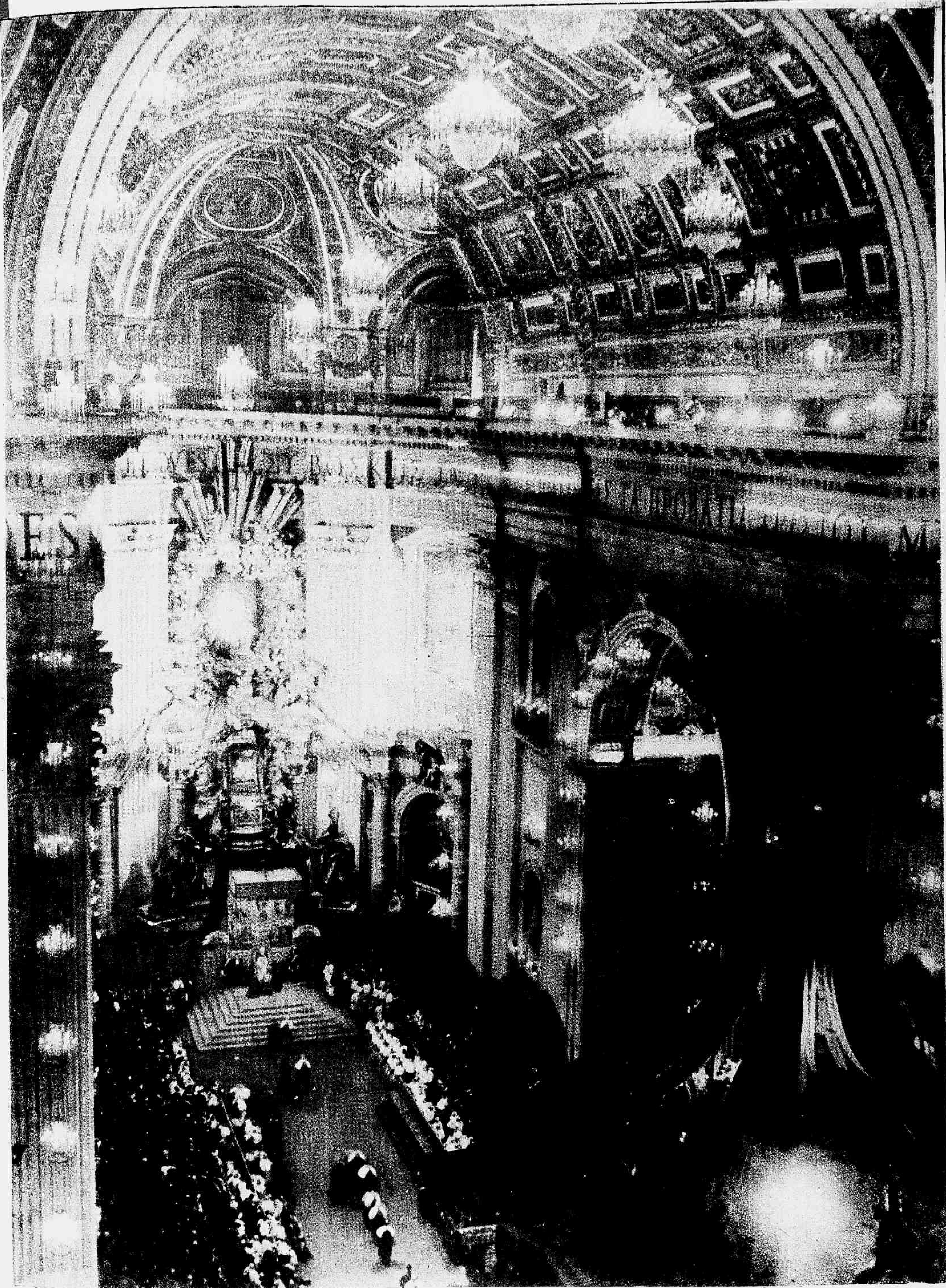
Desde 1706, nos dias de Clemente XI, a côrte pontifícia vem se ressentindo com a lacuna de alguns membros. Em 1946, Pio XII celebrou importante consistório, no qual elegeu o maior número de cardeais, ou seja 32, até agora único na história da Igreja. Finalmente êsse ano, com o intuito de completar o número de cardeais, realizou o Papa solene consistório secreto e público, elegendo mais 24 purpurados.

O consistório é uma assembléia de cardeais presidida pelo Papa. O de 12 de janeiro teve a pompa e esplendor da liturgia católica. Iniciado com o tradicional «Extra omnes» (sai todos), completou-se com as palavras pronunciadas pelo Papa «ad sumus» (juntos nos encontramos). Era a realização de mais um consistório secreto no qual doze nações católicas estavam representadas na pessoa de seus novos cardeais.

No consistório público do dia 15 os novos príncipes da Igreja receberam o solidéu. Fazendo por três vêzes a genuflexão e osculando os sapatos do Papa, desfilaram os novos cardeais no Salão dc Trono do Palácio Apostólico. Dezenove antigos príncipes da Igreja ladeavam Sua Santidade nesta imponente função tão cheia de beleza e tradição. Cêrca de 30 mil pessoas seguiam ansiosas o desenrolar daquele monumental drama da fé comum de milhares de fiéis. Altos dignatários. O Corpo diplomático acreditado no Vaticano. O uniforme de gala dos áulicos da côrte papal. Tudo dava ao ambiente a majestade brilhante de uma grande solenidade. Nesse concêrto admirável ouviam-se as magníficas vozes da incomparável capela Sixtina, como se fôra um enorme côro a cantar o hino de 19 séculos da Igreja Católica nas páginas da história.

Assim ficou completo o Sacro Colégio, que hoje conta com 70 cardeais de 27 nações diferentes. Depois de 250 anos, pode ostentar a Igreja o seu mais elevado Senado, como uma

(Cont. na pág 42)



Outra vista geral da magnífica Basílica enquanto se desenvolve a solene investidura dos novos príncipes da Igreja Católica. Cada um dos novos purpurados teve que gastar cêrca de 120 mil cruzeiros com o rico guarda-roupa cardinalício. 70 cardeais completam, hoje o Sacro Colégio.





«TOCADOR DE GAITA» **«LA GIOCONDA»**

UM LO

CARNAV

«DIANA A CA

Diana

OS salões de baile do Hotel Glória exibem, êste ano, para o baile dos Artistas, uma decoração inédita e até certo ponto chocante ao observador desprevenido: telas famosas dos mais célebres clássicos da pintura universal e esculturas de artistas gregos ainda não identificados, convertidas em motivos carnavalescos de adaptações verdadeiramente geniais. Embora se trate de uma contrafação burlesca, a decoração possui grande senso de oportunidade e beleza dentro do jocoso que a época inspira. Assim, aquêle magnífico Apolo de Belvedere, e a Diana grega, estão travestidos em foliões carnavalescos de 1953; o belo quadro «Olympia», de Manet, representa uma matrona alegre, deitada em um «sumier» a ver na tela de um aparelho de televisão o desenrolar de um jôgo de futebol; a «Fonte» de Ingres, uma das obras-primas da pintura, com aquela camponesa de belas formas esculturais, tendo ao ombro o cântaro, ficou agora convertida numa suburbana que troca a cantarinha por um pandeiro, vestida de Pirata! Vejam o que sucedeu com a «Gioconda» de Da Vinci: é a nossa Diacuí! O grande pintor Degas, dentre suas magníficas obras, nos deu a «Bailarina», uma tela delicada e leve, inspiradora de poemas e de amor. Pois bem: naqueles salões ficou transformada em uma foliã a se esbaldar no frevo em um circo.

OUVRE

AVALESCO

A CAÇADORA»





«BAILARINA»



«FONTE»

Por fim, o quadro que nos deu Manet, com o seu «Tocador de gaitinha», metamorfoseou-se em um carnavalesco cidadão a soprar num trombone de vara! A quem se deve essa idéia, assim estravagante e insólita? A Nilson Penna, um dos nossos mais imaginosos e hábeis decoradores, laureado pela Associação Brasileira de Críticos Teatrais, vencedor de bôlsa de estudos em Paris onde êsteve durante dois anos, estudando com mestres da estatura de Jean Louis Barrault, Antoni Clavé, Marcel Marceau, Jean Denis Malclés, etc., tendo viajado por todos os países da Europa aperfeiçoando sua cultura artística. Mas Nilson, decorador da «Fundação Americana», da cidade universitária de Paris, discípulo de Santa Rosa, divulgador do folclore brasileiro em danças e músicas, é paraense e, por isso, traz na alma a magnitude das amplidões multicores e o calor genésico dos trópicos. O carnaval é subversão da ordem, é o «habeas-corpus» que liberta a inteligência criadora, quebra os tabus e arrasta para a folia gênios e clássicos, deuses do Olimpo e deusas do Louvre. A concepção de Nilson Penna pode escandalizar convicções do século passado; mas, que está genialmente transplantada para a farra carnavalesca do Baile dos Artistas, capaz de dar vida a telas e esculturas de museu, lá isso é inegável!

JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS **MIL** ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953

CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

AS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

NAS BANCAS DE JORNAIS, **EM TODO O BRASIL**

PREÇO **25** CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO
POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



Flagrante da manifestação popular em Sete Lagoas. O governador do Estado de Minas Gerais, senhor Juscelino Kubitschek, dirigia-se acompanhado de sua comitiva para Paraopeba a fim de, no trecho compreendido entre Belo Horizonte-Salto da Divisa, inaugurar o quilômetro mil.

EM MINAS, POR DIA:

1.428 METROS DE ESTRADAS DE RODAGEM

Reportagem de DANILO RAMIREZ

(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Belo Horizonte — Fevereiro.

CADA vez que o sol se põe sob o infinito verde das terras mineiras, a gente pode ir contando nos dedos que mais mil quatrocentos e vinte e oito metros de largas estradas foram abertos naquele dia; 1 428 metros de caminhos rasgados por entre serras, sôbre planaltos e encostas pedregosas. Caminhos que máquinas resfolegantes cobertas de pó vermelho — se a terra é o barro rubro do coração das montanhas mineiras — e cobertas de poeira negra, se a terra é a terra preta rica de seiva.

E sem querer, no caderno, anotamos a frase batida e mil vêzes repetida de «em se plantando, dá».

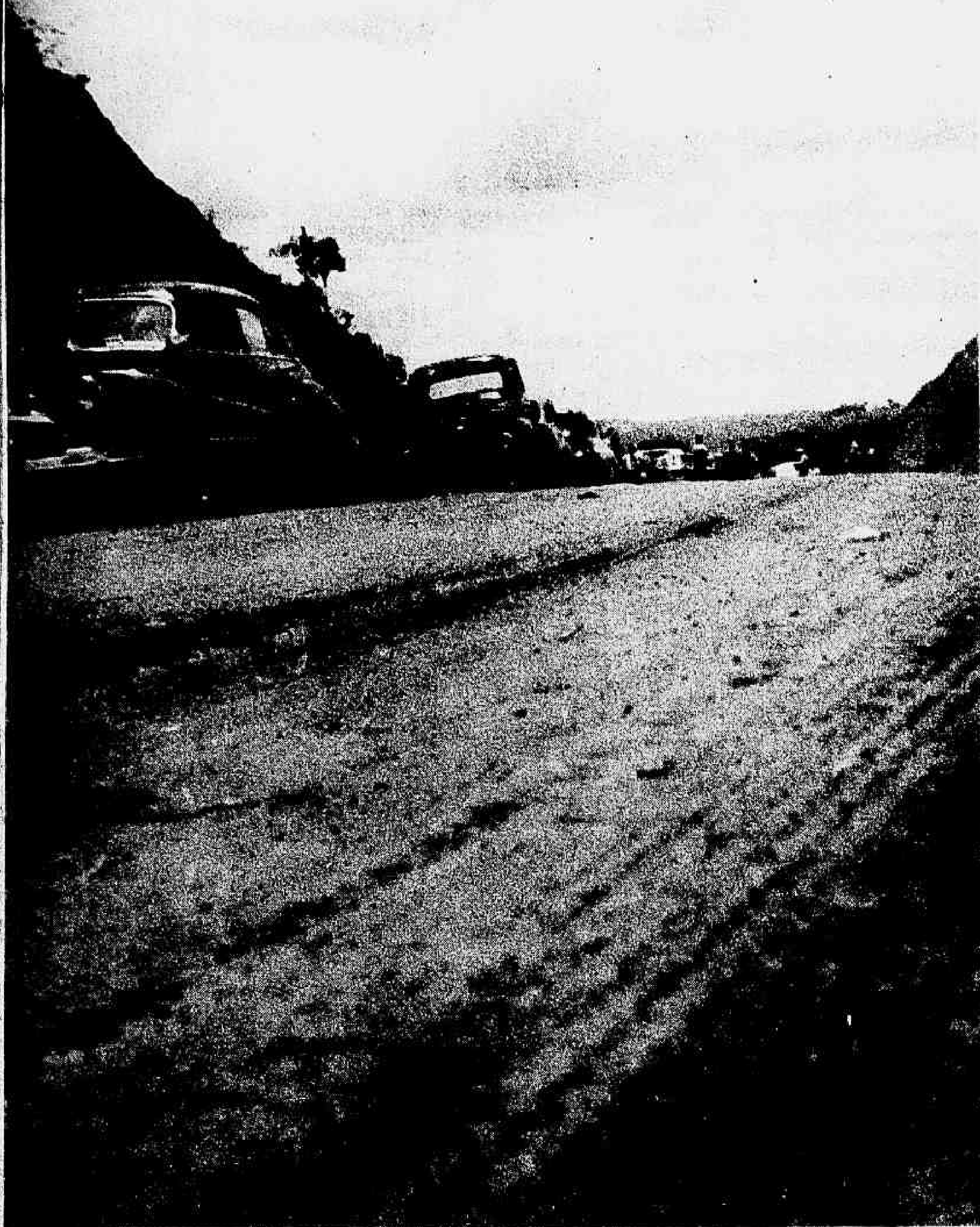
Mas, agora, Minas se veste de novos desenhos sôbre o seu solo milagroso. São desenhos que mãos de engenheiros traçaram sôbre mapas e cartas geográficas, indicando onde abrir e cortar para obter passagens para caminhões, para automóveis, para rodas que, girando lentas ou velozes, levem sempre um pouco de progresso através dos sertões que um dia foram vencidos pelas bandeiras das esmeraldas.

> Onde um lápis sôbre uma carta geográfica tem a fôrça dum trator cortando serras e abrindo clareiras ★ "Transporte e energia" — binômio que define a administração do sr. Juscelino Kubitschek

O LÁPIS E O TRATOR

Num gabinete pequeno, sem luxo, com pouca gente à sua volta, um homem estuda uma carta geográfica e nela faz alguns riscos com uma ponta de lápis. Êsse homem é o governador de Minas. E, como médico, êle parece estar «estudando» o seu «doente». À sua frente — contam em Belo Horizonte — ficam os técnicos (engenheiros e construtores) aguardando que êle acabe de traçar riscos sôbre o mapa. Quando êle conclui, todos então iniciam os estudos. Depois de algumas trocas de opiniões, tem começo a «operação».

Êsse homem que estuda o «enfêrmo» é Juscelino Kubitschek. Dizem que êle pega dum mapa do seu Estado e pergunta «por que aqui não tem estradas». E, como nunca fica lá muito satisfeito com as respostas, apanha dum carro, larga-se para o ponto que viu no mapa sem a estrada que lhe parecia obrigatória.



Estradas largas começam a cortar todo o sertão mineiro na direção dos 4 pontos cardiais. Esta é a que liga Sete Lagoas a Paraopeba. Pode-se observar a largura e acabamento do leito para a boa rodagem dos carros.



Um corte em pleno sertão mineiro. Os carros pararam para que a reportagem fotográfica fixasse êste ângulo. Ao fundo, o palanque de onde Juscelino Kubitschek agradeceu às manifestações de simpatia dos sertanejos.

Pessoalmente, então, êle examina tudo. Indaga, pergunta, toma notas, manda que tomem notas e volta para casa. Se convém mesmo abrir uma estrada, isso não se discute mais. Num passe de mágica, êle salta por cima das barreiras burocráticas, e a estrada logo começa a ser rasgada na carne das montanhas.

E' como se êle mesmo estivesse a fazer com um gigantesco lápis vermelho, sôbre o contôrno da serra verde, o caminho da futura avenida sertaneja.

A ponta de grafite risca sôbre o papel. A poeira sobe para as nuvens. O desenho se fixa no pergaminho. A terra rola para os lados jogada pelas pás dos tratores dinâmicos. E' o milagre das estradas.

O QUILÔMETRO «MIL»

E assim, em dois anos de govêrno, já mais de mil quilômetros, mais de mil e duzentos quilômetros de largas estradas, foram abertos por todo o interior de Minas Gerais.

Estávamos com o nosso carro entre os duzentos com que no dia 31 de janeiro o governador, comemorando a passagem do segundo aniversário do seu mandato em Minas, inaugurou o «Marco do quilômetro mil».

— Mil quilômetros? Mil quilômetros de estrada até Sete Lagoas?

E logo colhemos informações: — Não apenas mil quilômetros numa única estrada, mas mil quilômetros para centenas de pequenas estradas que cortam todo o Estado em muitas direções. Tudo entregue ao tráfego nos últimos meses. E nesses primeiros dias de 1953. E se a marcha continuar nesse ritmo acelerado, Minas terá dentro de dois anos mais três mil quilômetros além do prometido pelo govêrno.

Um registro: nos cinco anos de govêrno anterior ao de Juscelino Kubitschek, apenas 600 quilômetros de estradas foram abertos.



O governador de Minas Gerais, Juscelino Kubitschek, sobe a um dos diversos tratores que, hoje, quebrando o silêncio das paragens alterosas, vão rasgando a terra até então apenas tocada pelos rudimentares instrumentos que abriram as vias carroçáveis ou os caminhos antigos.

O BINÔMIO

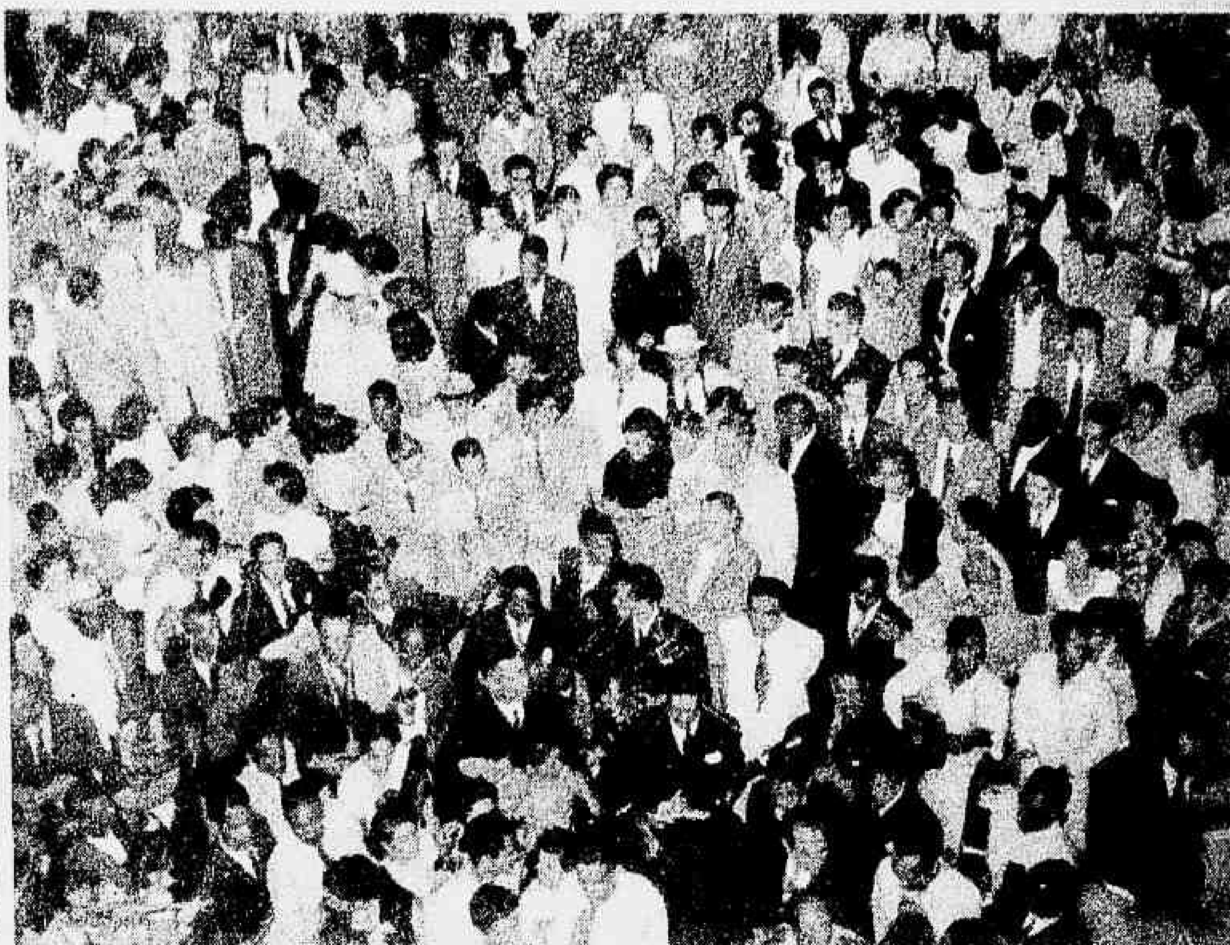
Palavras do governador:

«Nenhum processo de desenvolvimento econômico pode verificar-se onde faltam energia e transportes». — Dentro dêsse lema, o governador de Minas traçou um plano econômico. E fixou diretrizes para os seus passos, sem fugir do binômio poderoso.

O parque elétrico do Estado toma



D. Antônio dos Santos Cabral, arcebispo metropolitano, declara solenemente inaugurada a nova sede do Dep. de Estradas de Rodagem, recém-construída pela atual administração de Minas Gerais. Ao lado do governador Juscelino Kubitschek, ao centro, o sr. Celso Murta, diretor do D.E.R.



Na noite de encerramento das festas, houve uma serenata nos jardins do Palácio da Liberdade. Uma serenata com artistas do rádio mineiro e seresteiros que foram cantar velhas modinhas do século passado. Flagrante nos terraços quando os violões e cantores homenageavam Juscelino.

impulso espantoso. Dos 200 mil cavalos de fôrça prometidos pelo governador ao assumir a direção dos negócios do Estado, já se encontram na metade de sua construção, diretamente ajudados pelo govêrno ou pelo govêrno auxiliados ou financiados ou ainda estimulados, mais de SEISCENTOS mil cavalos de fôrça. Usinas elétricas estão sur..ido nos campos e a energia dá novo impulso à economia mineira.

A reportagem fotográfica apresentará aos leitores mais informações sôbre as festas com que o povo de Minas comemorou a passagem do segundo aniversário de govêrno do seu querido governador.

O governador Juscelino Kubitschek, entre artistas e populares que enchiam os jardins do Palácio da Liberdade, agradece às manifestações. O governador do Estado de Minas fala de improviso com o domínio completo da palavra. E a sua oração foi objeto de grandes aplausos.



UMA SÓ PROFISSÃO... E UMA SÓ ESPÔSA

O "CONSERVADOR" RAY MILLAND EXPLICA O SEGRÊDO DA SUA FELICIDADE ★ CANTARÁ EM SEU PRÓXIMO FILME E DIRIGIRÁ OUTRO NA EUROPA ★ UM PIONEIRO NO FILME SEM DIÁLOGOS ★ CONFRONTO ENTRE O CIRURGIÃO E O ARTISTA

Reportagem de DULCE DAMASCENO BRITO

RAY Millanda é um dos poucos atores que, vindo para Hollywood sem a menor experiência teatral, fêz do cinema a sua escola dramática e evoluiu de tal maneira que hoje se encontra na Alemanha dirigindo «Stranger in Munich», cujo «script» escreveu, interpretando ainda o principal papel.

— Se fôsse há dez anos atrás, eu jamais teria auto-confiança para um empreendimento desta natureza! — confessa o próprio «astro» à repórter de «A CENA», durante uma entrevista nos estúdios da Columbia, pouco antes de sua partida para a Europa. — Mas, durante todo êste tempo em Hollywood, nunca me limitei apenas a interpretar os papéis que me eram confiados. Usei os meus próprios filmes para estudar o trabalho do «camera-man», do diretor, do eletricista, do carpinteiro e do editor. Fui sempre o mais amolante dos «sets» e hoje sou grato à paciência com que êsse pessoal me aturou...

Relembramos seus primeiros tempos na Paramount, em que aquêle estúdio teimava em apresentá-lo como galã bonito nos idílicos filmes de Dorothy Lamour, geralmente transcorridos em paradisíacas ilhas dos Mares do Sul. Ray Milland sorri. E comenta:

— Acho que a maioria dos atores em Hollywood passou pela mesma fase. Mas os que verdadeiramente têm ambições artísticas acabam se revoltando e insistindo em outro tipo de papéis. O estágio de galã romântico é muito bom como prática ou uma espécie de preparação da personalidade do ator, servindo ainda como veículo de propaganda perante o público. Quando, porém, se consegue um papel como o de «Farrapo Humano», é muito difícil sujeitarmo-nos novamente a outros filmes sem significado moral. Além disso, mesmo que eu quisesse voltar a ser «galã bonito», como você diz, não seria mais possível, pois, veja só...

E êle mostra à repórter a falha do seu cabelo no lado direito, a qual tem que ser encoberta com um topête postiço para que não fique demasiado proeminente nos filmes. Mas isso é exigência dos estúdios, pois, na verdade, êle é um homem sem vaidade, que faz questão de aparecer feio e mal arrumado na tela. Sua mímica e habilidade dramática, adquiriu à custa de muita observação e estudo pessoal. Interpretou tôda a sorte de filmes apenas para «aprender cinema» e, quando se sentiu «graduado», nunca mais aceitou papéis medíocres. Isto valeu-lhe a admiração de tôda Hollywood e, quando os produtores Clarence Greene e Russell Rouse decidiram realizar um filme sem diálogos, lembraram-se logo de Ray Milland para o papel principal, pois êle é hoje um dos poucos atores cinematográficos que apenas com um olhar podem exprimir o seu estado d'alma. Exibida a película, Ray candidata-se a mais um «Oscar» da Academia! Porque, na verdade, «The Thief» veio situá-lo como um dos mais extraordinários atores do mundo: o primeiro a não usar palavras dentro do cinema falado!

— Foi uma inesquecível experiência! — confessa o «astro» orgulhoso. — Sinto-me como um pioneiro...



Arlene Dahl, companheira de Milland em «Jamaica Run», ri com êle das piadas do diretor Lewis R. Foster, durante um intervalo de filmagem.

— Considera, então, «The Thief» o seu melhor papel no cinema, Mr. Milland? — perguntamos-lhe.

— Não, — responde êle. — O «role» que mais me agradou foi o de Satanás em «Alias Nick Beal», lembra-se? O filme constituiu um redondo fracasso de bilheteria, mas satisfez o meu «ego» de artista...

O simpático astro acabara de fazer na Columbia a comédia musical em tecnicolor «Let's Do It Again», com Jane Wyman; na qual, pela primeira vez, êle cantará na tela.

— Até então, só havia cantado no... banheiro! — diz-nos Ray. — Será, pois, outra experiência, que, espero, seja tão proveitosa como as anteriores...

À primeira vista parece um paradoxo que, após o enorme sucesso artístico de «The Thief», em que nos deu uma pungente «performance», Milland aceite para fazer uma comédia dessa natureza, mas, analisando-se a sua vida, chega-se à conclusão de que êle não daria tal passo se não sentisse certo benefício para a sua carreira. Homem ponderado e sensato, há 22 anos atrás, o então Reginald Truscott-Jones abandonou seu pôsto como membro da guarda-real inglêsa porque não via futuro em semelhante profissão. Veio para a América e, como naquela ocasião, o advento do cinema falado fôsse o assunto do dia, resolveu tentar a nova modalidade artística. Com o nome mudado para Ray Milland e a cabeça cheia de sonhos, o jovem inglês de 25 anos conseguiu um contrato na Paramount. Quase que simultâneamente com êsse grande acontecimento, encontrou a mulher ideal — Muriel Weber — a quem desposou em 1931. Desde então, nunca mais mudou de profissão ou... de espôsa. Estabilizando-se, mais tarde, como um dos maiores atores do écran, nem por isso deixou que o sucesso modificasse a sua vida no lar. Pai de dois filhos, jamais permitiu que as crianças ou Muriel o visitassem nos «sets» de filmagem, atribuíndo a isso a sua felicidade no casamento. Por que?

— Ora, se eu fôsse um cirurgião, nunca me lembraria de convidar minha família para assistir às operações que fizesse! Poderiam ver o «resultado» das mesmas, mas não «a maneira» como as realizei...

Não há dúvida: o filósofo que há em Ray Milland tem razão! Se os «astros» de Hollywood se compenetrassem dessa verdade e aprendessem com êle a manter completamente separadas a vida artística da particular, haveria menos divórcios. Mas, afinal, êsses são outros quatrocentos cruzeiros...

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

DE SÃO PAULO

PROMOVIDO pelo «Studim», Centro de Difusão Cultural, dirigido pela professôra Maria Cattarini, realizou-se em fins de janeiro um recital de poesia, intitulado: Noite dos Poetas da Nova Geração. Entre os poetas que participaram dêsse festival, em homenagem ao aniversário da fundação da cidade de São Paulo, anotamos os seguintes nomes: Antônio Rangel Bandeira, Cyro Pimentel, Dalmo Florence, Gilberto de Almeida, Edgard Braga, José Tavares de Miranda, Vicente Augustus Carnicelli, Reynaldo Bairão. O escritor José Geraldo Vieira abriu a sessão, pronunciando uma pequena palestra sôbre a Poesia e a Estética Moderna. O poeta Reynaldo Bairão, logo em seguida, fêz uma pequena homenagem a Paulo Sérgio, falecido há quatro anos atrás, e aproveitou a ocasião para ler alguns poemas do autor do «Poema da Eterna Caminhada».

★

SÉRGIO CARDOSO e Nídia Lícia deixaram o Teatro Brasileiro de Comédia. Aceitaram a proposta do Serviço Nacional de Teatro e já embarcaram para o Rio, a fim de cumprir o contrato que o S.N.T. fêz ao talentoso casal. Sérgio e Nídia ofereceram um coquetel de despedida, no Clube dos Artistas, e ali compareceu todo o mundo de teatro e das letras da capital bandeirante: Tônia Carrero, Ruggero Jacobbi, Maurício Barroso, Ziembinski, casal Cavalheiro Lima, Matos Pacheco, Léo Villar, Maria José de Carvalho, Diogo de Assis Pacheco, Darcy Penteado, Maria de Lourdes Teixeira, José Tavares de Miranda, Hernani Donato, José Geraldo Vieira, Reynaldo Bairão e outros.

FORA DO PRELO

● CONSTRUÇÃO DO PALÁCIO DE PETRÓPOLIS — Guilherme Auler vem de tirar uma separata de «Vozes de Petrópolis», com seu excelente artigo sôbre o paço imperial de Petrópolis. Uma bela contribuição ao tombamento de nossos solares históricos e que interessará a quantos presam as incursões pelo passado.

● MENINO OU ANJO — Van Jafa, o jovem poeta que estreou em 1948 com um livro de estranhos poemas, «Ronda dos Teus Olhos», dá-nos neste início de ano seu segundo livro de poesia — «Menino ou Anjo», primorosa apresentação gráfica e bela capa de Carlos Bastos. Registrando aqui o aparecimento do novo livro de Van Jafa, para advertir os leitores, brevemente voltaremos para um comentário mais extenso a respeito dêstes poemas.

● MARÍLIA — Comemora-se agora, mais um centenário de Marília de Dirceu. A respeito, a revista «Acaiaca», de Belo Horizonte, consagrou um de seus números recentes à evocação da musa de Gonzaga, dando-nos na íntegra um estudo, «Marília», de David Carneiro que é, como êle o chama, e muito bem, «um novo julgamento da inspiradora de Gonzaga». Nessa obra, o estudioso de Curitiba restaura um velho elemento biográfico da moça mineira imortalizada pelo Inconfidente: a verdade de que ela também escreveu versos. Sabendo-se, como se sabe, que Marília foi tida por alguns historiadores como analfabeta, é curiosa e oportuna a leitura dêste trabalho por muitos títulos meritório.

● GRAÇA ARANHA — Na série de pequenas biografias brasileiras, destinadas à infância e que vêm publicando as Edições Melhoramentos, merece destaque a de Graça Aranha, de autoria de Maria de Lourdes Teixeira que reuniu neste pequeno volume o essencial sôbre o romancista de «Canaan».

CONCURSO DE CONTOS

Está circulando em seu número 8, «Letras Fluminenses», mensário de literatura e arte que se edita em Niterói, sob a direção de Luís Magalhães. Como matéria de atração maior, destacamos o lançamento do Concurso de Contos patrocinado por aquêle mensário, pela Prefeitura Municipal de Niterói e pelo SENAC do Estado do Rio. Os prêmios do concurso serão, respectivamente, de Cr$ 3.000,00, Cr$ 2.000,00 e Cr$ 1.000,00, para o 1º, 2º e 3º colocados, havendo ainda menções honrosas com prêmios em livros.

Além de suas seções habituais, «Letras Fluminenses» publica: «Café Paris, 1922», reportagem retrospectiva da vida literária fluminense de há trinta anos; «Suzana e o Mundo», conto de Nildo de Oliveira Viana; «Presença do Poeta Augusto Frederico Schmidt», seleção e notas de poemas schmitianos, feitas por Geir Campos. Colaboraram no número em aprêço, Athyr Guimarães, Arino Peres, Aurélio Zaluar, Edson Rodrigues Chaves, Geir Campos, Graziela Carvalho, Inê Nascimento, Horácio Pacheco, Luís Palmier, Maurílio de Gouveia, Odern Ribamar Teixeira, Renato de Lacerda, Sávio Soares de Sousa, etc.

JORNAIS E REVISTAS

● O EXCELENTE suplemento do «Jornal do Povo», de Ponte Nova, reapareceu, brilhante como sempre, muito seleto de colaboração, ilustrado e com abundante matéria de crítica, poesia e prosa.

● TEMOS EM mãos três números de revista «Acaiaca», de Belo Horizonte, um dêles dedicado a Marília de Dirceu, outro ao município de Formiga e o terceiro de assuntos gerais, todos muito cuidados, como é de hábito.

UM LIVRO:

PLÁCIDO DE CASTRO

UMA nova série, nessa excelente coleção Brasileira, a «Biblioteca Pedagógica Brasileira», inclui em sua lista êste volume de Cláudio de Araújo Lima, «Plácido de Castro — Um caudilho contra o Imperialismo», conforme o título por extenso. Rende-se aqui justiça a um dos grandes homens do Brasil, êsse «coronel» José Plácido de Castro que, conforme o conceito popular, foi o «pai do Acre».

De fato, é uma figura sedutora de caudilho, melhor, de condutor de homens, a de Plácido de Castro. Personalidade extraordinária, principalmente no cenário brasileiro, onde são raros heróis tão puros. Complexa organização de líder, somando os elementos essenciais do chefe, desde a intuição militar, ao espírito político e o gênio econômico que fizeram dêle um excepcional administrador, como vimos, tanto na organização da revolução acreana, como na de seu rico latifúndio de seringueiro. Foi diante dêsse vulto fascinante de pro-homem, que Cláudio Araújo Lima se deteve, nesta obra. Êle preferiu êsse farto material humano, estudando-o detidamente em meio aos acontecimentos, em vez de fazer um livro «acreano», em meio ao qual veríamos o seu «caudilho» — denominação que deve ser tomada em seu sentido literal, não como o compreendemos certo tempo, em nosso meio político, na era do «coronelismo». Estamos em que o autor, com abundante documentário, abarrotado de informações sôbre a questão acreana, se lesou, de certa forma, preferindo o estudo da figura do líder da revolução do Acre. Êle está de posse de um inestimável e único material histórico sôbre essa epopéia, suas determinontes e consequências, bem como de seu esplêndido transcurso, como se depreende da leitura da obra. Mas, em vez de repetir o exemplo de Euclides, limitou-se ao papel menos brilhante do biógrafo, do ensaísta, dando-nos esta síntese e fazendo projetar-se, em plena justiça, o vulto dêsse admirável brasileiro.

Como tal, seu livro que tanto enriquece a estante de nossos estudos históricos, vazados em métodos modernos, realmente de espírito científico, além de bem escrito, nos deixa uma impressão funda e funda emoção, na descoberta dêsse grande homem, aqui apresentado em um retrato «grandeur nature». Ao mesmo tempo, devemos exigir ao autor um segundo volume, onde o fenômeno da criação e da nacionalização do Acre, ganhe vulto, de tal forma isso interessaria ao conhecimento do Brasil, aos nossos estudos sociais, políticos e econômicos. Vemos em «Plácido de Castro», de Cláudio de Araújo Lima, um tão largo e multíplice panorama, descortinado nas entrelinhas da história dêsse homem que se alçou às proporções dos grandes libertadores sul-americanos, em ambiente impróprio, em plena selva inculta, anexando o Acre, definitivamente ao território nacional, que não podemos nos consolar da ausência de um livro que nos dê todos os aspectos dessa extraordinária revolução — o livro que Cláudio de Araújo Lima nos fica devendo.

UM AUTOR:

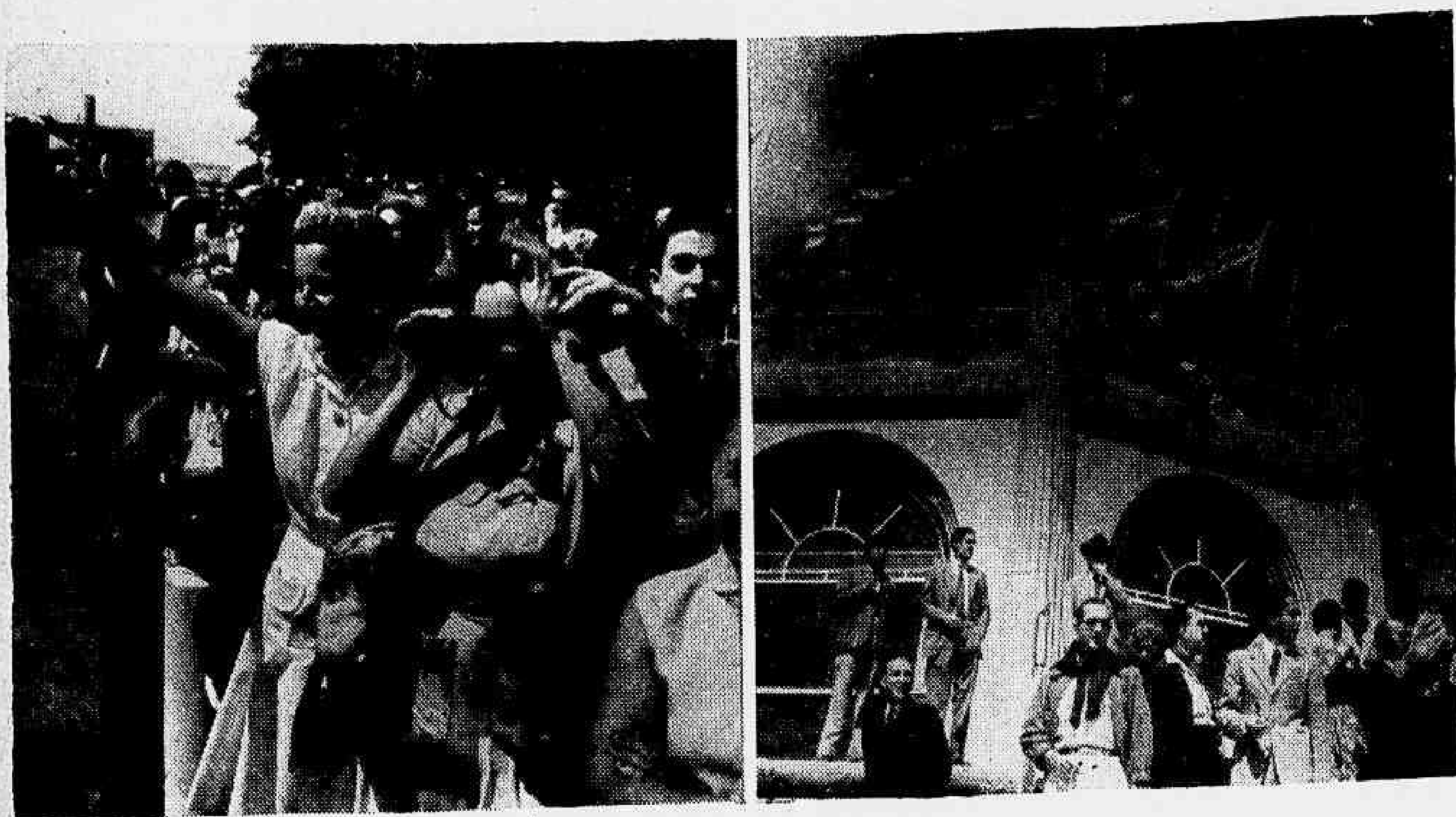
FERNANDO FORTAREL



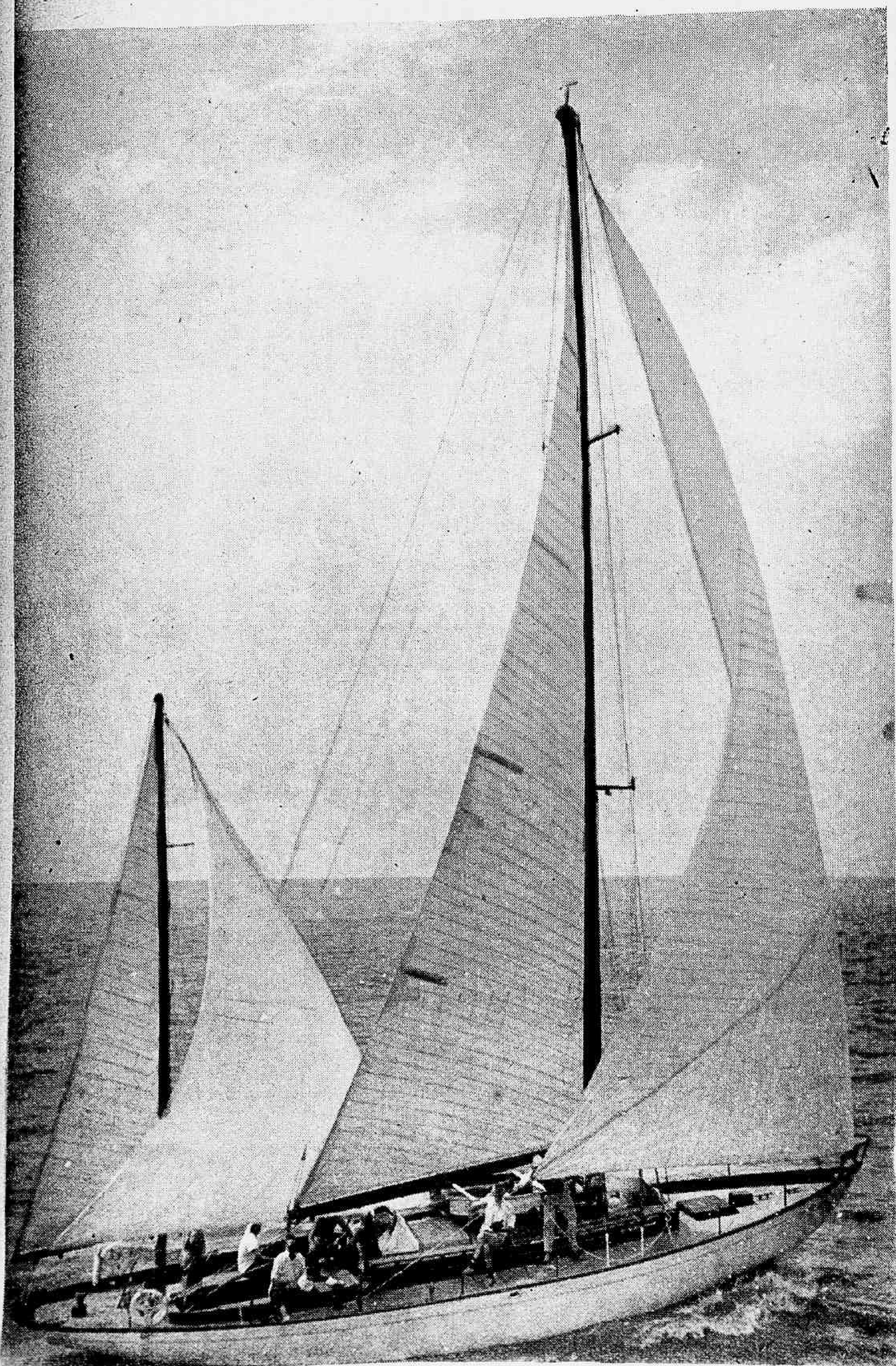
FERNANDO FORTAREL

ENTRE os nomes que se tornaram estimáveis entre nossos autores de obras infantis, destaca-se o de Fernando Fortarel, jornalista de prestígio em São Paulo e que fêz do fantástico mundo das crianças sua segunda atividade, para derivar, nesse ambiente de lirismo feérico á aridez e o realismo de nossa profissão. Um êxito tão grande como justo, coroou sua brilhante incursão pela literatura infantil que, devemos notar, tem sido mais praticada em São Paulo, graças ao exemplo ilustre de Monteiro Lobato e onde, com Elos Sand e Fortarel, encontramos muitos outros cultores do gênero, tão sedutor como difícil. Estamos registrando aqui o aparecimento de uma quarta edição de «Chiquinho fugiu com o Circo», um dos livros de Fernando Fortarel que mais têm merecido o interêsse de seus pequenos leitores (Editôra do Brasil S. A.). O fato dispensa outros comentários. Entretanto, devemos também assinalar que Fortarel, segundo estatísticas feitas nas bibliotecas infantis do Estado bandeirante, é um dos autores mais lidos de S. Paulo. Além dessa obra, Fortarel publicou ainda «Chiquinho e Moleque Zeca» e «O Circo de Barrilote», onde encontramos, ao par de uma fantasia exuberante e de um salutar senso de humor, com o lirismo indispensável, um sabor muito brasileiro que é, sem dúvida, a maior fôrça de sua literatura infantil, lida com deleite, inclusive pelos adultos.

Como novidade, podemos anunciar que Fernando Fortarel tem também pronta para estréia uma peça infantil «O Casamento de Branca de Neve», uma **suite** ao velho e admirável conto de Grimm, recentemente universalizado pelo desenho de Walt Disney. A peça, adaptada de um livro seu, se destina a marcar época em nosso teatro infantil, muito pobre, ainda, de obras realmente significativas.



A PARTIDA FOI emocionante. Não só as famílias dos concorrentes, mas também a elite esportiva da cidade de Buenos Aires compareceu, sob o tremular das muitas bandeiras.





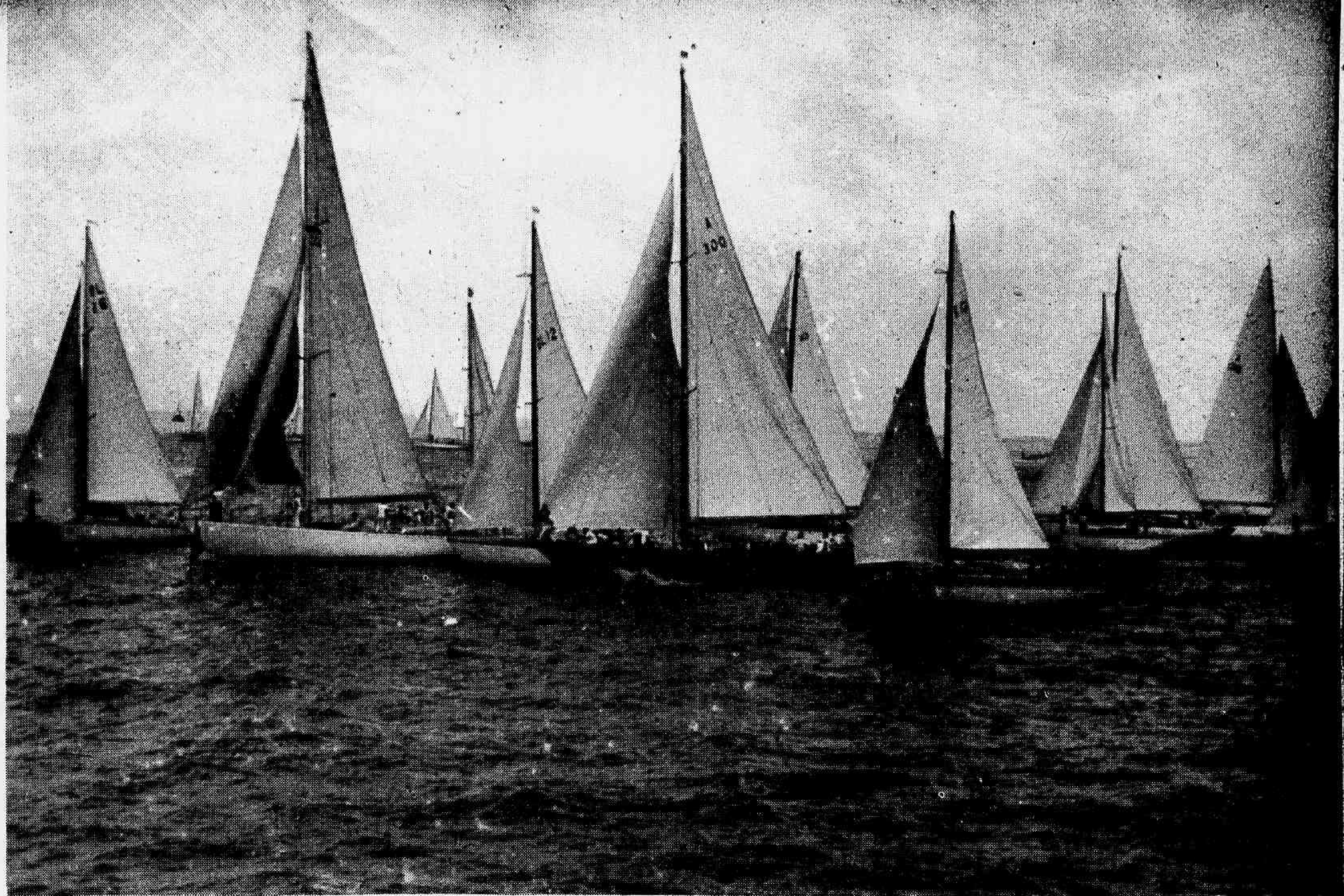
NA FOTO QUE estampamos acima são vistos os
Em baixo — o notável veleiro norte-americano

A MAIOR REGATA DO MUNDO

ENTRE os acontecimentos esportivos de destaque internacional cabe à regata de iates Buenos Aires — Rio a glória de ser o feito culminante do gênero. As 1 200 milhas de percurso e o número de concorrentes de diversas nações dão categoria excepcional a essa disputa. Êste ano concorrem vinte e dois barcos, sendo na sua maioria argentinos (11), oito brasileiros, um português — «Ribamar» — e um norte-americano o «White Mist».

Entre todos êles o mais famoso é o «Vendaval» que já foi vencedor dois anos consecutivos da regata Buenos Aires — Terra do Fogo, ida e volta. Trata-se de um barco de linhas elegantíssimas e de incontestável velocidade, graças à habilidade comprovada de sua tripulação.

As duas regatas anteriores foram ganhas por dois iates argentinos: o «Altaïr», que foi o primeiro vencedor, e o «Fjord», que chegou junto com o «Vendaval» à entrada da Guanabara num duelo sensacional. Resta assinalar que o «Vendaval» é o detentor da Fita Azul que é dada ao barco mais veloz. Porém, dado o tamanho, o calado e altura do mastro, os barcos são classificados por critério de **handicap**, o que impossibilitou o «Vendaval» de ser o vencedor

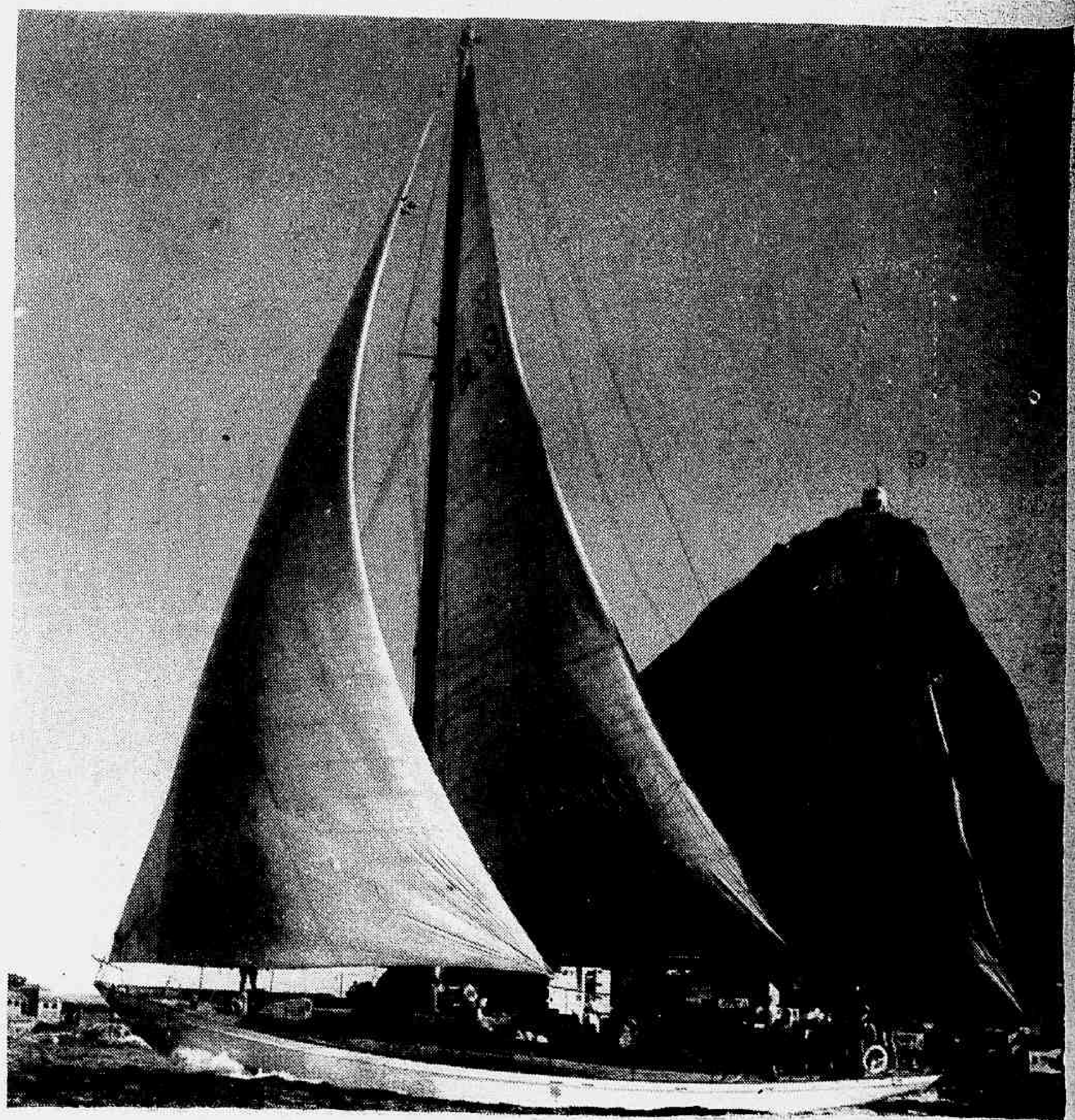


barcos aproximando-se da linha de partida. As manobras preliminares requerem grande perícia dos timoneiros para que as proas coincidam. «White Mist», um dos mais cotados para favorito. À direita — o «Vendaval» num esplêndido flagrante quando de sua partida para Buenos Aires

O BRASIL BEM REPRESENTADO NA GRANDE REGATA OCEÂNICA ★ O PRESIDENTE JUAN PERON DÁ O TIRO DE LARGADA ★ MIL E DUZENTAS MILHAS DE PERCURSO ★ TÉCNICA E BOA FORTUNA FAZEM O VENCEDOR

Texto de NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES

Fotos de JOSE' SANTOS



e o detentor do ambicionado título, já que tem a glória de muitos outros, inclusive a fama de ser o barco mais rápido da América.

Até o dia 5 as informações eram favoráveis ao «Vendaval», que vinha no primeiro grupo acompanhado de perto pelo «Juana» (argentino) e pelo «White Mist» norte-americano que concorre pela primeira vez.

A largada em Buenos Aires, da qual damos os flagrantes, foi feita da Darsena Norte com a presença do presidente Juan Perón quem pessoalmente deu o tiro da largada a bordo de um pequeno navio da esquadra argentina.

Não podemos fazer previsões quanto ao desfecho da regata. O que é certo é que os brasileiros estão bem representados. Sua chance aumentou com a retirada de «Congrejo», que teve o seu mastro partido.

A livre escolha do caminho e a boa fortuna de encontrar brisas favoráveis são os fatôres que farão as glórias dêstes destemidos **sportsmen** que levam com o seu arrôjo a bandeira de suas pátrias aos ventos da fama.



OURO PRÊTO, a cidade romântica do Brasil do século XVII foi cenário dos amôres de Marilia e seu poeta Dirceo. Hoje considerada monumento nacional mantém vivas as linhas estilisticas de sua época áurea. A arquitetura se ajusta harmoniosamente à paisagem montanhosa. Tudo ali sugere lirismo.



TOMAS ANTÔNIO Gonzaga, o autor das **mais** belas liras da língua portuguêsa

MARILIA DE DIRCEO

PEDRO CALMON (da Academia Brasileira de Letras)

PASSOU a 9 de fevereiro último o centenário da morte em Ouro Prêto, de uma velha senhora que tinha o grande nome de Maria Joaquina Dorotéa de Seixas. Ali mesmo nascera a 8 de novembro de 1767 e vivera os oitenta e cinco anos de sua vida modesta entre a matriz de Antônio Dias e a ladeira de Santa Efigênia, num solar apalaçado, ao pé de uma fonte ornamental, de um átrio majestoso, de uma ponte de pedra, com as montanhas [illegible] [illegible]

[illegible] muitos os que a levaram a sepultar na igreja vizinha, onde jaz sob as três naves do assoalho. Um algarismo identificando o jazigo. E [illegible] foram poucas as mulheres neste mundo que alcançaram glória semelhante à sua. A morta [illegible] do amor lírico. O milagre da eternidade literária. Em verdade, durante longos anos se ocultara naquela mansão silenciosa uma pobre mulher devota, [illegible] [illegible] A poesia

cometera o prodígio de lhe perpetuar o retrato juvenil, na perfeição risonha, na simplicidade amável, na esplêndida harmonia dos traços gentis, da mocidade faceira, do coração terno. Envolvera-a aos dezoito anos a veneração do gênio. Um extraordinário poeta a escolheu para a musa da sua inspiração: e dedicou-lhe os mais belos versos que então em língua portuguêsa se escreveram. A paixão e o infortúnio deram celebridade a êsses cantos vibrantes de exaltação, de saudade e de candura: e porque os veste um véu de noivado, o platonismo imacula-'o os ilumina com uma doce mística, sente-se que os ditou o puro amor, ficaram na emoção das gerações como a obra prima da sensibilidade e da delicadeza. Feitos para ela, sòmente a ela festejaram, celebraram, coroaram. O estro de Gonzaga absorve-se na contemplação de Marilia. Principia e acaba ao redor da sua presença encantadora. Não se ocupou de outra mulher. Não se desperdiçou em outros cultos. A lira que em sua honra desfez-se em tanta música, partiu-se com a sua ausência.

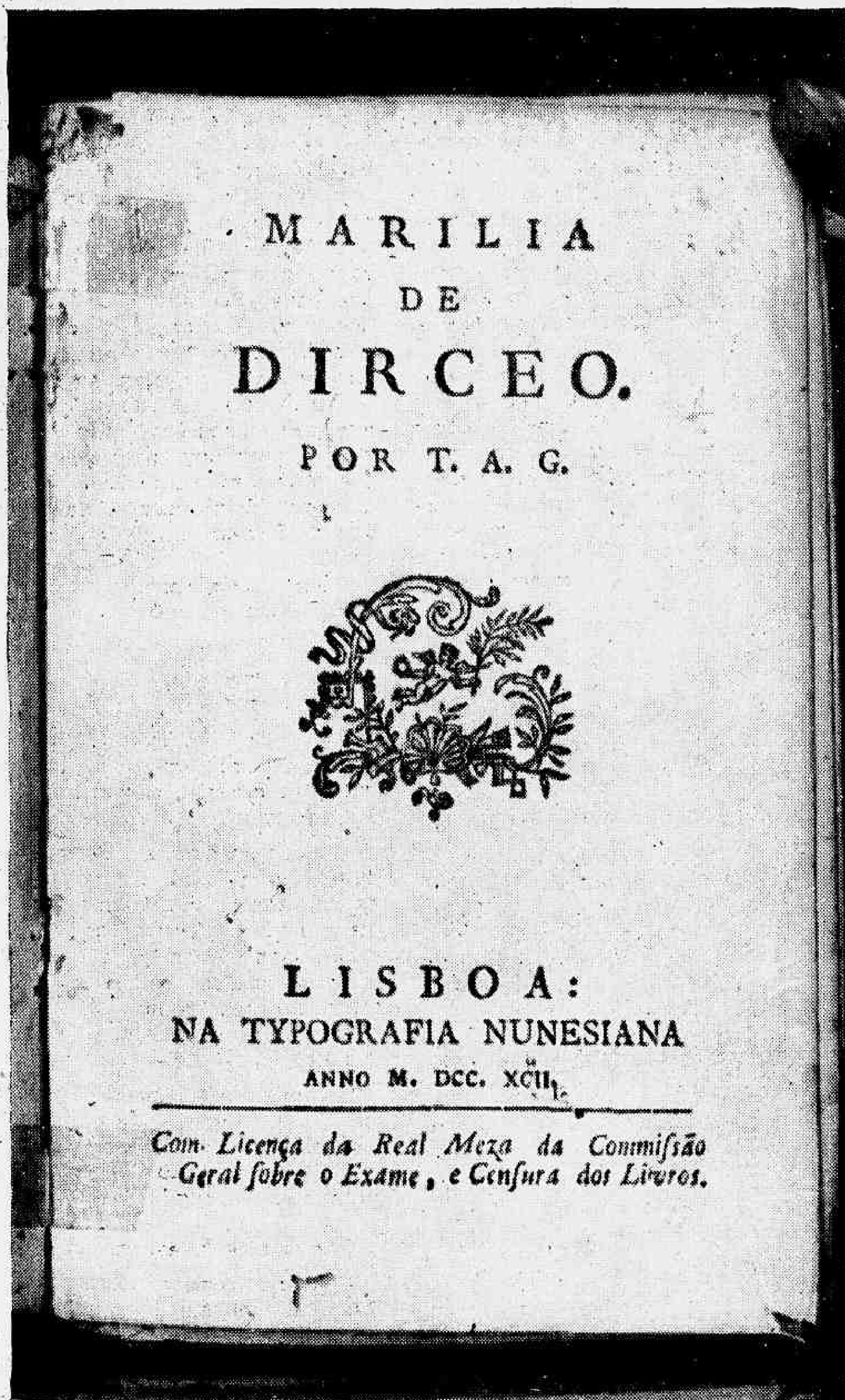
Gonzaga foi um magistrado severo, que trouxera de Coimbra a guitarra do estudante bem escondida nas dobras da toga: ambicionava os altos postos da carreira, tinha inteligência para os conquistar e ardia em inquietações perigosas. Dizem, e disse êle, que caiu inocente nas malhas da Inconfidência, foi prêso sem culpa, julgado sem justiça, desterrado sem razão. Pode ser que fôsse assim. Porém é visível nas suas estrofes, um orgulho desmedido. Sócrates ria-se de Alcebíades, apontando-lhe a vaidade pelos rasgões da túnica despedaçada, com a qual se fingia de pobre. Uma palavra de que abusa — e abusava significativamente — é a palavra «trono». Lê-se-lhe na Lira I, que o agrado de Marilia valia «mais que um trono...» Na Lira XXVII: «ganhei, ganhei um trono...» Abatia-se, entretanto, diante dela. Considerou-a única entre tôdas. Queria levá-la para Portugal, e gritar:

— Não trago, não, comigo,
Nem pedras de valor, nem montes d'oiro;
Roubei as áureas Minas, e consigo
Trazer para os teus cofres
Êste maior tesouro.

Inundava-o um infinito carinho por essa menina-e-moça de «redonda e lisa testa, arqueadas sobrancelhas; a voz meiga, a vista honesta...» De ponta a ponta no seu livro a descreve, a elogia, a eleva sôbre tôdas as cousas, numa adoração exultante. E pedia finalmente:

Depois que nos ferir a mão da morte,
Ou sejas neste monte, ou noutra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dois a mesma terra.
Na campa, rodeada de ciprestes,
Lerão estas palavras os pastores:
— "Quem quiser ser feliz nos seus amôres
— "Siga os exemplos que nos deram êstes".

Estimamos que sejam êstes versos gravados na parede barroca da matriz de Antônio Dias, onde repousa Marilia de Dirceo. Ouro Prêto não esquecerá o poeta e a musa, cujo romance é a sua mais comovente tradição!

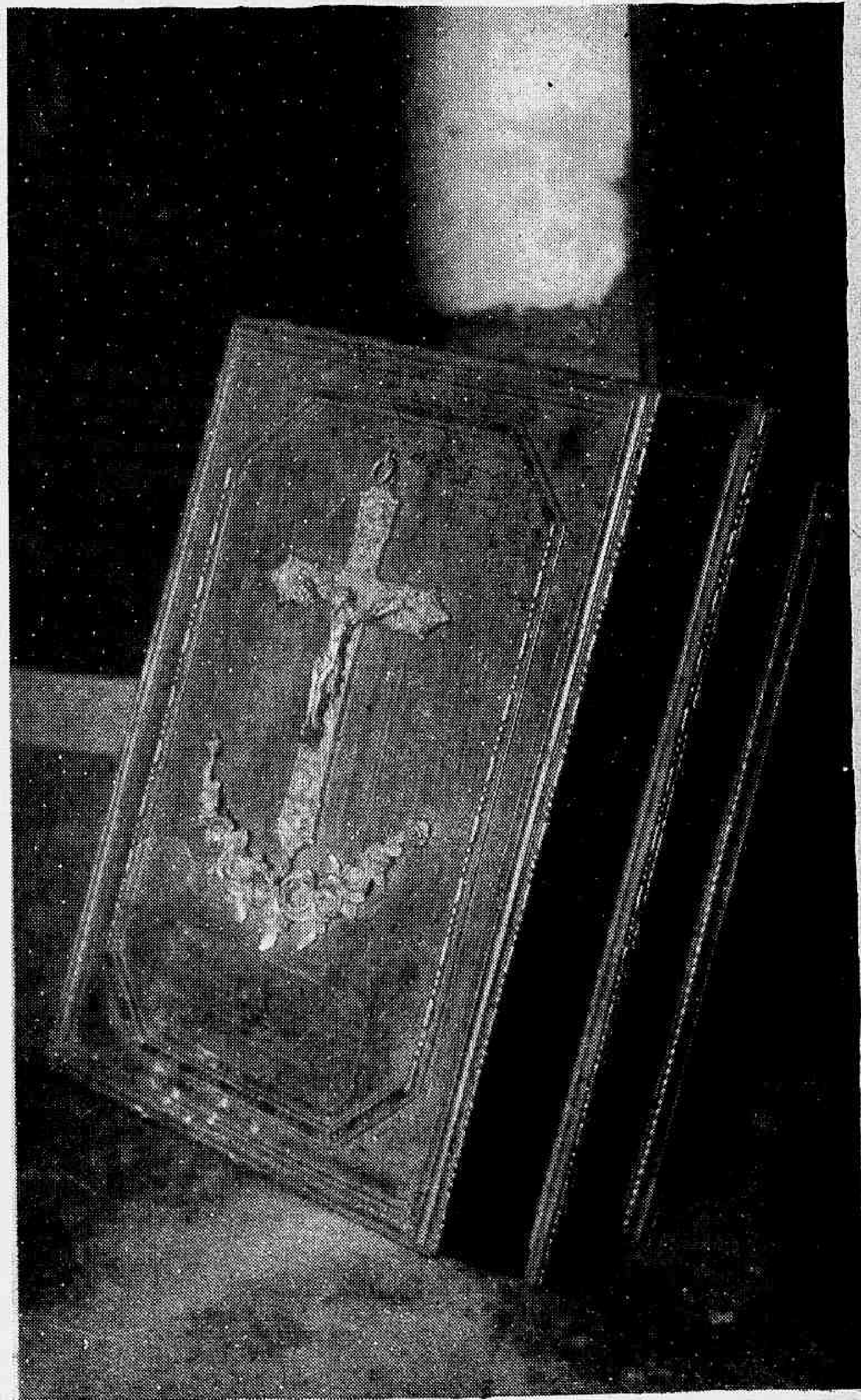


MARILIA
DE
DIRCEO.
POR T. A. G.

LISBOA:
NA TYPOGRAFIA NUNESIANA
ANNO M. DCC. XCII.

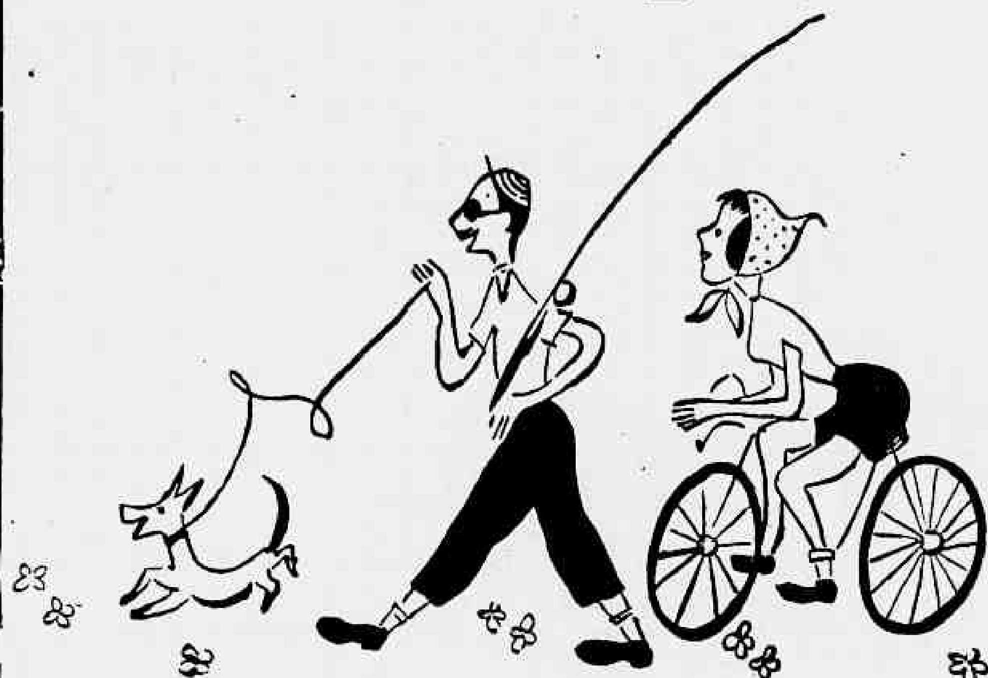
Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FAC-SIMILE da fôlha-de-rosto da 1ª edição do poema de amor impresso em Lisboa em 1792. Por êste tempo nascia Werther na imaginação de Goethe.



ESTA URNA contém relíquias de Marilia. Está aos cuidados do Vigário da Matriz de Antônio Dias (N. S. da Conceição). Uma real preciosidade.

S. Lourenço
Caxambú
Araxá
Lambarí
Cambuquira



Toda a familia terá horas de sobra para passeio ou repouso nas estâncias balneárias, viajando de avião. Os nossos aviões sobrevoam panoramas encantadores e oferecem o máximo de confôrto em viagem aérea.

NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 686 - B - Tels. 32-7397, 32-7398 e 32-7399

AGUARDEM

AS GRANDES EDIÇÕES DE CARNAVAL DA "REVISTA DA SEMANA", PRINCIPALMENTE OS NÚMEROS DE 28 E 7 PRÓXIMOS. GRANDES REPORTAGENS.

APASSIONATA

(Cont. da pág. 14)

dade, em minha volta. Todos eram bons, irrepreensìvelmente corretos e talvez, quem sabe? Porque me magoasse a idéia de passar pela vida — crescer, casar, ter filhos, netos e morrer — sem um sentimento mais forte, apeguei-me naquele amor, que me fazia um ser aparte, diferente das mocinhas de minha idade cujos brinquedos me irritavam e cujos inocentes romances me faziam sorrir. E criança que eu era aceitei com orgulho o papel de mulher que me emprestavam. Cá de longe senti nas páginas do seu primeiro livro de versos traços de minha figurinha jovem, de meu coração apaixonado. Fôra eu — e certamente sem que mesmo êle percebesse — quem lhe inspirara aquêles poemas delicados, cheios de lirismo, que provocavam admiração, aplausos.

Mas êle não voltava... E uma a uma foram se acumulando as velinhas em meus bolos de aniversário e quando êle veio, anos já se tinham passado. Um casamento errado, uma queda súbita empanando o brilho da primeira vitória, tinham-lhe pôsto nos lábios um sorriso amargo. Os cabelos começavam a embranquecer nas têmporas e os olhos sem ver um ponto qualquer. Tudo isto despertava em mim a vontade de abraçá-lo, de consolá-lo de nem sei que dor.

E de novo nos encontramos, de novo fui vê-lo na sala clara e florida e a pouco e pouco, voltou-lhe o riso para acompanhar o meu...

Depois... Depois, minha amiga, foi numa noite não sei se linda ou escura. Sei que era um dêsses momentos em que a felicidade, o amor, até a própria mocidade parecem possuir a essência das coisas infinitas, das coisas que, como as divinas, atravessam a morte para além da vida... Havia jasmins brancos abraçando as colunas do caramanchão. Disse-me êle, de repente, que amava os jasmins, a brancura do luar, a limpidez do meu olhar... disse e olhou-me... talvez sem acreditar que se pudesse amar assim, percebendo enfim que o amor que nascera pueril, pequeno, na criança que eu fôra, resistira ao tempo, à distância, à sua própria indiferença e crescera vitorioso na mulher que eu era... E partimos... Sim, foi assim minha amiga... Eu saltava enfim os obstáculos... Segui-o serena, inelutàvelmente, alegremente, consciente do que deixava para trás, do que o futuro me poderia dar. E mais uma vez minha própria voz ritmou seus versos, deu-lhes vida, calor. Mais uma vez êle venceu. Aquêle era o meu destino. E porque sentia a fôrça dêste destino foi que, percebendo, um dia, que já não estava em mim fazê-lo feliz, eu me afastei devagar, muito de leve, sem barulho de soluços ou lágrimas. E êle quase nem o percebeu. Que queres? Havia tantos risos, só um se apagou, eram tantas as mãos, só um gesto ficou perdido no ar, só um vulto sumiu de vista. Tolice, minha amiga, eu não sacrificava nada. A idéia de sacrifício jamais me ocorreu. Não o culpe tampouco. Os homens diferentes vivem vidas diferentes... Depois seria absurdo, desrazoável, exigir da vida mais do que eu própria havia desejado...

Acompanhei-o de longe, e tôdas as suas vitórias fizeram a minha grande e única vitória.

Tornei a vê-lo, sim. Como estava jovem... como eu envelhecera...

Seu olhar encontrou o meu e antes mesmo de um pedido de desculpas meu nome lhe veio aos lábios... No céu o mesmo sol de tantos dias passados... E êle estava ali... Só eu já não era a meninazinha de olhos cândidos de outrora, já não tinha nem mocidade, nem beleza, nem inspiração que lhe desse... E então senti que era chegado o momento de oferecer-lhe a última coisa que eu tinha para lhe dar: uma saudade bonita. Só feita de risos e de felicidade e até isto lhe dei. Fitei-o indiferente como se olha na rua uma pessoa qualquer que passa. Êle hesitou ainda, um segundo talvez. Depois seguiu rápido, caminhando firme e esquecido já do fantasma que lhe fizera recordar um nome, um vulto de mulher. O sol batia em cheio, iluminando a calçada por onde êle passava, um realejo tocava alegre uma música qualquer. Vi-o ainda sorrir. Para quem? Para a vida talvez. E pela última vez sorrimos juntos.

Tolice, minha amiga, não chore assim. Eu nunca chorei.

CABEÇA EM BRONZE

(Cont. da pag. 11)

nunca dispus de meios para ir à Riviera...

— Entretanto, êsse foi sempre teu sonho secreto, não foi?

E com um gesto fêz aparecer, num vasto prado de luz, a curva de uma estrada, com um poste indicador, no qual se lia: «Para Watendlath»; um «placard» de jornal que rezava: «Mussolini ataca a Inglaterra»; colinas verdes, uma corrente e nuvens rodeando uma enorme lua.

— Sim, sempre foi — confessou Margaret, num murmúrio. — Êsse e a cabeça em bronze verde.

— Cabeça de quem? — inquiriu Deus, estranhando.

Oh! De ninguém em particular. Simplesmente a cabeça colossal de algum herói em bronze verde escuro. Levei anos e anos pensando nisso. Via-me, eu mesma, criando-a com minhas próprias mãos... Creio que teria sido capaz de levar adiante o projeto, não fôsse... Quero dizer, eu estava ensaiando, foi então que apanhei um resfriado, sobreveio pneumonia e... eis-me aqui!

— Ainda há tempo de sobra — disse Jeová com doçura. — Aí estás, agora, onde sempre desejaste estar... Quanto ao teu trabalho, sempre foste uma artista sincera, embora não fôsses pròpriamente um gênio. Mas Donatello poderá dar-te uma ou duas lições...

Ao ouvir êsse nome, Margaret caiu de joelhos, olhos fitos na corrente, que se dirigia para Rosthwaite. A seu lado erguia-se um montículo de argila.

Uma voz fê-la estremecer:

— Nosso Senhor acha que eu lhe posso ser útil!...

Ela virou-se e deu de rosto com Donatello, gloriosamente nu. Êle ajoelhou-se a seu lado e, tomando de um pouco de argila, começou:

— Vamos ver. Cabeça de um herói em bronze verde...

ARABELLE a última sereia



Arabelle correu para bordo e passou no portaló, visivelmente contrariada, entre o comandante e «Flor-Azul», indo diretamente à sua cabine.



Dolorosos soluços a fazem sofrer, pensando na ingratidão de Pommier, por quem tanto se arriscara. O comandante e «Flor-Azul» estão perplexos.



«Flor-Azul» vai acalmá-la acariciando-lhe a cabeça e pede esquecer o ingrato que a desprezou tão cruelmente; mas Arabelle não se conforma.



«Flor-Azul» lhe fala: «Se me quer bem, embora não me ame, vamos viver como dois amigos. Eu a seguirei e a defenderei» — disse-lhe firmemente.



Bimbleton e Pommier correm ao navio e ali o comandante conhece o pai adotivo de Arabelle, sabendo então dos motivos da mágoa da moça.



Mas deixam de lado os amôres e Pommier vai apresentar ao comandante as ordens de prisão para todo o bando dirigido por Branca de Neve.



Bimbleton vai abraçar Arabelle e procura consolá-la. Partirão para a Califórnia e visitarão Hollywood, onde há muitas «estrêlas» à sua espera.



Mas Arabelle recusa despedir-se de Pommier antes de partirem do Rio de Janeiro e diz ao pai adotivo que detesta Pommier, que não o quer ver.



Nesse ínterim, Pommier interrogava tôda a «gang» algemada e conferia a lista de presos com o comandante. Todos os bandidos seriam recambiados à França onde seriam processados. Êle reconhecia que sua vitória era devida ùnicamente a Arabelle. «Flor-Azul» foi considerado sem culpa.



Bimbleton, Arabelle e «Flor-Azul» deixam o navio sem mais demora, a fim de evitar o assédio da reportagem da imprensa e dos fotógrafos.



Mas era tarde. A reportagem estava a postos e ela declarou: — Tenho uma comunicação a fazer a respeito do detective Jacques Pommier.»



E termino dizendo que todo o êxito alcançado nessa diligência policial contra os bandidos pertence exclusivamente ao detective Pommier...



Os repórteres acham que essa declaração de Arabelle é um belo presente que ela oferece a Jacques Pommier, em seu casamento próximo.



Ela se sente surpreendida. Como souberam de sua paixão? Arabelle está curiosa e não sabe como permanecer entre aquela multidão curiosa.



Bimbleton tenta remendar o caso, mas Arabelle, perturbada, procura fugir. Pega na mão de «Flor-Azul» e corre para longe, sem destino certo.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 42

A	O comandante; o cabeça	87	8	75	31	106		
B	Espádua	2	73	63	51	23		
C	Suavizar; mitigar, abrandar	93	22	115	42	3		
D	Habita; emprega, exerce	9	24	82	97	43		
E	Faltam com a verdade	83	65	121	1	111	96	
F	Prelado que governa uma diocese	99	14	58	119	32		
G	O natural ou habitante da Iduméia	120	15	25	113	95	53	
H	Empregas com muito empenho; esforças-te	114	4	66	27	44	52	81
I	Faça traços, riscos	64	109	89	20	50	16	
J	No dia em que estamos	36	59	10	94			
K	Notificas; fazes intimação	33	48	116	57	70	88	28
L	Cortou com serrote	90	12	41	100	77	21	
M	Possuiu	122	92	110	103			
N	Alardeie; mostre-se com ostentação	91	6	105	69	34	49	101
O	Orvalho	107	62	76	37	98		
P	Que falta com a fidelidade	47	17	84	72	68	112	
Q	Caminhou	5	78	60	40	123		
R	Ter obrigação; ter dívidas	74	117	13	55	108		
S	Amorteça (o som); cubra (para conservar o calor)	45	26	118	71	19		
T	Escritor de obra literária ou científica	80	104	18	30	124		
U	Gradeiam com ripas	85	61	46	125	29		
V	Fazem mexericos; tramam; fazem tecidos	39	11	102	67	54		
W	Rações diárias dos soldados	7	79	35	56	86	38	

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escreve-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

E 1	B 2	C 3	H 4	Q 5	■	N 6	W 7	■	A 8	D 9	J 10	V 11
■	L 12	R 13	F 14	G 15	I 16	P 17	T 18	S 19	■	I 20	L 21	C 22
■	B 23	■	D 24	G 25	S 26	H 27	K 28	U 29	T 30	■	A 31	F 32
K 33	■	N 34	W 35	■	J 36	O 37	W 38	V 39	Q 40	L 41	C 42	D 43
■	H 44	S 45	■	U 46	P 47	K 48	N 49	I 50	B 51	H 52	■	G 53
V 54	■	R 55	W 56	K 57	F 58	J 59	Q 60	U 61	O 62	■	B 63	I 64
E 65	H 66	V 67	■	P 68	■	N 69	K 70	■	S 71	P 72	B 73	■
R 74	A 75	■	O 76	L 77	Q 78	W 79	T 80	H 81	■	D 82	E 83	■
P 84	U 85	W 86	A 87	K 88	I 89	L 90	N 91	■	M 92	C 93	J 94	■
G 95	E 96	D 97	O 98	F 99	L 100	N 101	V 102	M 103	T 104	■	N 105	A 106
O 107	R 108	I 109	M 110	E 111	P 112	G 113	H 114	C 115	K 116	R 117	■	S 118
■	F 119	G 120	E 121	M 122	Q 123	T 124	U 125	■	■	Otener - Rio		

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 41 — DAVID DUNN. E' FACIL SER FELIZ. «De tôdas as dádivas com que podemos agraciar nossos amigos e vizinhos bem como tôdas as pessoas que encontramos em nossa febril faina diária, nenhuma talvez seja tão rara quanto a dádiva da tolerância.»

DIRCINHA BATISTA...

(Cont. da pág. 21)

Mas, voltando ao gerente, perguntei então que destino haviam dado ao automóvel.

— Foi "guinchado"...

Piorou tudo. Então é que fiquei sem saber de mais nada.

"Guinchado"?

Pensei mil coisas, menos no que realmente era.

Mas a essa altura, já o gerente havia compreendido que eu não sabia o significado daquela palavra e me explicou: A Inspetoria o havia rebocado. Que alívio!...

DIRCINHA E O CARNAVAL

— E quanto ao carnaval — perguntamos — que tem de bom?

— Eu estou imensamente satisfeita. Gravei apenas um disco, mas sei que está agradando em cheio. E para nós que cantamos por vocação, a maior alegria é ouvirmos o povo cantando nossas músicas. Até as crianças da vizinhança já cantam "A máscara da face" e a marchinha da touca.

A primeira é de Klecius e Cavalcânti, e começa assim: "Deixou, deixou, deixou. Deixou cair a máscara da face. Mostrou, mostrou, mostrou. Mostrou por fim que nunca teve classe..."

A música é muito gostosa e achamos mesmo que será mais um sucesso de Dircinha.

A "Marcha da Touca" é o tipo da melodia que todo o mundo gosta de cantar. E' fácil e com o jeito que Dircinha canta, qualquer um gosta. Aliás, ambas já estão bem conhecidas.

— Pretende gravar mais para o Carnaval?

— Sim, já gravei, mas ainda não foi distribuida: "Na casa do Adão" e "E' melhor morrer", de Haroldo Lôbo e Milton Oliveira.

— Mas sôbre a casa de Adão, parece-me que houve uma questão com a censura, não foi?

— Bem, houve, mas antes de ser gravada. Era por causa de um trecho da letra, mas foi modificado e agora está tudo azul.

— Que mais de novo tem você para comunicar aos seus fãs, em gravações atuais?

— A única gravação que Roberto Inglês fêz no Brasil: "Adeus, cinco letras que choram" e o samba de Carlos Araújo com música de Roberto Inglês, "Brasil".

UMA ESTRÊLA AO MEIO-DIA

— Quais os seus programas?

— Bem, no rádio tenho uma programação: "Recepção", no qual canto, narro e declamo. Nesse programa, às 21 horas de tôdas as quartas-feiras, homenageio um compositor e estudo suas músicas. Tenho também "Uma estrêla ao meio-dia" que, como diz o título, é executado às 12 horas tôdas as segundas-feiras. Também nesse programa narro, canto e declamo.

SE FICASSE RICA?

Íamos caminhando pela avenida Rio Branco, quando passando numa casa de bilhetes de loteria Dircinha parou e nos convidou a entrar.

— Vou comprar um envelope fechado, disse: Quero ver se tiro a sorte grande.

Aí estava um pormenor com o qual não contávamos. Mas, a estrêla é como todo o ser humano. Também confia na sorte...

Depois de comprar o bilhete, perguntamos a Dircinha, o que faria se aquêle bilhete estivesse premiado.

Olhou-nos bem e depois disse: — compraria uma grande fazenda. Mas não deixaria de cantar, não. Apenas viveria mais tempo em contato com a natureza.

AS VOLTAS COM A MODA

As mulheres, como é natural, vivem sempre às voltas com a moda. Por mais belas que sejam nunca dispensam uma boa costureira. Muitas vêzes êsse é um problema dificílimo. Todavia, para Dircinha êsse problema não existe. E isso se explica.

Há muitos anos que Domingas é a modista de Dircinha. E é ela quem escolhe a fazenda. A estrêla confia no gôsto de sua modista e com isso se livra de grandes aborrecimentos. E' verdade que Dircinha dá opinião, mas, sempre coincidem os gostos de ambas.

UMA TARDE NO RÁDIO

Passamos algumas horas com a estrêla na rádio onde trabalha. Ali vimos como é querida. Não só pelos fãs que são inúmeros, mas pelos próprios colegas. Seu gênio alegre convida aos que a cercam a ficarem alegres também.

Enfim, acabamos como começamos, dizendo... Dircinha é um amor.

OS NOVOS CARDEAIS

(Cont. da pág. 26)

afirmação pujante de sua perene perpetuidade através dos séculos, com todos os seus membros sob a chefia espiritual de Pio XII.

As insínias cardinalícias fazem parte da mesma história milenar da Igreja. Cada veste tem o seu simbolismo. O chapéu vermelho data da Idade-Média. O privilégio de usá-lo foi conferido aos cardeais pelo Papa Inocêncio IV. A capa magna com uma longa cauda é feita com sêda de gorgurão revestida de arminho na parte superior. O chapéu é fabricado com lã vermelha, de abas largas e redondas com 15 borlas. A côr vermelha usada pelos cardeais significa o poder de que são investidos como príncipes da Igreja. A mitra de sêda branca, a dalmática de sêda bordada descida até aos joelhos, as luvas bordadas e as sandálias completam o rico guarda-roupa de um purpurado.

O Vaticano outorga ao cardeal recém-sagrado o título de vigário de uma das igrejas de Roma; o anel cardinalício engastado com esmeralda e o "capello" são igualmente ofertas do Estado Pontifício.

No Consistório de janeiro foram eleitos pela primeira vez os cardeais do Equador, Colômbia, Índia e Iugoslávia. O Brasil teve a oportunidade de mais um cardeal, na pessoa do Arcebispo Primaz da Bahia, D. Augusto Álvaro da Silva. Foram agraciados pelo Papa o Primaz da Hungria, Josef Mindszentz, o Arcebispo da Polônia, Stefan Wysynski e o Arcebispo da Iugoslávia, Aloysius Stepinac. Nenhum dêles pôde comparecer ao Consistório, porquanto se encontram pagando penas em seus países.

Voltando às suas pátrias continuarão os novos representantes do Vaticano a desfraldar a bandeira do Pontificado. São os continuadores no tempo daquela dinastia espiritual que há vinte séculos nasceu na cumeeira sangrenta do Gólgota. E' a palavra do Cristo a Pedro: "Eis que estarei convosco até a consumação dos séculos"... "E a barca do pescador segue o curso das idades, sem nunca soçobrar!"

PUXE PELO CÉREBRO

RESPOSTAS AO TESTE

1—Rural
2—143
3—Rasa
4—24
5—Da Madeira
6—Capitão-mor (nunca foi almirante)
7—Santa Luzia
8—Tomé de Sousa
9—Villegaignon
10—Catarina da Áustria (avó de D. Sebastião e regente de Portugal)
11—Na Urca, perto do forte de S. João
12—Estácio de Sá
13—1565
14—Santa Rita Durão
15—Nos Capuchinhos (Haddock Lôbo).

QUEM DISSE ISSO?

RESPOSTAS:

1 — O senador Zacarias, a José de Alencar, na questão da pronúncia do jornal londrino **Pall Mall Gazette**.

2 — Rodrigues Alves.

3 — Castro Alves, rebatendo críticas de um invejoso à sua poesia «Rezas».

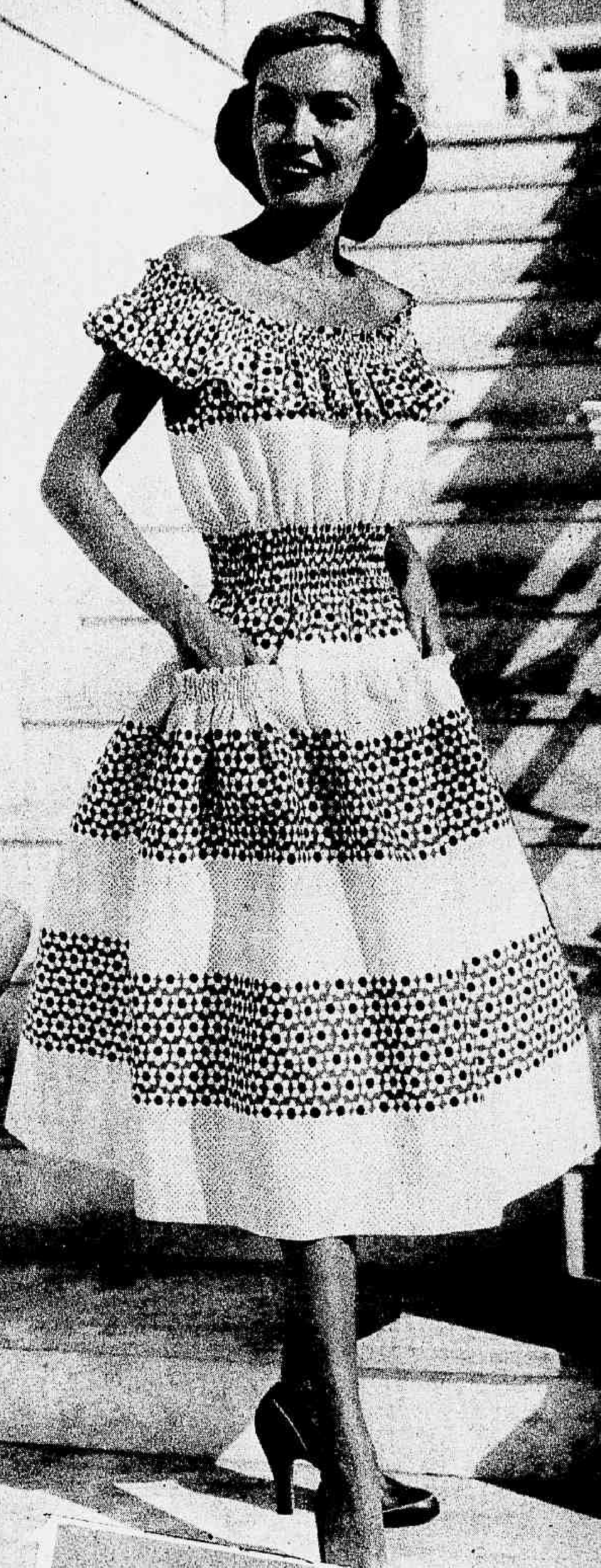
4 — Epitácio Pessoa ao descer de Petrópolis quando da revolução do forte de Copacabana.

5 — Manuel Bekman, ao subir ao patíbulo.

Um vestido muito fresco, em tecido de algodão. Cintura elástica e franzido na saia, na altura dos bolsos embutidos. O babado que contorna o decote, pode ser usado levantado ou caído nos ombros.

Em tecido mescla de linho é êste original modêlo sem mangas, com abertura em V no decote, e golinha alta. A saia, com bôlso de um só lado, é adornada com aplicação de estrelinhas brancas.





VERÃO

verão...



ELEGANTE CRIAÇÃO de Montorsi — de Roma — em algodão branco e negro. A parte em negro forma uma espécie de avental, contornado por margaridas bordadas em ponto cheio. Saia bem ampla.



Conjunto para a praia, composto de short liso com blusinha listrada e uma saia pregueada aberta na frente. Cinto bem largo, botões de vidro completam elegantemente o conjunto.



Bonito modêlo em algodão estampado suiço, apresentado por Pat Premo, figurinista famoso da Califórnia. A saia é ampla e a blusa, com decote quebrado, muito em moda.



Em algodão listrado, é êsse modêlo sem mangas, com um bonito laço em vez de gola. Criação de Simplicity. Mangas bem curtas e saia ampla caracterizam o modêlo.



Saia e blusa, a caracteristica mais marcante da atual moda estival. Êste modêlo, com blusas de mangas muito curtas, na côr das listras em diagonal da saia.

verão...





Para aquelas que precisam de "mais um pouco" na silhueta, êste modêlo de Cole, da Califórnia, inspirado nas "fofocas" infantis, vai maravilhosamente bem. O modêlo poderá ser executado em algodão estampado, em vermelho, azul e branco.

Para a praia, elegante jaqueta em algodão branco com pastilhas negras, usada com um short negro, de linho ou lonita. Notar a originalidade da bainha larga em que termina a blusa, êste modêlo é sem dúvida bastante prático e elegante.

Grande multidão foi ao Baile dos Artistas ★ Fantasias que nasceram no palco ★ O cordão dos fotógrafos no sereno ★ Amanhecendo o dia: ônibus virando para a zona sul ★ Pouca roupa: calor ou existencialismo?

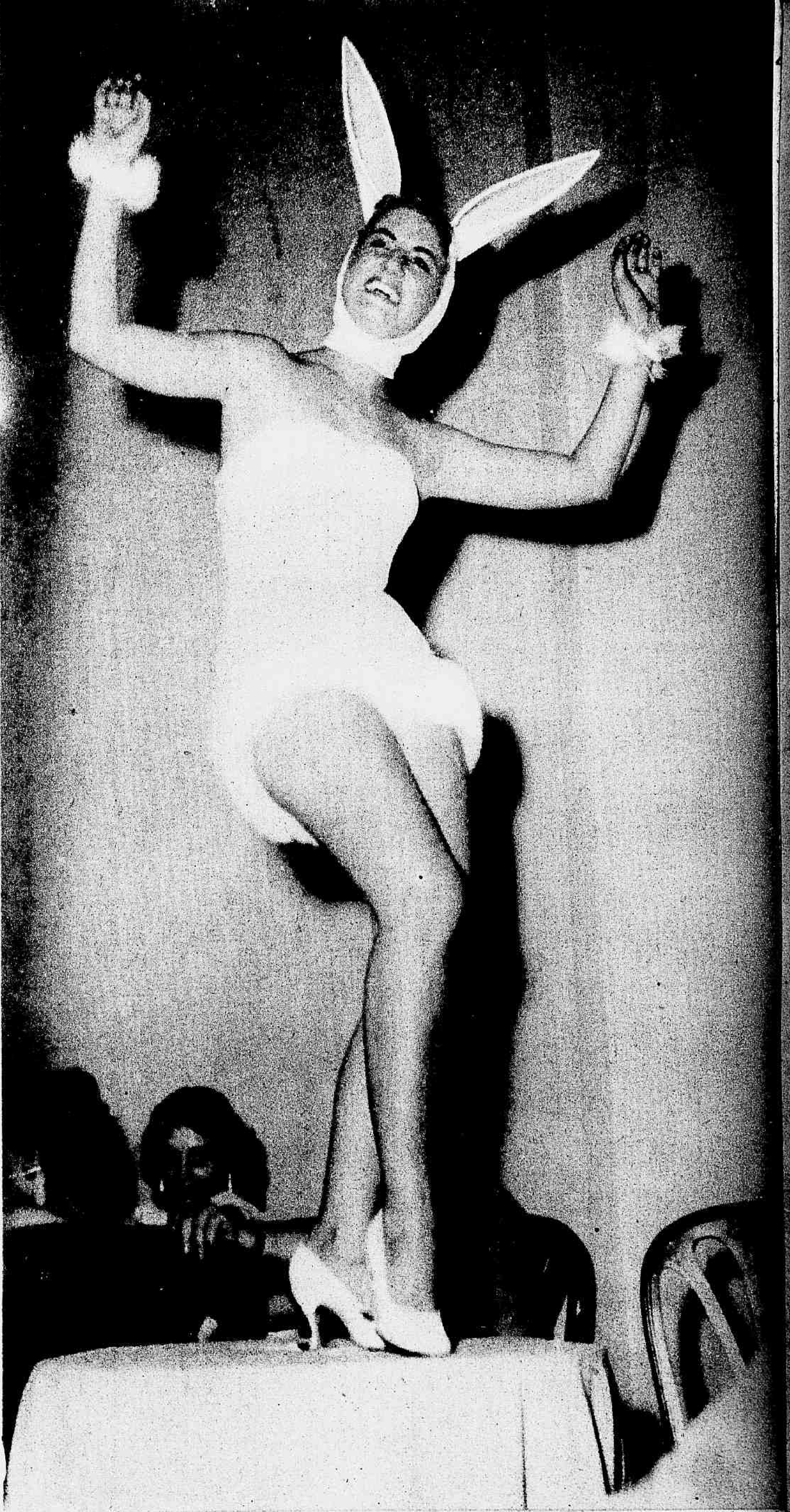
O Baile dos Artistas ficou famoso como o que apresenta as fantasias mais originais. O guarda-roupa do ano inteiro de trabalho inspira e favorece o material variado que depois vira fantasia. Mas também é famoso como o baile da pancadaria. Polícia Especial não é fantasia, não. Mas, segundo tudo indica e segundo os privilegiados que foram até lá nos contaram, a coisa êste ano estêve mais serena. Algumas garrafas voando do terraço para o meio do asfalto mas sem maiores conseqüências.

Animação — dizem — foi mato. Fantasias esquisitas, bastante. E o fim foi mais do que de madrugada, foi mesmo de manhã. Os guardas do trânsito permitiram que os ônibus e lotações das linhas da zona sul que iam para a Central pudessem fazer a curva ali mesmo para poder levar os foliões para casa. Êste fato é um índice seguro do entusiasmo e da resistência física do carioca.

Os Artistas têm costas largas. Muitos foram e eram artistas de verdade, outros bancaram. Mas como no carnaval vale tudo... Temos que aceitar essa insinuação. Entre outras coisas vimos um cordão muito animado: o cordão dos fotógrafos que dançaram com suas máquinas entre o paredão do grande edifício e o mar e as palmeiras da praia do Russell. Na nossa página dupla-central os leitores encontrarão alguns aspectos da decoração tomados nas vésperas do baile.

A MOÇA, COMO se diz no interior, a «boa», como se usa aqui, subiu na mesa e, contra tôdas as previsões, dessa mata saiu coelho. A pirataria durante o ano é acusação feita aos maridos. Mas no carnaval elas se espalham.





NO BAILE DOS ARTISTAS



NÃO é um afresco de Pompéia impróprio para maiores. E' no Glória



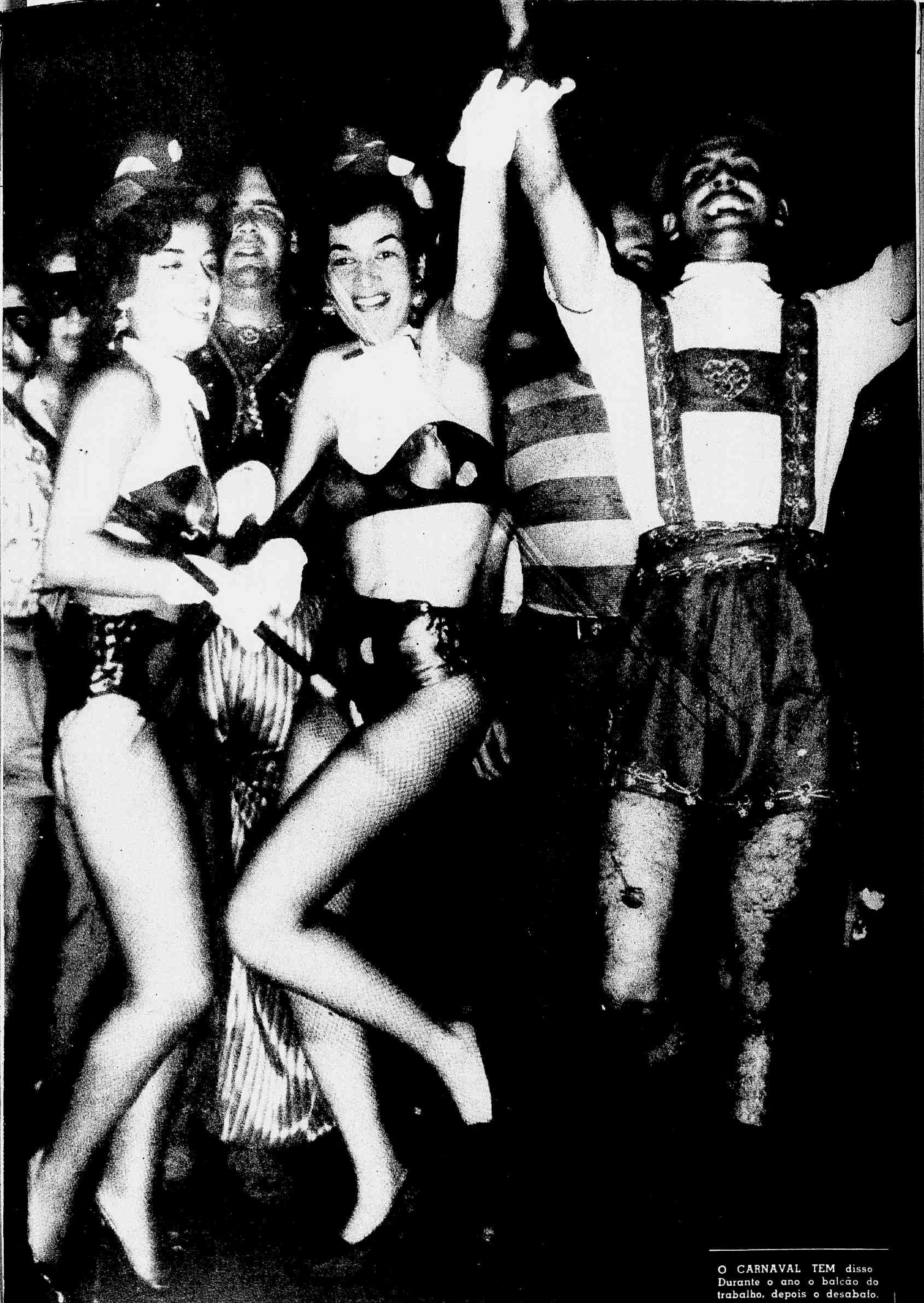
ONDE O BRÔTO atende ao fotógrafo, ao vizinho do lado e ao gostosão.



CARNAVAL antigo, com máscaras de assustar, ao lado do de hoje: o nu.



ÊSTE SENTOU. Parece que disse consigo mesmo: Que é que há?



O CARNAVAL TEM disso
Durante o ano o balcão do
trabalho, depois o desabafo.

FLAMENGO CARNAVALESCO



«Má Vontade», curiosa fantasia. Bloco do «Renascença Futebol Clube»



DOMINGO, oito de fevereiro, quando se iniciava a semana pré-carnavalesca, o Flamengo deu a nota com um banho à fantasia que arrastou milhares de espectadores para admirar as evoluções de cordões e clubes da folia das terras cariocas. A praia foi pequena para a concorrência, estendendo-se a grande multidão por tôdas as ruas adjacentes e transversais, emprestando ao elegante bairro um aspecto festivo e de generalizada alegria. Dia claro, sol brilhante, com a baía de Guanabara convidando para a beira-mar e diversões ao ar livre, os apaixonados de nossa maior festa popular estavam felizes, a cantar, a dançar, a divertir como senhores do mundo, esquecendo as complicações nacionais e internacionais. O Carnaval no Flamengo sempre se caracterizou por êsse entusiasmo que a todos contamina, e o banho à fantasia dêste ano foi a continuação do sucesso dos anos anteriores, como se poderá ver pelas fotos que estampamos nesta página.



E aqui vão êles de «capa e espada», numa cena da «Guerra Holandesa».



Elas também deram a nota, como vemos por esta linda porta-bandeira.



O «Bloco Carnavalesco Unidos da Lapa» mobilizou seu pessoal e se espalhou pelo Flamengo, cantando e dançando ao som de boa música.



O «Unidos da Lapa» homenageia o Turfe Brasileiro, recebendo aplausos.



Um brotinho que se diverte no bloco do «Renascença Futebol Clube»



A Rainha do Carnaval entre suas princesas, as quatro melhores colocadas: Aida Salas, Dulcimar Santos, a Rainha em pessoa e à esquerda Ivana Rodrigues e Lucemir Dias. Um conjunto capaz de fechar o comércio mesmo sem ser no carnaval. Em baixo, o ex-prefeito Mendes de Morais abraça Sílvia.

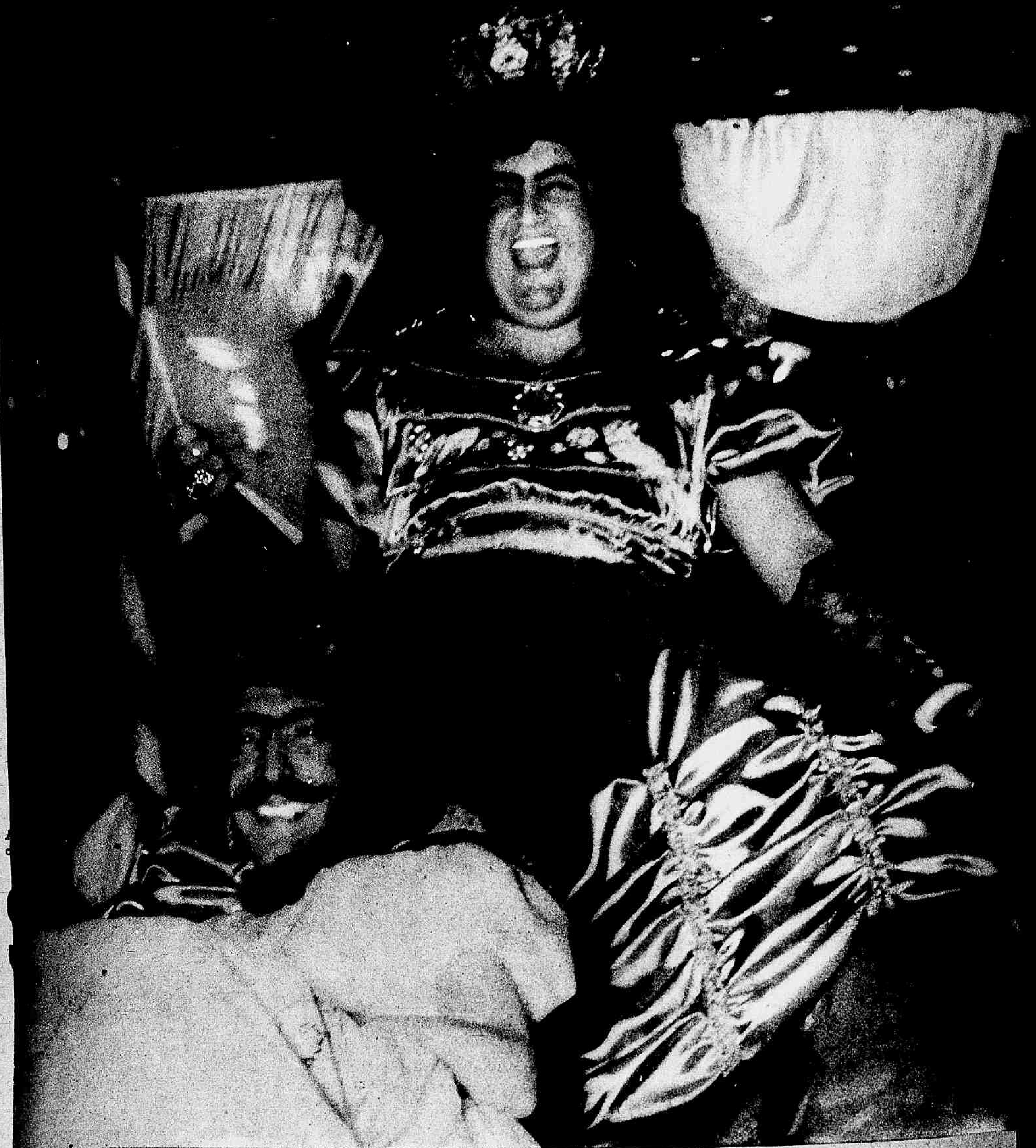
SUA MAGESTADE A RAINHA



O Carnaval carioca — legítimo reinado da folia — não poderia passar sem ter uma rainha já que tem o rei Momo I e Único. E, como previramos, Sílvia Fernanda, que era nossa candidata preferida, mereceu a maioria dos votos dos juízes que tiveram insônia e problemas de consciência para escolher entre tantas belas a mais graciosa. Presididos os trabalhos de apuração pelo General Mendes de Morais travara-se nas urnas (de voto secreto) uma luta tremenda entre a Rainha e uma de suas atuais princesas: Ivana Rodrigues. Mas mais pode a atraente modêlo e «girl» de uma de nossas «boites». Sua vitória foi, portanto, a mais merecida. Quando soube quase desmaiou. A Associação de Cronistas Carnavalescos andou acertada na escolha. O povo gostou de um palmo de rosto bonito. E no caso de Sílvia Fernanda ainda há mais: uma plástica perfeita e todo o seu conjunto soma as características da mulher brasileira e a graça e o sorriso de uma carioca que alegra a paisagem e ajuda a gente a viver.



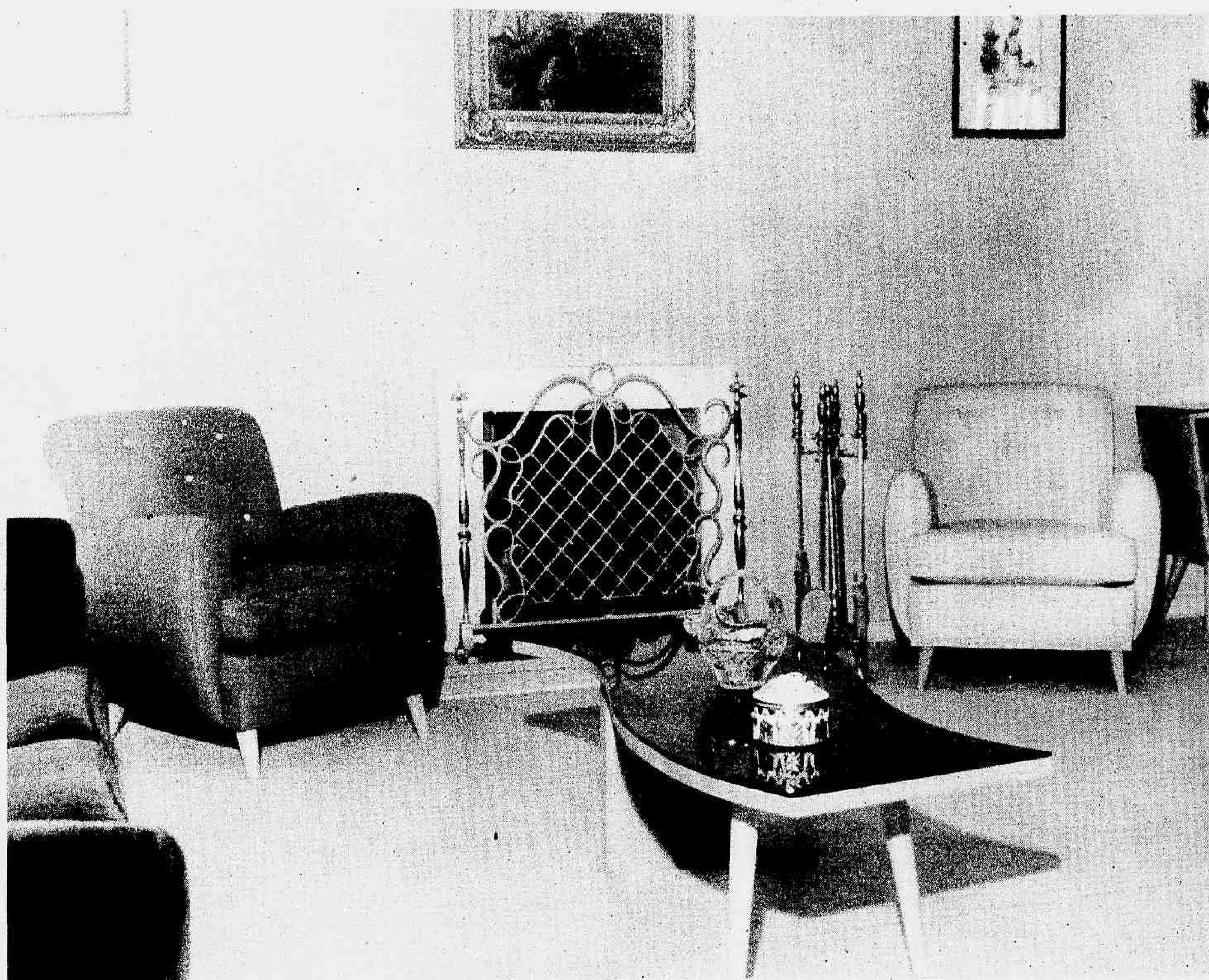
Um sorriso assim mostra que esta terra carioca tem fibra, porque apesar dos pesares faz gala do seu bom-humor. Mesmo depois de passado o Carnaval permanecerá a majestade.



ÚLTIMO FLASH

COM a chegada da Rainha Moma, Frederica Coração de Leoa, ao cais do pôrto, o carnaval tomou impulso. Foi a largada da folia. O desembarque deu-se com a escolta de cavalaria que aguardava S. M. e seguiu pela Avenida como de costume. O povo aplaudiu os foliões do Cordão do Bola Preta, acompanhando o cortejo a pé e nos automóveis abertos que recordaram o carnaval de antigamente com o clássico corso. Uma das caracteristicas do desfile foi a iluminação própria de todos os carros alegóricos que levavam de reboque um pequeno motor à gasolina. Isto vem demonstrar que contra o espírito carioca não há rio Paraíba que possa. Na altura da Avenida Passos o carro de Sua Majestade, a Rainha Moma, Frederica Coração de Leoa, enguiça. Mas o ânimo real não desfaleceu. Os cordões começaram a batucar em volta do grande carro que levava o trono, enquanto se consertava o desarranjo. Os nossos leitores encontrarão nos próximos números da REVISTA DA SEMANA, principalmente nos de 28-2 e 7-3, a mais perfeita cobertura do grande acontecimento que é o carnaval que alegra gregos e troianos e ainda nos traz as divisas que saltam do bôlso dos turistas.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO





UM PRODUTO SOUZA CRUZ